U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A Quinta do Pinhão
A (Re)Construção de um Lugar

Catarina Rodrigues Soares

M

2024

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITETURA

A QUINTA DO PINHÃO

A (Re)Construção de um Lugar

Catarina Rodrigues Soares
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientada pelo Professor Doutor José Alberto Abreu Lage
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto| 2023/2024

Nota Prévia:

A presente dissertação foi escrita segundo as regras do novo Acordo Ortográfico, porém, poderão existir exceções, como no caso das citações, onde se opta por transcrever exatamente como no texto original.
As citações presentes no corpo do texto são escritas em português com tradução livre da autora.
As imagens apresentadas foram dimensionadas, cortadas e tratadas, sempre que se justifica e têm a respetiva legenda no índice iconográfico.

Agradecimentos

Ao meu professor, Alberto Lage, pelo profissionalismo com que orientou este trabalho de dissertação, pela partilha de conhecimentos, pela disponibilidade e amparo às tantas inquietações.
Ao Senhor Alexandre e esposa, por toda a paciência, pelas visitas à quinta e inúmeras conversas.
Aos meus pais, pelo apoio, carinho e paciência incansáveis, mas acima de tudo por acreditarem sempre nas minhas capacidades e me darem a oportunidade de realizar este curso.
À minha irmã, minha maior fonte de inspiração, por me incentivar e ser o apoio mais certo nestes longos anos.
Ao Hugo, com uma admiração desmedida, por ser o espaço mais seguro e bonito desta viagem.
Aos meus padrinhos, tios e primos, por serem um exemplo e por me incentivarem a nunca desistir.
À minha segunda família, Jacarés seniores e crianças, pelas memórias e bons momentos que me proporcionaram nesta caminhada.
À Lúcia, o meu eterno obrigado, por toda a paciência, pelas longas tardes e noites de estudo, pelo constante incentivo e ajuda.
Ao Diogo e à Bea, irmãos do coração, por serem o ombro amigo mais certo ao longo destes anos.
À Carlota pela preocupação, pelos jantares e por todo o carinho.
À Silvi e à menina Isabel, por toda a motivação em tempos de entrega e pelas palavras de conforto.
Ao Professor Delfim, pelos conhecimentos transmitidos e por me acompanhar e incentivar em todas as etapas académicas.
À minha família e amigos, de quem abdiquei de tempos preciosos.

A todos um muito e sincero obrigado.

Resumo

A presente dissertação, apresentada enquanto último projeto em contexto académico, procura entender a identidade do lugar e a relação entre arquitetura e paisagem, através de uma abordagem prática, pela realização de uma estratégia projeto.

Tomando como base estes temas e sendo este um trabalho que parte de uma circunstância física real, procura-se documentar o estudo e o processo de intervenção numa propriedade, de forma a responder ao novo programa solicitado. Neste sentido, pretende-se refletir sobre o modo de (re)construir num lugar, mediante a execução de um projeto adequado às necessidades locais. Deste modo, as investigações teóricas sobre os conceitos de lugar, paisagem, natureza e evento, desenvolvem-se ao longo de todo o processo e servirão de base teórica para fundamentar as decisões de projeto.

Pretende-se apresentar um ensaio de projeto na Quinta do Pinhão, onde tanto o lugar como a paisagem são atores principais. A propriedade delimita-se num terreno com aproximadamente sete hectares e localiza-se na Freguesia de Pedroso e Seixezelo, no concelho de Vila Nova de Gaia. Pertence há mais de cem anos à família Dias Ribeiro, e é desde a saída do último herdeiro até à atualidade que a propriedade se encontra desabitada e em estado de degradação. A escolha deste local baseou-se nas suas características naturais e patrimoniais e reflete, para além de um interesse pessoal, um interesse académico devido a explorar relações entre o construído e a natureza. Pretende-se contribuir para a estruturação e desenvolvimento do território, sabendo que existe uma responsabilidade de atuar sobre a história de um edifício. Assim, propõe-se a reconversão da propriedade num espaço de usufruto coletivo que funcionará como uma quinta de eventos.

A fim de questionar várias temáticas, já enunciadas, sob a forma teórico-prática, o objetivo desta dissertação passa por dar resposta às necessidades de um novo programa, das circunstâncias do lugar e das estruturas preexistentes.

Palavras-chave: Arquitetura, Reconstrução, Lugar, Paisagem, Património.

Abstract

The present dissertation, presented as the last project in the academical context, seeks to understand the identity of the place and the relation between architecture and landscape, though a practical approach, by designing a construction project strategy.

Bounded by these subjects and having in mind that this paper is born from a real physical circumstance, it aims to document the study and intervention process on a property, in order to be able to answer the solicited program. Accordingly, it intends to reflect about the way to (re)construct on a site, through the execution of a project suited to local needs. This means that the theoretical research about the various concepts of place, landscape, nature, and event, will continue throughout the whole process and will be key to substantiate the project's decisions.

The goal is to present a project rehearsal at Quinta do Pinhão, where both place and landscape are the main characters. The property is about seven hectares long and it is located in parish of Pedroso e Seixezelo, in Vila Nova de Gaia. It belonged to the Dias Ribeiro family for over a hundred years, but since the departure of its last heir and to this day, the property is uninhabited and in ruins. The choice of Quinta do Pinhão was based on its natural and patrimonial characteristics; and it reflects, aside from a personal interest, an academical interest, due to the relation established between construction and nature. The objective is to contribute to the structuring and development of the territory, knowing that there is a responsibility to act on a building's history. Therefore, the reconversion of the property in a space of collective usufruct that will serve as an event farm is proposed.

In order to question the several themes already pointed out, taking a theoretical-practical approach, the goral of this dissertation is to answer the needs of a new program, the circumstances of the place and the already existing structures.

Keywords: Architecture, Reconstruction, Place, Landscape, Patrimony.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **9**

Objeto de estudo 10
Objetivos 10
Motivação e Pertinência 12
Metodologia e Estrutura 13

CAPÍTULO 1

| PENSAR A QUINTA DO PINHÃO: REGISTO E CONDIÇÃO **15**

1.1. O LUGAR 17
1.1.1. Contexto e circunstância: o território, o edificado e a paisagem. 17
1.1.2. Os proprietários: história e herança 23

1.2. A APROXIMAÇÃO E ANÁLISE 25
1.2.1. Levantamento arquitetónico 25
1.2.2. Caracterização do existente 27
1.2.3. (Re)Viver o passado 31

CAPÍTULO 2

| UMA APROXIMAÇÃO À NARRATIVA CONCEPTUAL **35**

2.1. AS QUESTÕES DA "IDEIA DE LUGAR" 37

2.2. A RELAÇÃO ENTRE ARQUITETURA E PAISAGEM 43

2.3. O EQUILÍBRIO ENTRE A ARQUITETURA E A NATUREZA 47

2.4. O EVENTO NA ARQUITETURA 51

CAPÍTULO 3

| INTERVIR NO LUGAR **55**

3.1. AS QUESTÕES DO PATRIMÓNIO 57
3.1.1. Hipóteses e referências de projeto 61
- Casa e Quinta da Covilhã, 1973-1976 63
- Casa Primo Madeira e Anexos, 1986-1987|1993 65
- Casa de Férias Quinta da Cavada, 1989-1990 67
- Casa de Pardelhas, 1993-1999 69
- Quinta do Ribeiro, 1992-1996 73
- Quinta de Bouçós, 2011-2008 75
3.1.2. Reflexão sobre as oportunidades de intervenção 77

3.2. APROXIMAÇÃO À IDEIA DO LUGAR 79
3.2.1. À procura de uma identidade 79
3.2.2. Construção do programa 83

CAPÍTULO 4

| A CONSTRUÇÃO DO LUGAR **87**

4.1. ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO - ESPAÇO, FORMA E FUNÇÃO 89

4.2. NOVA QUINTA DO PINHÃO – PROJETO 93

Considerações Finais **102**
Referências Bibliográficas **104**
Lista e Créditos de Imagens **106**
Anexos **113**



[1] O lugar do projeto com a envolvente próxima



INTRODUÇÃO

Objeto de estudo

Neste momento de realização da dissertação e surgindo em modo de finalização e reflexão de um percurso académico, pretende-se compreender a arquitetura para a (re)construção de um lugar. O ponto de partida é feito com base em entender as questões do lugar, paisagem e arquitetura, temas fundamentais que acredito que estarão presentes na vida ativa enquanto arquiteta.

Sendo o objeto de estudo caracterizado pela investigação da (re)construção de um lugar, surgiu a oportunidade de estudar e intervir no território onde cresci e resido que, de certa forma, estimularam a vontade de desenhar arquitetura da qual, também, poderei usufruir. Para além deste interesse particular ser já parte da motivação para a realização deste trabalho, compreende-se a responsabilidade em intervir num lugar e num património construído. A escolha de uma dissertação de natureza teórico-prática parte desta intervenção, onde será possível intervir no existente e na paisagem. Deste modo, pretende-se dar materialidade a estes conceitos, numa aproximação à prática de projeto, apresentando-se uma proposta para a Quinta do Pinhão.

Objetivos

Sendo a relação entre natureza e arquitetura uma constante, estabelece-se como principais objetivos desta dissertação perceber de que forma o arquiteto deve intervir no local e de que modo deve pensar numa arquitetura de integração com o lugar e a paisagem no território. Assim, pretende-se dar resposta à proposta de intervenção, onde vão ocorrer diversas atividades, com objetivos diferentes.

Com o desafio de repensar a preexistência e a intenção de conservar todas as experiências e sensações que o sítio e os espaços transmitem, a estratégia será de pensar numa diversidade de espaços que permitem dar uma outra dinâmica e vivência ao território em análise. É certo que nos últimos anos assistiu-se à degradação e abandono do conjunto edificado. Consequentemente a intervenção passará por recuperar a preexistência conjugando-a com o novo programa, a fim de dotar o conjunto de uma nova atmosfera.

A Quinta do Pinhão localizada num terreno extenso, propõe-se a reconversão da sua função residencial num espaço para eventos. A intenção passa por criar um conjunto de espaços para ocorrerem eventos com objetivos comuns. Sendo este um projeto de reconversão, pressupõem-se a sua ampliação, para assim se afirmar a sua verdadeira dimensão, bem como dar resposta a um singelo programa. Preservando o desenho original da casa e tirando partido do valor intrínseco e das marcas do tempo, pretende-se criar pontes entre o existente e a nova intervenção.

Atendendo às necessidades e exigências programáticas e compreendo que este se encontra atualmente desadequado ao pedido, será necessário criar novas estruturas. Posto isto, e na tentativa de condensar toda a informação e ideias iniciais, a nível programático pretende-se criar três áreas principais. As áreas coletivas, essencialmente, de maior convívio e circulação, que abrangem um átrio, zonas de bar e cafetaria com espaços de apoio de estar e uma sala polivalente. A área privada, que vai conter a zona dos quartos, mais reservada e de descanso. Por último, a área de serviços, essencial para dar suporte e garantir o bom funcionamento de todos os espaços. Aliados a estes, e num olhar mais amplo, compreende-se que às áreas exteriores são extensas e complexas, de um modo geral, prevê-se a criação de novas zonas ajardinadas com espaços de estar, uma piscina e um parque de estacionamento.

Ambiciona-se uma maior capacidade de flexibilidade na criação ou reconfiguração dos espaços, serão assim pensados espaços neutros e polivalentes no seu uso, localização e acesso, temas que irão ser referenciados, explicados e ensaiados ao longo desta dissertação. Apesar desta vontade, a proposta de intervenção para este lugar contribuirá, por um lado, para a preservação das estruturas preexistentes e por outro permite oferecer uma nova dinâmica urbana ao território próximo. Assim, a intervenção neste caso de estudo pretende potenciar os valores paisagísticos e arquitetónicos deste lugar.

Para entender como estas vontades podem ser postas em prática, e tendo a enorme responsabilidade de trabalhar sobre um terreno com grandes dimensões, surgirão uma série de questões no decorrer do desenho de projeto. Deste modo, sendo este um trabalho teórico-prático, serão postos em questão alguns conceitos e reflexões em torno de obras e autores, que servirão de referência e que vão permitir dar forma ao projeto, na relação entre o lugar, paisagem e programa.

Sintetizando, os objetivos serão o ponto de partida e ao mesmo tempo chegada, representam um suporte para dar resposta ao projeto e passam por:

Compreender o conceito de lugar, paisagem e. natureza, na procura de os relacionar e dar forma a uma ideia. Abordar a noção de evento em arquitetura, como resposta a uma variedade de questões que gravitam em torno do propósito da intervenção. Formular um entendimento do impacto da relação próxima entre arquitetura e paisagem, de forma a permitir a construção de uma nova atmosfera. Entender o conceito de património, de que forma foi evoluindo e como devemos agir perante um objeto com valor patrimonial. Procurar abordar a dualidade arquitetura, paisagem e património na procura de compreender a inserção da proposta, na tentativa de criar um diálogo com a memória do lugar. Por fim, será relevante refletir em torno de projetos que cruzem estas questões de património e lugar, como suporte, para conseguir devolver a habitabilidade à Quinta.

Motivação e Pertinência

A proposta de projeto surge, como já referido, através do convite de um parente, que sabendo que me aproximava do término do curso, e sendo já um sonho de longos anos, atenciosamente me desafiou e propôs trabalhar sobre um lugar, na qual a minha família tem bastante afeto e carinho.

O requerente pretende o desenvolvimento de um projeto de (re)construção e reconversão de uma preexistência e a introdução de novas estruturas, para se adaptar e corresponder ao pedido de uma Quinta de eventos. Para este efeito, o trabalho incide na Quinta do Pinhão que se localiza na Senhora do Monte, na Freguesia de Pedroso e Seixezelo. Esta delimita-se num terreno de sete hectares e as suas construções encontram-se num estado de degradação avançado. Apesar disso, esta tinha uma influência grande para os habitantes desta região, estes participavam na maioria das festividades que aqui ocorriam, incluindo membros da minha família, daí a sua forte ligação para com a mesma.

Também eu nasci e resido na Senhora do Monte e, desta forma, acompanhei, bem de perto, o abandono e por consequência o estado de decadência em que se encontra a Quinta do Pinhão. Pelo facto de a minha casa ter vista sobre a mesma, e por a poder observar todos os dias, reconheço que esta proximidade e conhecimento do terreno me trazem uma certa vantagem para conseguir intervir. Para além disto, o contacto próximo com o cliente permitiu-me ter uma certa liberdade em todo o processo.

A pertinência desta escolha motiva-me pela falta de utilidade e estado devoluto em que se encontra a Quinta, e pela importância que reflete para o futuro. A decisão é apoiada, também pelo vínculo à região, com o desejo que através do desenvolvimento deste trabalho consiga contribuir para o seu enriquecimento e crescimento. Aliado a esta motivação pessoal e num exercício de retrospetiva de um percurso académico, a procura por dar resposta a um lugar foi sempre o que me levantou mais inquietações. Assim, foi possível transpor o tema para a realidade neste exercício de intervenção, consolidando e levantando questões sobre a construção de um lugar.

Metodologia e Estrutura

Na metodologia, o desenvolvimento da dissertação irá refletir uma constante relação entre a componente teórica-prática e desenvolvimento das opções de projeto. Assim, o trabalho será estruturado em quatro partes.

A primeira parte, intitulada de Pensar a Quinta do Pinhão: registo e condição, destina-se à contextualização, de forma a enquadrar e a localizar o terreno da mesma, dando início à problemática da relação entre lugar, arquitetura e paisagem. Neste capítulo pretende-se, conhecer todas as características físicas do lugar, através do levantamento arquitetónico, da caracterização construtiva e da análise do seu estado de conservação. Pressupõe-se o estudo do seu contexto atual, mas, particularmente, da sua história, no sentido de compreender a relação com o território e os acontecimentos que por lá decorriam. A reflexão sobre todos os elementos escritos e desenhados, neste capítulo serão a base e o fundamento para identificar as diretrizes de intervenção no objeto de estudo.

A segunda, parte de uma abordagem teórica em torno do estudo dos conceitos de lugar, paisagem, natureza e evento, relacionando-os paralelamente com a arquitetura, com base em apontamentos de diferentes leituras e obras. Assim, faz-se uma pesquisa e recolha de elementos bibliográficos e referências de obras e autores, de modo a criar uma estratégia de investigação sobre os temas.

A terceira parte serve para pensar o projeto, expõe a análise mais pormenorizada da Quinta e das suas circunstâncias, permitindo uma aproximação à estratégia e aos métodos de intervenção. De forma a conseguir contruir o programa e a pensar sobre as questões do património, faz-se uma escolha de diversas referências que serviram de base para definir um programa, pertinente à escala e dimensão do lugar. A escolha destes projetos recai sobre a necessidade de intervir numa preexistência em condições devolutas, atribuindo-lhes um novo uso, criando novas relações e um novo propósito que permitem compreender as analogias entre o construído e a natureza. As obras servirão, ainda, de apoio, para perceber de que forma o lugar e a paisagem servem como argumento para pensar o espaço futuro de eventos. Este capítulo serve como resposta teórica às problemáticas abordadas anteriormente e também de fase de transição para a apresentação da proposta.

O quarto e último capítulo é referente à parte mais prática do trabalho, reflete o cruzamento dos conhecimentos teóricos adquiridos com a análise aprofundada do caso de estudo. Desta forma, este capítulo aborda a proposta final, com a representação dos respetivos desenhos de forma detalhada, justificando assim a problemática inicial do papel da arquitetura na relação entre o Homem e a natureza dando uma nova função à Quinta do Pinhão.

Por fim, apresentam-se as considerações finais, onde se fará uma síntese dos capítulos e dos conceitos abordados, com base num caso de estudo que remete para a (re)construção de um lugar.



[2] Vista aérea próxima sobre uma parte do terreno da Quinta



CAPÍTULO 1

PENSAR A QUINTA DO PINHÃO: REGISTO E CONDIÇÃO



[3] Imagem Google Earth de 2022, onde se destacam as freguesias de Vila Nova de Gaia com foco na localização da Quinta do Pinhão

1.1. O LUGAR

1.1.1. CONTEXTO E CIRCUNSTÂNCIA: O TERRITÓRIO, O EDIFICADO E A PAISAGEM

O lugar na qual se propõe elaborar uma estratégia de projeto, apresenta-se numa área de sensivelmente sete hectares e localiza-se na Senhora do Monte, Freguesia de Pedroso e Seixezelo, no Concelho de Vila Nova de Gaia. A escolha da Quinta do Pinhão, surge através de um parente que reside na mesma localidade e anseia desenvolver uma Quinta de eventos para o local. Para além deste pedido, a escolha desta natureza, da parte prática, reflete a oportunidade de trabalhar num terreno com um forte enquadramento na paisagem, e num edifício, atualmente devoluto, que apresenta uma oportunidade de desenvolvimento de espaços públicos e de vivência para os habitantes.

Ao observar de minha casa, e visitando a Quinta, deixei-me envolver pela tranquilidade acentuada através da natureza. No entanto, tomando uma visão mais abrangente sobre a paisagem, verifica-se uma certa indefinição e desarticulação do território envolvente. As sucessões de edifícios de carácter habitacional surgem junto de grandes fábricas e armazéns e, acompanhando este quadro urbano surgem pequenos espaços públicos como largos. Apesar desta presença de construções, as fotografias aéreas mostram que a área de intervenção tem uma menor densidade de edificações. Destacam-se, assim, as áreas verdes, que representam grandes áreas florestais e campos agrícolas, reforçando a conexão do local com a natureza. Estas refletem a tradição agrícola e a produção de gado que caracterizam a região.

O terreno encontra-se numa zona de bons acessos, uma vez que, os principais eixos viários são, a A1 e a A20 (ver planta página 18 e 19), eixos de extrema importância, visto que, garantem a ligação do terreno com a Cidade do Porto, bem como com o centro de Vila Nova de Gaia. Observando atentamente o terreno da Quinta, verificamos que um destes eixos se destaca, sendo este, a ponte. A mesma corresponde à autoestrada A20, que rasga a linha visual do terreno a oeste, existindo assim a preocupação e exigências nas distâncias futuras de construção. Assim sendo, impõem-se algumas condicionantes na implantação e proximidade para com este elemento. Reforça-se assim a importância do enquadramento visual e paisagístico e os problemas relacionados com as questões do ruído, provocados pela constante mobilidade de veículos.

Analisando a envolvente da Quinta e a Senhora do Monte, o que predomina são as habitações unifamiliares e plurifamiliares, várias fábricas dispersas, e em menor densidade pequenos comércios locais. Ao nível de equipamentos de utilidade pública, os edifícios de maior destaque, são a capela da Senhora do Monte, que se localiza numa das cotas mais altas, a escola básica do 1º ciclo da Senhora do Monte e a Sede do Rancho Folclórico e Cultural de Nossa Senhora do Monte, todos do lado oeste.



[4] Planta de análise da Senhora do Monte



Rede Urbana
Curvas de Nível
Limite da Freguesia de Pedroso e Seixezelo
Limite do Terreno da Quinta do Pinhão

E4 Sede do Rancho Folclórico e Cultural de Nossa Senhora do Monte



Localização da Quinta do Pinhão

[5] Imagem satélite do mapa de Portugal onde se destaca a localização da Quinta do Pinhão



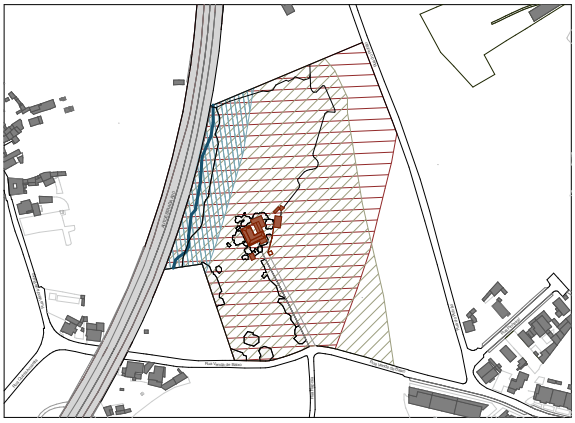
Edificado
Área complementar em Quinta
Linha de Água a Céu Aberto

[6] Esquema da Planta de Ordenamento na Carta de Salvaguardas, 2018



Edificado
Área de Transição
Área de Quinta em Espaço Rural
Área Verde de Enquadramento de Espaço Canal
Área Natural
Linha de Água a Céu Aberto

[7] Esquema da Planta de Ordenamento na Planta de Classificação do Solo, 2019



Edificado
Zona de Respeito
RAN | Reserva Agrícola Nacional *
Infraestrutura Rodoviária **
Linha de Água a Céu Aberto

[8] Esquema da Planta de Condicionantes, 2018



* Decreto de Lei nº73/2009 de 31 de Março, alterado pelo decreto de Lei nº199/2015 de 16 Setembro

** 50m para cada lado do eixo da estrada e nunca a menos 20m da zona da estrada | lei nº34/2015 de 27 de Abril

O acesso à Quinta atualmente pode ser feito através de três vias públicas. O acesso principal parte de uma das ruas de ligação ao centro da Senhora do Monte, de Oeste para Este, a Rua Venda de Baixo com ligação à Rua da Raposa e à Rua do Pinhão, respetivamente a Sul e a Este. A extensa Rua Venda de Baixo é marcada pela indefinição, apresenta-se com um desenho irregular e desarticulado, devido ao crescimento disperso do edificado próximo. Sendo que a parcela da Quinta tem como frente de acesso esta rua, os seus limites são demarcados por um muro e por um conjunto disperso de árvores. No encontro a esta rua principal surge a Rua da Raposa, caracterizada por um percurso de curvas com contornos pouco precisos e com habitações dispersas. O lado este é delimitado pela Rua do Pinhão e as suas confrontações laterais são, essencialmente, rodeadas por áreas florestais, sem iluminação e sem demarcação de passeios, o que dificulta a circulação de peões. Este panorama de desorganização verifica-se em toda a freguesia de Pedroso e evidencia-se na prevalência de arruamentos com dimensões reduzidas, que dificultam a deslocação e a organização viária, na ausência de passeios e nas construções fragmentadas, que refletem a falta de uma linguagem e de um ritmo regulador.

Processo camarário

Com vista na intervenção, tornou-se essencial a visita à Câmara Municipal de Gaia para consultar toda a documentação existente da Quinta. Desde logo, ficou clara a necessidade de recorrer ao Plano Diretor Municipal [1], de forma a respeitar as normas de carácter obrigatório e vinculativo. Este Plano pretende garantir um melhor crescimento a nível funcional, ambiental, económico e cultural no território do município. Segundo a análise deste documento, verifica-se que se impõe uma série de restrições ao lugar e que, de certo modo, influenciam e condicionam as decisões de projeto.

Relativamente ao terreno, de acordo com o PDM de Vila Nova de Gaia, este está classificado como Áreas de Quintas em espaço rural. Esta classificação deve-se por se referir a Quintas rurais ou partes relevantes de propriedades rurais, geralmente delimitadas por muros, ou cercados, constituindo-se como espaços que não devem ser fragmentados, dada a sua identidade própria e relevo paisagístico no conjunto do espaço rural. Ainda na Carta de Salvaguardas, verifica-se a classificação como Valores Patrimoniais – Património Arquitetónico – Nível II, Proteção Estrutural a Edifícios ou outras Construções e Área Complementar em Quintas.

A partir da análise da Planta de Condicionantes, percebe-se que estando numa zona da Reserva Agrícola Nacional, o terreno encontra-se condicionado pela preservação do solo, da paisagem e do ambiente urbano, uma vez que, é uma área protegida e contém um regulamento que exige critérios a cumprir.

[1] O **PDM** é composto por três tipos de elementos: a Planta de Ordenamento, a Planta de Condicionantes e o Regulamento. O primeiro, é composto pela carta de Qualificação de Solo, pela carta de Mobilidade e transportes, pela carta de Salvaguardas e pela Carta de Execução do Plano. O segundo é composto pela Carta de Condicionantes, pela Carta de Zonamento de Sensibilidade ao Ruído, pelas Cartas das Áreas Percorridas por Incêndios e pela Carta de Zonamento do Risco de Incêndio. O último é publicado em Diário da República, e tende a definir e a esclarecer as normas vigentes.



[9] Família no jardim junto à entrada da casa



[10] Família na entrada junto à eira e ao tanque



[11] Família no pátio da fachada principal da casa



[12] Senhor Alexandre e Dona Isabel sobre a escadaria na fachada principal da casa

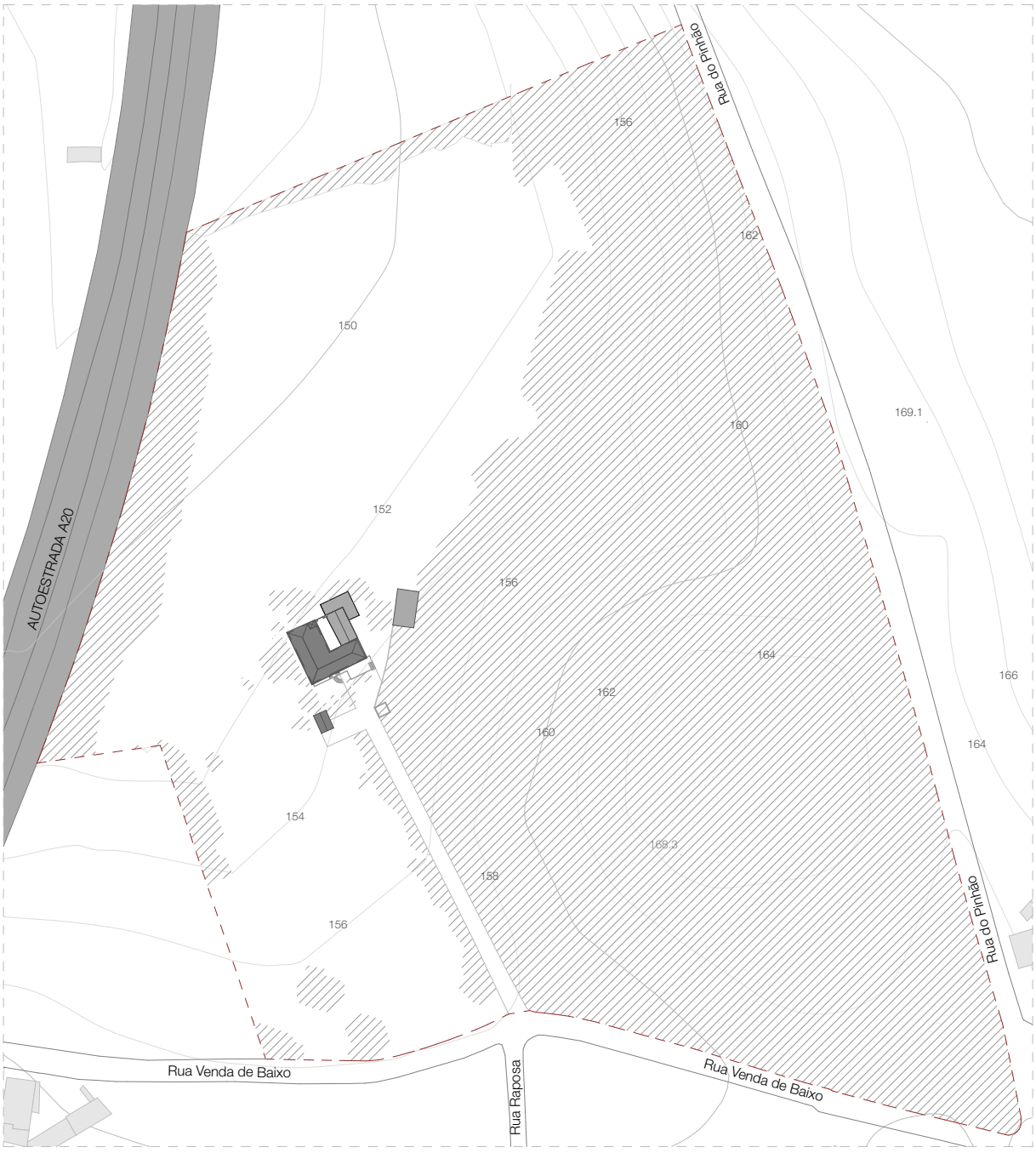
1.1.2. OS PROPRIETÁRIOS: HISTÓRIA E HERENÇA

A história da Quinta é antiga, e recuar no tempo para tentar compreender a sua evolução é importante. Sabe-se que a construção da mesma é anterior a 1951, e sobre a falta de registos, recorreu-se a conversas com o último herdeiro, que pertence à família Dias Ribeiro.

Em 1949, com dois anos, o Senhor Alexandre, último herdeiro, os seus cinco irmãos e os seus pais foram viver para a Quinta, visto ser uma propriedade que já pertencia aos seus avós. Na casa, nessa altura, residiam, ainda, os criados, que ajudavam nas lidas domésticas e trabalhos nos campos. A Quinta estava bastante ligada ao trabalho agrícola e, portanto, a família vivia do que o campo dava. A propriedade tinha bastante vida por serem muitos a ocupar a mesma, pelos trabalhos diários, e pela quantidade de pessoas que por lá passavam, à procura de alimentos, trabalho ou simplesmente para conversar.

Quando os seus pais faleceram e os seus irmãos começaram a sair de casa, o Senhor Alexandre e a sua esposa, Dona Isabel, ficaram como os principais proprietários da mesma. Estes ficaram a residir na mesma com as suas duas filhas até 2011. Porém, nenhuma das filhas a quis herdar e esta tornou-se bastante grande para ficarem só os dois, por estes motivos, decidiram colocá-la à venda. Desde então até à atualidade, a propriedade teve alguns caseiros, responsáveis pela salvaguarda da mesma. No entanto, a Quinta acabou por ser vandalizada, pela falta de uso e cuidado.

É certo que esta foi uma propriedade importante para a família Dias Ribeiro, por todos momentos vividos e partilhados ao longo de todas a gerações que por lá passaram. Com a ajuda do Senhor Alexandre foi possível perceber como funcionavam os espaços e o ambiente em que se vivia. Assim, como era expectável, reconhecer o impacto deste Lugar para a família, bem como para os que por cá passaram, será também matéria importante a consolidar neste processo de (re)construir.



- - - Limite da Quinta

[13] Planta de levantamento da Quinta do Pinhão | Escala 1:2000

1.2. A APROXIMAÇÃO E ANÁLISE

1.2.1. LEVANTAMENTO ARQUITETÓNICO



[14] Alçado Sul | Escala 1:2000



[15] Alçado Oeste | Escala 1:2000



[16] Alçado Norte | Escala 1:2000



[17] Vista aérea sobre o terreno da Quinta do Pinhão demonstrando a envolvente próxima

1.2.2. CARACTERIZAÇÃO DO EXISTENTE

"As experiências arquitetónicas autênticas consistem, pois, em por exemplo aproximar ou encarar um edifício".[2]

A caracterização é aqui apresentada como um momento de observação e análise, como uma ferramenta que procura compreender o momento atual do espaço, antes de avançar para qualquer tipo de objetivos e conclusões. Desta forma, recorreu-se a uma série de levantamentos fotográficos, esquissos, desenhos de levantamento rigoroso, documentação existente da câmara local e a informação transmitida pelo proprietário.

Devido à ausência de registos, pouco se sabe acerca da história e das fases de construção da Quinta do Pinhão. De um modo geral, esta encontra-se num estado acentuado de abandono, o que levou à decadência de muitos elementos. Ainda assim, pelo facto de existir a urgência da se adaptar a outras funções, a sua construção reflete diferentes épocas, pois, teve um crescimento faseado de acordo com as necessidades que foram surgindo. Encontram-se pequenas intervenções, mais atuais, em alguns casos improvisadas, que cumpriram com as necessidades dos proprietários. É certo que esta leitura serve para compreender os pequenos acrescentos que foram surgindo e a diferença de estado de algumas estruturas.

No sentido de identificar com certeza as várias fases de construção do edifício, bem como reconhecer e descrever as divisões recorreu-se à ajuda do último herdeiro. Desde logo percebe-se através dos materiais dos pisos que tinham sido construídos em tempos distintos. A construção do piso térreo e do piso -1, em paredes de pedra em granito, numa primeira fase, de seguida o piso superior em tijolo e numa terceira fase, a construção de pequenos acrescentos no piso térreo, igualmente em tijolo.

O terreno de intervenção, situado a sul, é delimitado por um muro com 1,50 metros de altura. Já a este, o limite é marcado por uma rede coberta por árvores, oferecendo uma transição mais natural. A entrada principal da propriedade está localizada no lado sul, acessível pela rua Venda de Baixo. A casa, posicionada estrategicamente na entrada, assume um papel de destaque, dominando visualmente toda a propriedade, uma vez que era a habitação dos antigos proprietários. Além desta construção principal, existem também pequenas edificações adjacentes, que no passado serviam de apoio às atividades da casa, como agrícola, criação de animais e armazenamento de ferramentas e máquinas agrícolas.

[2] **PALLASMAA,** Juhani (trad. Alexandre Salvaterra) – Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: bookman, 2011, p.64;

Fase I
1- Adega
2- Loja
3- Garagem
4- Arrumos
5- Cozinha
6- Lavandaria
7- Pátio

Fase II
8- Entrada
9- Casa de banho
10- Corredor
11- Quarto
12- Sala de estar
13- Escritório
14- Cozinha
15- Varanda

Fase III
16- Casa do caseiro
17- Alambique
18- Varanda



[18] Fases de construção do edifício da Quinta | Escala 1:700



[19] Eira e a fachada principal do edifício



[20] Loja



[21] Pátio



[22] Corredor de acesso aos quartos



[23] Alambique



[24] Anexo adaptado a estábulo

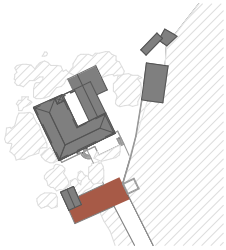
O acesso principal da Quinta é feito por um percurso coberto de hortênsias e por uma ramada de videira, que conduz à eira e à fachada principal. Embora a disposição da casa seja relativamente simples, o seu interior revela uma certa complexidade na divisão dos espaços. Com uma área bruta de construção de 520,67m2, esta organiza-se em dois pisos. O piso térreo, concentra os espaços destinados às atividades agrícolas e ao armazenamento, incluindo uma garagem, lojas para armazenar o vinho, uma cozinha com forno (utilizada para cozer o pão e preparar a matança do porco), um poço que abastecia a casa, arrumos para guardar as alfaias agrícolas e um pátio central que interliga todas as áreas.

Adoçado a esta zona térrea existem, ainda, duas construções, uma destinada à casa dos caseiros, no lado da fachada principal, e no lado oposto, existe o volume do alambique, espaço onde se fazia o bagaço. O primeiro piso destinava-se unicamente à habitação. Neste, delimitam-se quatro quartos, duas casas de banho, um escritório, uma sala de estar e uma cozinha. Há dois acessos a este piso, um exterior, através de dois lances de escadas na fachada principal, um liga à sala de estar e outro à varanda junto da cozinha, por cima da casa dos caseiros, e outro interior, através do pátio central do piso térreo. Existe ainda um piso inferior, que só se consegue aceder pelo exterior e é composto por um único compartimento, contendo o lagar, com as prensas e as pipas do vinho.

A imagem geral da edificação é ainda caracterizada pela composição das suas poucas aberturas. Maioritariamente as janelas são de sacada, sendo preenchidas por caixilhos de madeira de batente. Quanto às coberturas estas são estruturadas em telha. No piso térreo, na ala da cozinha, da lavandaria e do alambique o telhado é de duas águas. O piso superior é por sua vez disposto em forma de "L" de seis águas. No piso da habitação os tetos são estucados, na sala de estar e no quarto principal apresentam motivos decorativos. No piso térreo, encontramos à vista nos tetos, na maior parte das divisões, as estruturas das vigas de madeira, de suporte do piso superior.

O terreno dispõe ainda de algumas construções de apoio agrícola. Na zona da eira verifica-se a presença de um espigueiro, localmente designado por canastro, em madeira, apoiado em paredes de pedra, com uma cobertura de duas águas em telha. um tanque, de pedra, neste momento, revestido por silvas. Existe outra construção mais a norte, um antigo curral de ovelhas e, que hoje, serve de estábulo para os cavalos.

Outra das características presentes no terreno é a grande quantidade de áreas verdes, representativas das espécies arbóreas, assim, revela-se importante destacar e identificar alguns aspetos relativos aos mesmos. Sabe-se que era uma Quinta de produção, o que significava que durante todo o ano o trabalho agrícola era constante. O solo permitiu o cultivo de vinhas e ainda algumas árvores de fruto, como laranjeiras, tangerineiras e macieiras. No entanto, consequência do estado atual de abandono começaram a crescer espécies arbóreas comuns da freguesia, como pinheiros e eucaliptos.





[25] Desfolhada na eira da Quinta do Pinhão



[26] Cânticos em redor do milho



[27] Carregador a depositar o milho no canastro



[28] Cânticos junto à entrada da Quinta

1.2.3. (RE)VIVER O PASSADO

"Ler a história de um edifício é (...) não apenas um ato imprescindível para o recuperar, mas sobretudo um ato de conhecimento do organismo em que se está a intervir, de forma a adaptá-lo às necessidades do presente e (...) entender (da sua organização, implantação e fases de crescimento) os caminhos indicados para a sua construção." [3]

Com o objetivo de contribuir para a estruturação e desenvolvimento da Senhora do Monte, tornou-se crucial entender as festas e eventos que se realizavam na freguesia, e em particular na Quinta do Pinhão. Ainda assim, mesmo com o passar do tempo, parte delas não se perderam na história, continuando a ser tradição. Na verdade, trata-se não apenas de as descrever, o que se consegue sobretudo por meio de fotografias, jornais e entrevistas, mas também de as analisar, para compreendermos a sua função histórica.

Já relatado no século XIII, Pedroso era considerada uma terra possuidora de fontes e poços, com culturas de milho, trigo, vinha e com gado em geral. A agricultura nesta freguesia era o principal ramo de aplicação da atividade dos seus habitantes, estando bastante espalhada e ocupando muitos terrenos. A cultura limitava-se quase a cereais e vinho, e destes, ocupa o primeiro lugar o milho, sendo o cereal mais tributado pelos habitantes. O papel do milho era fulcral em todo o sistema alimentar da população rural, assim, por volta de março, procedia-se à sementeira do milho, passando por todo um processo até chegar à desfolhada.

A desfolhada era algo que acontecia nas eiras ou alpendres, à noite, depois da ceia, à volta de um monte de espigas, à luz do luar ou do gasómetro. Homens e mulheres com traje de trabalho sentados ao redor do milho começavam a tirar o folhelho às espigas, passadas a ser recolhidas em gigas e lançadas para um canastro ou espigueiro, onde permanecem durante três ou quatro meses até ficarem secas. Quando alguém tinha a felicidade de encontrar uma espiga de milho-rei era lhe permitido levantar-se para cumprimentar todos em torno do círculo. Enquanto este processo decorria, aparecia um homem embuçado, o serandeiro, como não queria ser descoberto, trazia uma capa preta vestida, um carapuço na cabeça e um varapau na mão para assustar as mulheres, ao mesmo tempo que dizia uma graçolas para as mesmas. Terminada a desfolhada arrumava-se o folheado para os lados da eira e começava a festa. Cantava-se em coro à desgarrada, dançava-se por um longo tempo, murmurava-se, contavam-se histórias ao sabor das castanhas assadas, broa e vinho, oferecidos pelo proprietário da Quinta, como forma de agradecimento.

[3] **MANUEL**, Mendes – Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora: minha casa. Porto: FIAJMS, 2015, p. 280 e 281;



[29] Desfolhada na Quinta do Pinhão



[30] Teatro na sede do Rancho Folclórico de Nossa Senhora do Monte



[31] Cântico das janeiras na Senhora do Monte



[32] Rancho Folclórico na escadaria da Capela da Senhora do Monte

Viveu-se durante longos anos a desfolhada na Quinta do Pinhão, onde as pessoas da Senhora do Monte e das proximidades se juntavam para desfolhar o milho, mas também para conviver. Hoje os tempos são outros, as mentalidades alteraram-se, mas quando uma desfolhada acontece, pretende-se avivar a memória das pessoas para o que era a tradição da eira.

Nos finais do século XIX e XX, eram cantadas e dançadas várias danças de roda e em linha, nas eiras no fim das desfolhadas, nos soutos e nos largos ao domingo à tarde. Na sede do Rancho Folclórico de Nossa Senhora do Monte, era onde se desenvolviam atividades mais de âmbito cultural. As pessoas juntavam-se para reuniões, ensaios, assistir a teatros ou atuações do rancho. Atualmente, mantendo-se a tradição, este é o local onde se desenvolvem mais convívios, como é o caso da desfolhada, dos ensaios do rancho, dos encontros de domingo à tarde e das festas da escola básica do 1º ciclo e da catequese da Senhora do Monte.

Outro dos acontecimentos que fazia reunir os habitantes, em modo de celebração, era a matança do porco. A carne de porco era um dos alimentos da gastronomia local e, portanto, assumia uma grande importância na produção agrícola. Também esta festa ocorria na Quinta, onde se convidavam os familiares mais próximos, os vizinhos e os amigos. Após a matança do porco, que decorria na parte da manhã, sentavam-se todos à mesa para almoçar, onde a tradição manda que se coma a carne de porco que se matou. Após este banquete, os homens ficavam a jogar às cartas ou a tratar do gado e as mulheres dividiam-se entre a cozinha e a lavagem das tripas. Como forma de retribuir favores antigos e agradecimento, o dono oferecia partes do corpo do porco aos convidados.

As atividades culturais são fatores de grande dinamismo para as populações locais e, é certo que a Freguesia tem tentado apoiar as atividades e eventos desta natureza cultural e social. Caso disso, é a realização das festas religiosas em honra dos Santos. Na capela da Senhora do Monte realiza-se a festa em honra de Nossa Senhora do Monte, no domingo seguinte à Páscoa. É uma festa que reúne crianças, jovens e adultos, durante quatro dias, em concertos e espetáculos noturnos, na procissão ao domingo à tarde e em convívios no decorrer do dia.

Para além destes eventos, surge na freguesia a Festa da Árvore, onde se começa a incutir a necessidade de arborizar, visto que a silvicultura era pouco praticada. Isto é, em Pedroso limitavam-se a derrubar árvores, sendo raras as vezes em que as substituíam por outras. Sendo de realçar, que a árvore é um elemento que fornece sombra no verão, lenha no inverno, os frutos, as fibras com que se tece o pano para o vestuário e remédio para as doenças. Consequentemente, surgia em tempos, a oportunidade de celebrar este dia na Quinta do Pinhão, com a ida da escola primária à mesma, para se plantar uma árvore.

Com o estudo destes eventos, sobretudo na Quinta, entende-se a necessidade de potenciar estes encontros como forma de, por um lado, retomar a sua antiga imagem, de local de encontros e convívios e, por outro, de estruturar e melhorar o desenvolvimento do território.

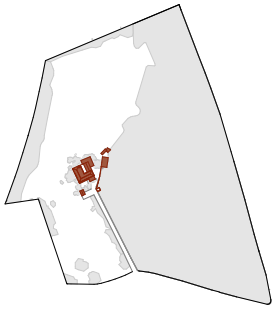


[33] Vista sobre o terreno da Quinta e a autoestrada A20



CAPÍTULO 2

UMA APROXIMAÇÃO À NARRATIVA CONCEPTUAL



O existente da
Quinta do Pinhão

Proposta:
(Re)Construir o Lugar

QUESTÕES
(Modos de atuar)

- O que fazer?
- Qual a finalidade?
- Como?

Metodologia de
pensamento

Abordagem teórica e crítica

Lugar

Paisagem

Natureza

Evento

→ Conceitos

+

relação com a Arquitetura

FORMAR UMA IDEIA

[34] Esquema de relação de ideias e metodologias como forma de pensar o projeto

2.1. AS QUESTÕES DA "IDEIA DE LUGAR"

"Quando me concentro num determinado lugar para o qual devo elaborar um projeto, tento explorá-lo, perceber a sua figura, a sua história e as suas qualidades sensoriais." [4]

Na presente dissertação, verifica-se a importância em abordar e analisar o conceito de lugar porque compreendê-lo é essencial na arquitetura. Sendo esta uma Quinta que vive do lugar o estudo sobre este tema faz-se acompanhar da consciência de que, cada lugar possui particularidades próprias que o definem, tornando-se possível identificá-lo pela sua topografia, geografia, envolvente, composição e orientação solar. A par destes elementos revela-se importante o entendimento do seu contexto atual, mas também da sua história e da sua função, por serem características que conduzem à sua compreensão.

> O lugar *"é mais do que uma localização abstrata. É um conjunto formado por coisas concretas, com a sua substância material, forma, textura e cor. Todos estes elementos definem um caráter ambiental, que é a essência do lugar. Geralmente, o lugar é definido através do seu caráter ou atmosfera. Um lugar é, portanto, um fenómeno total qualificativo, que não pode ser reduzido a nenhuma das suas características singulares (...)."* [5]

O conceito foi estudado por vários filósofos, geógrafos e arquitetos, de forma a clarificarem a presença do homem na relação com o lugar. Assim, na abordagem do tema, foi essencial o entendimento da obra "Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture", desenvolvida por Christian Norberg Schulz. O filósofo apresenta a ideia de que cada lugar tem o seu espírito e que a arquitetura deve visualizar este propósito. O conceito de espírito do lugar diz respeito à essência do lugar, mas também, à essência do Homem pois, é ele que habita e se torna parte integrante do mesmo. De acordo com Christian, a "*identificação e orientação são aspetos primários do 'estar no mundo' do homem*" [6], conceitos que o permitem habitar, relacionar-se e reconhecer-se no lugar.

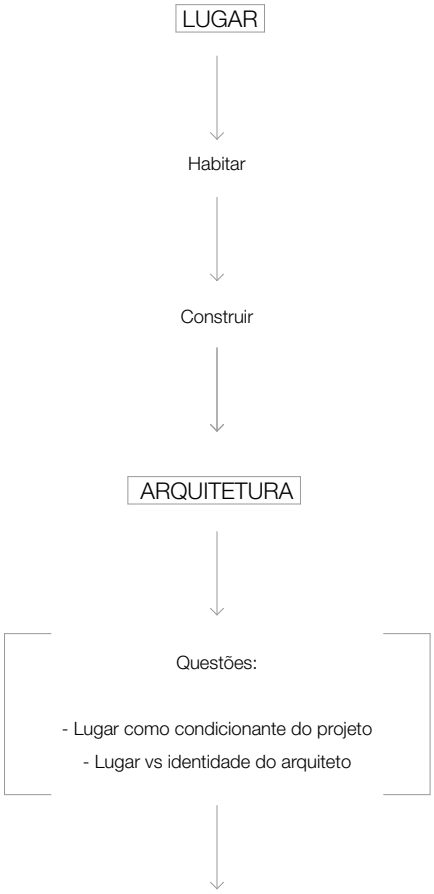
Segundo a definição da palavra, entende-se que lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado, uma vez que tem como definição na língua portuguesa: "1. Espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo. 2. Ponto (em que está alguém). 3. Localidade." O termo habitado neste contexto, acrescenta à ideia de lugar um novo elemento, o Homem. Este ganha significado e valor com a presença do mesmo, seja para se acomodar ou para realizar as suas atividades.

---

[4] **ZUMTHOR**, Peter - Pensar a arquitetura (trad. Astrid Grabow). Barcelona: Gustavo Gili, 2005 p.34;

[5] **NORBERG-SCHULZ**, Christian, Genius Loci: Paesaggio, Ambiente, Architettura, Milano, Editorial Electa, 1979, pp. 6 e 8 - trad. livre da autora.

[6] **NORBERG-SCHULZ**, Christian - Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture, 1ªed. New York: Rizzoli, 1980 p.22- trad. livre da autora.



[35] Esquema de interpretação do Lugar

"O lugar é a manifestação concreta do habitar do homem, e a sua identificação depende da sua presença nos lugares." [7]

Na procura de analisar esta ideia de lugar como conceito intrínseco da arquitetura, entende-se que o lugar pressupõe este "habitar" para adquirir significado e sentido. Este ato de demarcar um lugar associa-se ao ato de construir, sendo esta a verdadeira função da arquitetura. A arquitetura não é somente a organização de um lugar, mas também é o ato de o criar. Assim, as reflexões teóricas sobre este tema remetem para o Homem e o Arquiteto, porque estes manipulam, estruturam e organizam o lugar, conforme as exigências ou necessidades. Deste modo, sendo que o habitar é o propósito da arquitetura, o arquiteto é responsável por criar lugares que ajudem o Homem a habitar.

"As formas que ele criará (arquiteto) deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem." [8]

Existe uma variedade de elementos que constituem o conceito de lugar, no entanto cada lugar é um lugar e cada lugar carrega a sua individualidade, um caráter que lhe é próprio. Cabe ao arquiteto entender as particularidades de cada lugar, porque este é o ponto de partida para construir e habitar e resultará no reflexo da compreensão natural do Homem. É certo que o arquiteto reúne um conjunto de temáticas que poderão influenciar a perspetiva e o modo de atuar perante um determinado lugar. Assim, a arquitetura contém em si a responsabilidade de manter esta relação profunda entre o lugar e o Homem porque é ele que o habita, se apropria e lhe dá uma função.

"A arquitetura pertence à poesia e tem como propósito ajudar o homem a habitar. Mas a arquitetura é uma arte difícil. Fazer cidades e edifícios práticos não é suficiente. A arquitetura surge quando um "ambiente total se torna visível", citando a definição de Suzanne Langer. Em geral, significa concretizar o genius loci ("espirito do lugar"). Vimos que isso é feito por meio de edifícios que reúnem as propriedades do lugar e as aproximam do homem. O ato básico da arquitetura é, portanto, entender a "vocação" do lugar." [9]

[7] **NORBERG-SCHULZ**, Christian - Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture, 1ªed. New York: Rizzoli, 1980, p.6- trad.livre da autora;

[8] **TÁVORA**, Fernando - Da organização do espaço. Porto: Faup Publicações, 2006, p.74;

[9] **NORBERG-SCHULZ**, Christian - Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture, 1ªed. New York: Rizzoli, 1980, p.23-trad. livre da autora;



[36] Casa da Covilhã (Fernando Távora, 1973-1976)

Arquitetura e lugar estão intrinsecamente associados, porque a arquitetura é a ação do homem ao lugar. É impossível iniciar um projeto sem ter a referência ao lugar, porque ele condiciona, exige e decide, por si só, a arquitetura. A complexidade teórica do termo, lugar, na arquitetura, surge quando se compreende que esta é mais do que uma ocupação física.

> *"O objeto do projeto é principalmente, o seu lugar, o seu lugar físico."* [10]

Desenvolver uma arquitetura consiste em dar resposta às necessidades específicas de um lugar, a ser habitado, e de garantir que as opções de projeto são determinantes para a sua identidade. Torna-se possível verificar esta preocupação, contínua, em perceber o lugar nas obras de Álvaro Siza. Para ele *"A criação arquitetónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar."* [11] Para o arquiteto é fundamental intervir em continuidade com o existente, mantendo um diálogo entre o sítio e o projeto, reconhecendo que é um processo complexo. Como forma de conseguir conhecer e dar resposta ao mesmo, utiliza o desenho, ferramenta essencial, por necessidade e descoberta, na procura de compreender a dimensão espacial, num encontro entre as vontades de projeto e do lugar. O desenho é, de certa forma, uma arma para os arquitetos, de compreensão e tradução inicial de um lugar, mas também de clareza e processo de criação.

Também Fernando Távora projeta a partir de uma observação atenta e cuidada da realidade. A sua arquitetura foca-se nesta ideia de construir o próprio lugar. Távora acredita que projetar é criar relações e, portanto, as suas obras procuram relacionar-se com o lugar. Para o arquiteto *"O lugar é a contextualização do espaço e da sua envolvente.*" [12]. É certo que o lugar oferece características ao qual o projeto tem de se adaptar, mas o homem revela-se a razão do projeto. Assim, a sua arquitetura *"nasce da consciência do lugar, mas, ao mesmo tempo, (...) define aquele lugar. Assim, a arquitectura é o processo de redefinição do lugar."*[13].

O lugar *"é não só material primeiro da arquitectura na sua tarefa de criar um ambiente significativo, como a chave para desvelar o carácter da própria arquitetctura como disciplina"* [14]. Estas serão as bases para a construção de uma arquitetura, que não se reduz à sua função porque o lugar trata-se mais do que um mero espaço físico, é um espaço vivenciado, que requere a experiência existencial. Desta experiência entendemos que os espaços criados pela arquitetura, devem tocar o Homem porque a arquitetura é o nosso principal instrumento de relação, com o espaço e o tempo.

---

[10] **GRASSI**, Giorgio - Arquitectura lengua muerta y otros escritos, Barcelona, Editora Serbal, 2003, p.129- trad. livre da autora;

[11] **VIEIRA,** Álvaro Siza - 01 textos. Porto: Civilização, 2009, p.109;

[12] **MANUEL,** Mendes - Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora: minha casa. Porto: FIAJMS, 2015, p.71;

[13] **MENDES**, Manuel – Fernando Távora: As raízes e os frutos, palavra, desenho, obra, 1937-2001. Porto: FIMS, 2020, p.XXVII;

[14] **RIVAS**, Juan Luis de las – El Espacio como Lugar. Sobre la Naturaleza de la forma urbana. In MENDES, Manuel – Da Intervenção na Cidade Histórica – Longa duração e desenho. Valladolid: Universidade de Valladolid, 1998, p 8;

2.2. A RELAÇÃO ENTRE ARQUITETURA E PAISAGEM

"Trata-se, antes de mais, de pensar a possibilidade de uma representação e de uma ação que não esteja separada desta participação. Trata-se de partir da ideia de que há uma co-pertença do homem e do mundo e de que a paisagem é o nome desta co-pertença. O homem está no mundo e o mundo está no homem: a paisagem é o nome e o local dessa circulação entre o homem e o mundo, dessa mistura." [15]

Aliado a este entendimento do lugar, aprofunda-se outro tema, o conceito de paisagem, como peça fundamental da arquitetura. Compreende-se que são conceitos que estão vinculados por envolverem o espaço físico e o Homem, e que a paisagem tem uma posição fundamental na caracterização do lugar.

A diversificação da polissemia do conceito revela-se alargada e, portanto, interessa perceber qual é para "nós" arquitetos a perceção da paisagem. Pode afirmar-se que a paisagem é o resultado de uma evolução de milhões de anos e está inteiramente ligada à natureza e ao Homem. Para abordar este conceito torna-se percetível perceber que autores falam da paisagem, em que contexto e porquê? De certo modo, para compreender a relação entre arquitetura e paisagem, e entender o que se deve procurar para se projetar uma arquitetura de integração com a mesma.

Compreende-se que este conceito é enriquecido por uma pluralidade de sentidos, apresentando assim, alguma complexidade na sua definição. Inicialmente, importa clarificar que, apesar de no senso comum paisagem e natureza surgirem associados em contextos naturalistas, numa perspetiva mais romântica e pitoresca, são componentes que se complementam, mas apresentam definições opostas. Devemos ter a ideia de que a paisagem é vista como um conjunto, e representa uma peça participante no território. Esta resulta da relação entre o Homem e a natureza, visto que, é um trabalho feito da construção, organização e desenvolvimento das atividades e necessidades do Homem.

"Mudam-se os tempos, mudam-se as sociedades e, com elas, as paisagens." [16]

Mais do que um simples conceito, o estudo da paisagem recai quando se entende que tem origem humana e artística e revela-se importante numa diversidade de campos de estudo. Nestes variadíssimos campos, ela apresenta-se, ora umas vezes, num sentido mais naturalista, noutras culturalista e até mesmo, em alguns casos, num sentido mais pitoresco. Com estas diferentes abordagens, entende-se aqui a problemática em procurar uma definição para paisagem, porque ela se revela em diferentes contextos de forma contraditória e vaga.

---

[15] **BESSE**, Jean-Marc - Estar na paisagem, habitar, caminhar in CARDOSO, Isabel Lopes - Paisagem e Património: aproximações pluridisciplinares. Porto: Dafne Editora, 2013, p.34;

[16] **DOMINGUE**S, Álvaro- Paisagem revisitada. Finisterra: XXXVI, 72, 2001, p.65;

Efetivamente a paisagem é uma evidência da condição existencial, resultando da apropriação da natureza. Necessita de um exercício de observação, contemplação e reflexão, sendo que existe pela simples presença do Homem, que a caracteriza e lhe dá "forma".

> *"(...) uma contemplação em si reclusa, apercebida como unidade auto-suficiente, entrançada, porém, numa extensão infinitamente ampla, numa torrente vasta, e guarnecida de limites que não existem para o sentimento do Uno divino e do todo da natureza, o qual reside em baixo, noutro estrato."* [17]

A representação da paisagem surgiu através da arte da pintura, época em que se representava e afirmava a paisagem com uma visão mais poética, idílica e simbólica. No século XIV, vemos representados nos quadros de Claude Lorrain, a tentativa de se reproduzir uma paisagem ideal, fruto da visão mental associada às sensações e interpretações do artista. É certo que nestas épocas, os artistas ao representarem a paisagem na superfície da tela interessava-lhes apenas recriar a harmonia estrutural e formal recortada a partir de uma parte do seu campo de visão. Posto isto, permitiu-lhes estabelecer uma linguagem mais autónoma e pictórica para com a paisagem. Assim, encontrou-se na pintura uma referência que eterniza a paisagem naquilo que foi, em tempos, a visão do artista sobre um determinado lugar ou acontecimento.

> *"A tradição paisagística é um exercício estético de olhar por fora. Sabemos como, na pintura da paisagem natural, os primeiros pintores paisagistas serviam-se do famoso espelho de Claude. Claude Lorrain, o pai de todo o pitoresco, utilizava um pequeno espelho para enquadrar o seu olhar na paisagem sem limite. (...) . Do exterior, o olhar do pintor tentou apropriar-se desta acumulação de objetos e episódios que o olhar capturou para os tornar seus, para se sentir seguro diante deles, dominando-os e compreendendo-os, numa apropriação ativa que tinha muito a ver com a experiência colonizadora de viver para si próprio."* [18]

Entre vários autores que escrevem sobre a paisagem, George Simmel, na sua abordagem sugere que a natureza surge como um todo inseparável e que está sujeito a variações de forma. Contrariamente, a paisagem é uma parte singular desta unidade, quase fragmentada, e que se apresenta com uma autonomia e uma centralidade própria.

> *"A natureza, que no seu ser e no seu sentido profundos nada sabe da individualidade, graças ao olhar humano que a divide e das partes constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respetiva que apelidamos de "paisagem"."* [19].

[17] **SIMMEL**, George (trad. Artur Morão) – A Filosofia da Paisagem. Covilhã: 2009, p.6;

[18] **SOLÀ- MORALES,** Ignasi de – Territorios. Barcelona: GG, 2002, p.155- trad. livre da autora.

[19] **SIMMEL**, George (trad. Artur Morão) – A Filosofia da Paisagem. Covilhã: 2009, p.7;

Num contexto arquitetónico, entende-se que a paisagem surge desta apropriação feita entre o habitar e o construir. Ou seja, a paisagem resulta de uma construção inerente ao ato de habitar a natureza. Assim sendo, entendemos que apesar de a paisagem não se reduzir à essência de um objeto, surge como espaço vivo, resultado do habitar humano. A paisagem não é um todo sobre a qual se pode alcançar o olhar, ela surge do ponto de vista em que nos fixamos. Fixar no sentido em que entendemos que esta, está enraizada ao todo da natureza e da arquitetura. Estas tornam-se elos de ligação e, desta forma, a paisagem só existe quando é absorvida pelo Homem.

> *"A paisagem não existe a priori devemos sempre inventá-la, e o seu valor depende da capacidade de habitar o nosso olhar, de ativar aquela forma de complementar, de metamorfose da realidade, capaz de transformar o visível em história, projeto e destino."* [20]

O arquiteto Solà Morales no seu livro "territorios", esclarece-nos face à visão paisagística, uma visão que está relacionada com o limite do observador. Este torna-se o elemento fundamental para a identificação da paisagem, o único capaz de criar formas que acompanham a leitura da mesma. Esta leitura reflete também as evoluções graduais do território, as transformações que vão surgindo com a reorganização e estruturação do mesmo, que se traduzem nas alterações das paisagens, por vezes mais complexas, monótonas e fragmentadas. De forma a não criar conflitos com a dita paisagem "tradicional", constituída pela harmonia traduzida nos modelos do passado, a arquitetura ao intervir e ao criar paisagens, deverá potenciar as mesmas, conservando os seus traços originais.

> *"(...) a forma de estabelecer os limites deste olhar e, por extensão, da noção de paisagem. Não se trata apenas de uma delimitação artificial, não determinada previamente pelo que está fora do indivíduo, mas de uma determinação casual e subjetiva, fruto de uma decisão que nasce do observador."* [21]

É certo que a questão do tempo da paisagem revela-se importante e fundamental porque *"Não há paisagens para sempre"* [22]. Não há para sempre porque o conceito de paisagem é algo que está em constante construção e transformação, e acompanha a evolução das sociedades. Acompanhando esta evolução e na procura de se relacionar com a paisagem, a arquitetura deve procurar encontrar um equilíbrio entre a visão mental do Homem e da natureza.

---

[20] **FRANCIOSINI**, Luigi, "Voci nel silenzio: paesaggio e memoria" in TAVARES DIAS, Lino. ALARCÃO, Pedro - Paisagem Antiga, sua construção e (re)uso, reptos e perspetivas. Porto: CITCEM- Centro de Investigação Transdisciplinar Cultural, Espaço e Memória, 2017, p.78;

[21] **SOLÀ- MORALES,** Ignasi de – Territorios. Barcelona: GG, 2002, p.155- trad. livre da autora.

[22] **DOMINGUES**, Álvaro - Paisagem e identidade: à beira de um ataque de nervos, in *Duas Linhas.* Porto*:* Circo de Ideiais, 2009, p.28;

2.3. O EQUILÍBRIO ENTRE ARQUITETURA E A NATUREZA

"Creio que a origem do projeto está no confronto entre uma fachada da cidade e a natureza" [23]

Através dos conceitos iniciais de lugar e paisagem entendemos que é inevitável fazermos referência à natureza, porque esta constitui uma componente primária na caracterização de um lugar. Para além disto, a natureza está em constante relação com a arquitetura, visto que ao organizar o espaço, o Homem manifesta uma vontade de construir uma harmonia entre o natural e o artificial.

> *"A conexão destas duas palavras* (Natureza e Arquitetura) *evocam uma linha de pensamento, uma tradição na arquitetura (...)"* [24]

Tendo em conta a pertinência da investigação foi necessário convocar um conjunto de arquitetos e obras de arquitetura que tratam esta problemática. A construção na natureza levou o homem a estabelecer uma relação entre o natural e o artificial e, portanto, a procura por os relacionar é uma constante na arquitetura. Os arquitetos e os clientes têm de sentir a natureza de forma a conseguir compreendê-la, porque é através dessa união que se sentem parte integrante da mesma, para conseguir construir e habitar.

> *"Mas mesmo nesta base ou dentro desta visão parcial dos fenómenos de organização do espaço, não poderão excluir-se deles quer as formas naturais- e mesmo aquelas que possam considerar-se puras, isto é não tocadas pela mão do homem – quer as suas relações com as obras humanas, relações tão íntimas, infinitas e inesgotáveis que não é possível saber onde umas acabam e as outras começam."* [25]

Interessa inicialmente perceber a definição de natureza porque esta em diferentes contextos pode oferecer múltiplas interpretações e sentidos. A natureza caracteriza-se por um conjunto de coisas que compõem o mundo natural e os fenómenos a ela associados, é um universo físico constituído por toda a essência, matéria e tempo.

> *"Um pedaço de natureza" é, em rigor, uma contradição em si; a natureza não tem fracções; é a unidade de um todo, e no momento em que dela algo se aparta deixará inteiramente de ser natureza, porque ele só pode existir justamente no seio dessa unidade sem fronteiras, só onde existir como uma onde da torrente conjunta que é a "natureza"."* [26]

---

[23] **VIEIRA,** Álvaro Siza - Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, 2018, p.21;

[24] **PORTOGHESI**, Paolo - Arquitectura y naturaleza: arquétipos y semejanzas. Valencia: Ediciones Generales de la Construccion, 2004, p.6 - trad. livre da autora.

[25] **TÁVORA**, Fernando - Da organização do espaço. 6ª edição. Porto: Faup Publicações, 2006, p.13;

[26] **SIMMEL**, George (trad. Artur Morão) - A Filosofia da Paisagem. Covilhã: 2009, p.6;









[37,38,39,40] Pavilhão Serpentine (Junya Ishigami, 2019)

Trabalhar com a natureza, onde está inserido um projeto, é uma parte essencial do exercício de projeto, no entanto, esta experiência só é possível a partir da presença física do arquiteto no lugar. Uma presença capaz de produzir emoções e sentimentos, que permita observar, tocar e compreender a natureza. Destas experiências percebe-se que o sistema sensorial é uma condição imprescindível para se conseguir construir a harmonia que se procura entre a arquitetura e a natureza. Álvaro Siza descreve-nos esta permanente preocupação e dependência em pensar simultaneamente na organização do espaço e na natureza, *"A relação entre natureza e construção é decisiva na arquitetura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projeto, representa para mim como uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extensão progressiva."* [27], para ele *"tudo deverá surgir inevitavelmente evidente"* [28].

Nos locais onde a natureza predomina vê-se na arquitetura uma oportunidade para potenciar a experiência do Homem em contacto com o espaço. Em muitos casos, a arquitetura pode encontrar a sua inspiração na natureza, caso disso, é a obra do arquiteto Junya Ishigami para o Pavilhão Serpentine de 2019. O projeto resultou numa folha suspensa, suportada por pilotis, fazendo uma alusão a uma floresta. Pode então dizer-se, que para o arquiteto, a natureza tornou-se na própria arte de construir, acabando por resultar numa harmonia entre as novas e as antigas estruturas. Este conseguiu estabelecer uma relação com o ambiente que rodeia a obra.

Na visão de Juhani Pallasma a arquitetura é *"uma extensão da natureza na esfera antropogénica, fornecendo as bases para a perceção e o horizonte da experimentação e compreensão do mundo."* [29] Desta extensão podemos concluir que a arquitetura surge, através do Homem, como um objeto artificial e compreende-se que esta nunca terá a autenticidade daquilo que provém da natureza. No entanto, a natureza vai fazer sempre parte da arquitetura e da vivência do Homem. O papel que a arquitetura assume perante a natureza é de a conseguir estimular, expressando a sua função, tendo em conta as necessidades do lugar e do programa. Quanto mais atenção e valor o arquiteto der à natureza, mais completos serão os espaços que vai desenhar e melhor relação terá com a obra e a natureza.

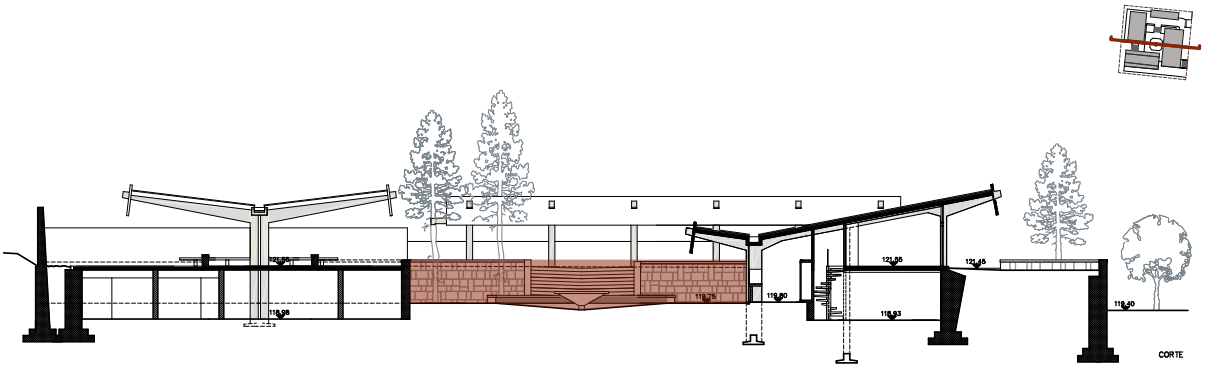
Compreende-se que a arquitetura vive da relação constante com a natureza e que a procura por encontrar um equilíbrio com a mesma representa um desafio para qualquer projeto. O ponto de partida e o desenvolvimento para a construção de um lugar está sempre na relação e confronto entre a arquitetura e a natureza. Assim, só existirá um equilíbrio entre ambas quando entendermos que a própria *"construção faz natureza."*[30].

[27] **VIEIRA,** Álvaro Siza – Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, 2018, p.17

[28] **VIEIRA,** Álvaro Siza - 01 textos. Porto: Civilização, 2009, p.11;

[29] **PALLASMAA,** Juhani (trad. Alexandre Salvaterra) – Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: bookman, 2011, p.39;

[30] **VIEIRA,** Álvaro Siza - 01 textos. Porto: Civilização, 2009, p.387;



[41] Corte transversal do Mercado Santa Maria da Feira com destaque sobre o espaço central (Fernando Távora, 1953-1959)



[42] Vista sobre fonte ao centro do Mercado



[43] Fotografia à cota mais alta com vista sobre o espaço central

2.4. O EVENTO NA ARQUITETURA

Neste espaço, o tema do evento, na arquitetura, suscita algum interesse, estendendo-se muito para além da sua essência e definição. Quando falamos de evento ficamos com a ideia de que atualmente é um conceito bastante estável, pois é abordado em várias áreas, desde a política à arte. No entanto, ficamos sem conhecer a sua história, evolução e as suas proporções em diferentes contextos e escalas na arquitetura.

A palavra evento deriva do latim (*eventus*) que significa acontecimento. Visto que é um conceito que abrange vários âmbitos, interessa-nos entender em que contextos se fala e que obras se tornam autênticos eventos. Dentro da vertente do evento podemos entender que este se divide em diversas categorias, em formato de feiras, exposições, campeonatos, torneios, olimpíadas, entre outros, mas todos se delimitam num espaço, com a finalidade de reunir pessoas, com um objetivo comum.

Perante a visão de Juhani Pallasmaa, o conceito de evento também pode estar associado ao ato de habitar. Para o arquiteto, *"Habitar é, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental e experimental e um cenário funcional, material e técnico."* [31]. Visto que um dos objetivos da arquitetura passa por eternizar e glorificar um lugar, um edifício ou um espaço, estes acabam por se transformar nos próprios eventos, por apresentarem um propósito, celebrar a presença do Homem.

> *"(...) a arquitetura possui duas origens distintas: além do ato de habitar, a arquitetura deriva do ato de celebrar. O primeiro constitui um modo de definir o domicílio de alguém no mundo, o segundo é a celebração, a reverência e a elevação de atividades sociais e mitológicas."* [32]

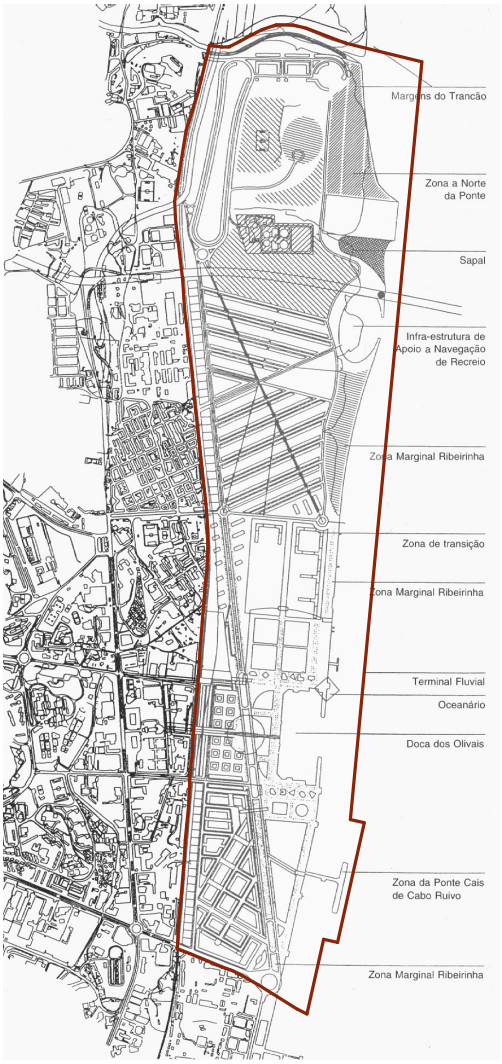
Numa outra visão, numa das obras que marca os anos 50, o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, de Fernando Távora, verifica-se o conceito de evento empregue numa outra leitura arquitetónica. O programa contém lojas comerciais, zona de serviços e espaços para bancas e balcões de venda de produtos. No entanto, a obra não pretende resumir-se à sua função, assume-se como palco de reunião e ponto de encontro para as pessoas. Visto ser de carácter público, os quatro volumes que constituem o projeto, permitem a criação de um espaço central, com a presença de uma fonte, de apoio, que potencia as relações e permite o convívio. Parece clara a referência à ágora grega *"onde, além da função de mercado, reúne igualmente as valências de espaço de encontro de pessoas, de troca de ideias, um espaço de reunião, de permanência."*[33]. É uma obra que remete para esta ideia de evento, pela vontade de atrair a comunidade, quase como uma arquitetura que seduz pela variedade de espaços que oferece.

---

[31] **PALLASMAA,** Juhani (trad.Alexandre Salvaterra)- Habitar. São Paulo: Gustavo Gili, 2017, p.8;

[32] Idem, p.8;

[33] **MANUEL**, Mendes – Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora: minha casa. Porto: FIAJMS, 2015, p.195;



[44] Estudo para a Expo´98 (Nuno Portas, 1993)



[45] Vista aérea anterior à Expo´98



[46] Vista geral do Parque das Nações

"(...) no Mercado da Feira que é, em meu entender, a obra mais tensa e por isso mesmo com mais significado da nossa arquitetura moderna em transição para o racionalismo crítico. Tensão da dialética entre integração e rutura, entre espaço interno (que é exterior e semi-exterior) e sítio; entre percurso e pausa; entre tecnologia nova e construção comum; estando sempre estes termos- e outros assumidos como opostos mas resolvidos em formas simples. Obra que transcende o panorama português para se classificar entre as obras-primas da arquitetura europeia dos anos 50." [34]

Para o caso será interessante refletir sobre um dos maiores eventos que marcou Lisboa, não propriamente pela sua escala, mas sim o seu conceito. A Expo`98 foi um dos maiores projetos urbanísticos em Portugal e consistiu na recuperação urbana de uma vasta área, com 350 hectares, degradada de Lisboa, na zona oriental. O evento, foi entendido como solução de um problema de organização da cidade e regeneração do território. O cenário antes da Expo era decadente, com depósitos de combustível e contentores à beira do rio, inúmeros terrenos abandonados e, portanto, apresentava-se como uma zona industrial caótica e desequilibrada. A Expo surge como uma oportunidade de se "construir cidade", pensando sobre a habitação, o tratamento de espaço público e em edifícios de carácter cultural e social. Deste plano geral de Manuel Sagado, ao nível das grandes estruturas e equipamentos surgem cinco pavilhões, duas áreas internacionais e três edifícios para espetáculos. É certo que apesar deste recinto expositivo se tratar de um evento, com uma importante intervenção urbana, económica, social e cultural, o principal objetivo seria manter esta ideia de acontecimentos, de atividades e de vivência no pós-Expo. Matias Ferreira face a esta intervenção coloca a questão de saber se se tratava *"de realizar um grande evento (...) que tem uma cidade à sua volta ou, pelo contrário, (...) de desencadear uma importantíssima intervenção urbana, socioeconómica e cultural na cidade com uma exposição mundial dentro"* [35]. No fundo, entende-se que a Expo`98 ao delimitar esta nova área, extensa, com uma grande oferta ao nível cultural, habitacional e de lazer, acaba por ganhar uma força ao nível urbanístico e arquitetónico, que se torna num verdadeiro e isolado evento permanente.

Com base no estudo destes eventos em contexto arquitetónico, compreende-se que nos seus diversos contextos, todos procuram e requerem um encontro de pessoas e de acontecimentos, uma vez que, a arquitetura procura mais do que uma linguagem, procura desenhar a forma como as pessoas vão estar no espaço. O evento embora tenha um propósito concreto, reflete na arquitetura o modo como esta consegue ser o centro onde as pessoas interagem. Assim, mais do que uma arquitetura que defina o que vai acontecer, o evento abre o potencial para aquilo que pode vir a acontecer.

[34] **PORTAS**, Nuno – Prefácio à edição de 1982 in TÁVORA, Fernando – Da organização do espaço. 6ª edição. Porto: Faup Publicações, 2006, p.VIII e IX;

[35] **FIGUEIRA**, Jorge (trad. Rafael Saldanha Duarte) – A Expo 98 de Lisboa: Projeto e Legado in ARQtexto16, p.160;



[47] Vista do lado poente do terreno da Quinta



CAPÍTULO 3

INTERVIR NO LUGAR

3.1. AS QUESTÕES DO PATRIMÓNIO

"Mudar sem mudar, talvez seja hoje, uma das formas de intervir no Património." [36]

No sentido de realizar uma proposta de intervenção numa preexistência, parece-me importante expor as reflexões pessoais sobre a importância da intervenção da arquitetura no património, bem como analisar quais os meios para atuar sobre o mesmo.

A palavra património deriva do latim *patrimoniu* [37], que significava herança. O conceito de património remete-nos de imediato para algo complexo sendo associado a uma conotação histórica. No entanto, este conceito nem sempre requer um sentido histórico, pode ser entendido pela sua materialização ou pelo seu valor. Na visão do arquiteto Adalberto Dias, *"Património é hoje quase tudo, é o somatório do que vem e chegou das gerações anteriores, do que sobra e ainda do que faz parte desse nosso tempo de rápidas, profundas, e por vezes dramáticas transformações - desde as tensões políticas... às transformações provocadas pela natureza..."*. [38]

Este conceito não se refere apenas a um monumento, não corresponde apenas ao passado, é sim um conceito universal que atua sobre um vasto e disperso pano de fundo. Surge de uma construção social, fruto de diversas raízes, entendendo assim a falta de uma definição concreta, consensual ou universal. O termo património, agora discutido, não estando totalmente esclarecido, implica o esclarecimento e clarificação da sua evolução e etapas no tempo. No sentido de entender o seu aparecimento na história, recorreu-se à obra de Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, a autora classifica o conceito e refere que este surge *"quando após a Segunda Guerra Mundial, as arquitecturas dos séculos XIX e XX foram progressivamente integradas na categoria de monumentos históricos."* [39]

Interessa entender a noção de património histórico e monumento na sua relação com a memória e com o tempo, a autora analisa a evolução dos termos nas problemáticas da conservação e restauro. Inicialmente, começa-se por clarificar e distinguir monumento de monumento histórico, conceitos inseparáveis que refletem uma visão específica do mundo. Monumento refere-se *"a qualquer artefacto edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças."* [40],

---

[36] **DIAS**, Alberto - Mudar sem Mudar, O Património e o Espaço Público In A Intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação. Porto. FEUP, 2005, p.113;

[37] Patri, pai + monium, recebido. FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteora.1986. p.1, 282.

[38] **DIAS**, Alberto - Mudar sem Mudar, O Património e o Espaço Público In A Intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação. Porto. FEUP, 2005, p.113;

[39] **CHOAY**, Françoise – A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2010, p.106;

[40] Idem, p.17;

por outro lado, o monumento histórico *"Ou é simplesmente constituído em objecto de saber e integrado numa concepção linear do tempo (...) ou então, pode, pode também, enquanto obra de arte, dirigir-se à nossa sensibilidade artística."* [41]. No entanto, devemos ter presente que nem todo o edifício antigo é considerado monumento ou património. O monumento apresenta um marco na história e na memória coletiva. Contrariamente, classifica-se como património tudo aquilo que se reconheça ou represente um valor ligado à identidade de uma nação.

É certo que intervir no património nos remete para uma variedade de conceitos, doutrinas e filosofias de atuação, e sendo este um conceito que tem acompanhando as transformações das cidades, interessa-nos compreender a sua importância no tempo. O processo de industrialização no mundo *"contribuiu, por um lado, para generalizar e acelerar as legislações de protecção do monumento histórico e, por outro, para fazer do restauro uma disciplina autónoma, solidária com os progressos da história da arte."* [42]. A industrialização foi responsável pelo despertar do romantismo e pelo despertar de valores afetivos em relação à proteção dos monumentos. No entanto, foi no século XVIII, após a Revolução Francesa, que surgiram as primeiras teorias para salvaguardar os monumentos com valor histórico, cultural e social. No entanto, só no século XIX é que se começam a criar princípios de intervenção para se recuperar edifícios com valor patrimonial.

> *"As destruições e as reviravoltas dos territórios urbanos e rurais, consecutivos à revolução industrial, não deixaram de ser, ao mesmo tempo, traumatizantes e portadores de nostalgia. Têm, com efeito, induzido uma tomada de consciência reaccional que é, sem dúvida, a causa determinante – mas não a única – sob o impulso da qual os países europeus institucionalizaram a conservação física real das "antiguidades" promovidas, desde logo a "monumentos históricos"."* [43]

Com esta preocupação face à indefinição teórica da abordagem e a salvaguarda do património histórico, surgiram reflexões e teorias críticas acerca da necessidade da preservação e conservação dos monumentos. A primeira desenvolve-se em França com Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879), uma doutrina que defende o restauro, e a outra, numa posição oposta, em Inglaterra, de John Ruskin (1819-1900) que defende a conservação, afastando a ideia de qualquer intervenção.

Outra das figuras importantes no estudo da conservação e restauro dos monumentos históricos, foi Camilo Boito (1836-1914). Através da teoria científica da conservação, faz uma síntese entre Viollet-le-Duc e Ruskin, defendendo a intervenção mínima, reconhecendo o valor da obra de arte, conservando o essencial do edifício e sinalizando as pequenas diferenças da intervenção. No seguimento das ideias de Boito, Gustavo Giovannoni (1873-1947), desenvolve a sua teoria do restauro com base na obrigatoriedade de diferenciar o moderno, possibilitando sem criar choque, a relação deste com o antigo.

---

[41] **CHOAY**, Françoise – A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2010, p.25;

[42] Ibidem, p.137;

[43] **CHOAY**, Françoise – As Questões do Património – Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70, 2011, p.27;

Após a 2ª Guerra Mundial, a urgência em recuperar as cidades destruídas e a necessidade de uma intervenção mais veloz, põe-se em causa o rigor e a lentidão das teorias do Restauro. Neste cenário as teorias de Camilo Boito e Giovanni Cesare são tomadas como exemplo e sofrem uma revisão de Cesare Brandi (1906-1988). O autor da obra *Teoria do Restauro de 1963*, reconhece no objeto, para além da sua função histórica, o seu estatuto enquanto obra de arte. Importa-lhe salvaguardar a autenticidade da obra, tendo preferência pela intervenção mínima e pela manutenção que evita o restauro.

Estes meios de atuação ficaram, ainda, descritos em documentos internacionais e conferências. Neles levantavam-se e debateram-se, em diversos pontos de vista, questões face às relações entre os monumentos antigos e a cidade. Destacam-se a Carta de Atenas (1931), a Carta de Veneza (1964) e com estas cresce a necessidade de se alargar a noção de património aos conjuntos históricos, bem como à paisagem natural e rural, e aos jardins históricos, e as Cartas do restauro (1972 e 1987).

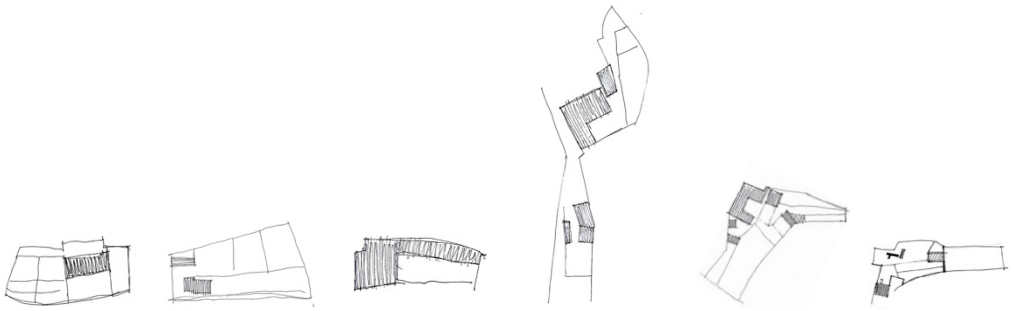
A pertinência da intervenção em edifícios preexistentes, quer pelo seu estado de degradação e condição de ruína ou pela necessidade de se adaptarem a um novo programa ou função, levantam diversas questões sobre a sua conservação, restauro ou manutenção. No texto *Da Intervenção na Cidade Histórica*, Manuel Mendes refere que *"Ao ter que intervir na cidade através da arquitectura coloca-se sempre o dilema da conservação e a substituição moderna, no fundo do qual está sempre a opção problemática entre o antigo e o novo"* [44]. É certo que trabalhar sobre o património construído nos remete para a preservação e salvaguarda de determinados valores e significados culturais presentes no edificado, que suportam a sua memória e identidade. Assim, compreende-se que hoje o desafio da arquitetura está em entender quais os elementos a proteger do património, tal como as paisagens.

Neste trabalho de projetar sobre a cidade existente, é preciso ter consciência do valor do património, não desvalorizar o passado e toda a sua história, um trabalho que requer conhecimento e interpretação. Em alguns casos de intervenção, o património *"pode tornar-se, por vezes, entrave ao desenvolvimento, o que nos deve levar a avaliar o seu valor e a pertinência da sua conservação através de critérios claros e rigorosos em vez de clarificar todo o património sem critério, fenómeno a que temos vindo a assistir."* [45]

A opção de (re)construir, respeitando a identidade e autenticidade do edificado, torna-se a viabilidade atual do lugar de intervenção, bem como, das vontades do arquiteto. Neste processo de intervir compreende-se que existem várias alternativas, a adotar, e que foi um processo interpretado por vários autores e desenvolvido ao longo do tempo. Assim, o restauro, a conservação e, também, a reabilitação são métodos que ganharam dimensão e espaço na arquitetura e continuam a ser temas recorrentes nos tempos de hoje e nos que aí vêm.

[44] **MENDES**, Manuel – Da Intervenção na Cidade Histórica – Longa Duração e Desenho. Re-Habitar Centros Antigos. AAP, 1998, p.20;

[45] **ALARCÃO**, Pedro – Construir na Ruína: entre a Reconstituição e a Reabilitação. Porto: Faup, 2018, p.18 e 19;



Identificação do Projeto	**1**. Casa e Quinta da Covilhã	**2**. Casa Primo Madeira e Anexos	**3**. Casa de Férias Quinta da Cavada	**4**. Casa de Pardelhas	**5**. Quinta do Ribeiro	**6**. Quinta de Bouçós
Ano	1973-1976	1986-1987|1993	1989-1990	1993-1999	1993-1996	2001-2008
Arquiteto	Fernando Távora	Fernando Távora	Fernando Távora	Fernando Távora	Francisco Barata	Nuno Brandão Costa
Colaboração	s.d	José Bernando Távora, Carlos Martins, Fernando Barroso	s.d	Pedro Pacheco e Fernando Barroso	Helder Casal Ribeiro	Joana Ribeiro, Ana Fortuna, André Eduardo Tavares
Tipo de Intervenção	Recuperação e alteração	Alteração e ampliação	Recuperação e alteração	Recuperação e alteração	Adaptação	Recuperação e adaptação
Estado Anterior	Em uso	Em uso	Abandono e ruína	Abandono e ruína	s.d	Ruína
Localização	Fermentões, Covilhã	Lordelo de Ouro e Massarelos, Porto	Briteiros, Guimarães	Pardelhas, Vila Nova de Cerveira	Rebordões, Santo Tirso	Friestas, Valença do Minho
Cliente	Fernando Távora	Universidade do Porto	Maria Luísa Guimarães	Joaquim Torres	Ana Paula Machado	José Valentim Brandão Costa
Função	Uso de produção agrícola e habitacional	Eventos	Uso habitacional	Uso habitacional	Uso habitacional	Uso habitacional

s.d Sem dados

[48] Esquemas e quadro síntese da informação relativos às obras em análise

3.1.1. HIPÓTESES E REFERÊNCIAS DE PROJETO

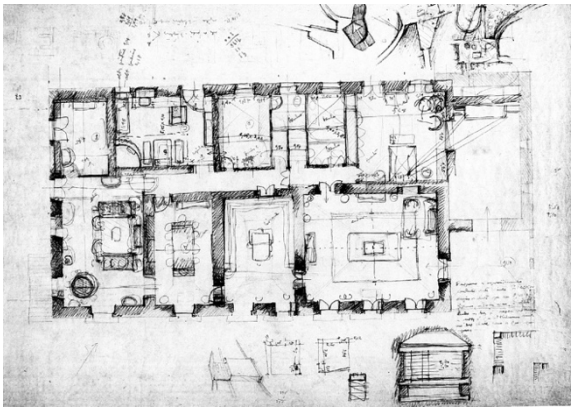
"As referências são os instrumentos que um arquiteto possui; é o seu património de conhecimentos, de informações. Elas são a soma de todas as experiências que é possível conhecer e empregar." [46]

Durante todo o processo de construir uma ideia para um lugar, recorre-se a um conjunto de ideias, sempre em atualização, para nos ajudar a resolver problemas funcionais, materiais e até mesmo estéticos. A questão do modo de fazer arquitetura acompanhou-me ao longo de todo o processo, enquanto estudante de arquitetura foi sempre algo que me deixou bastante inquieta, visto ser um tema que está em constante construção a nível pessoal. Assim, esta construção foi sempre apoiada por estas "muletas", as referências arquitetónicas, que dão forma a novas ideias e suporte a tantas inseguranças que aparecem pelo caminho. Torna-se pertinente e importante recorrer, mais uma vez, a obras de mestres, de certa forma, para conseguir racionalizar e exteriorizar este processo de construir, consolidar conhecimentos e refletir sobre alguns temas essenciais na arquitetura.

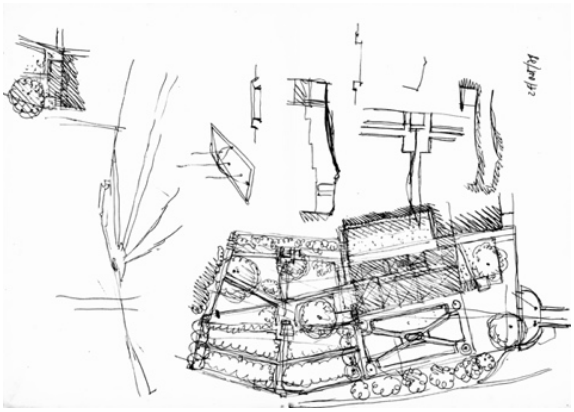
Ao longo de todo o processo procuraram-se diversos modelos de referências, para as diversas fases de projeto, semelhantes à natureza e dimensão da proposta a desenvolver. A escolha incidiu sobre seis exemplos concretos que remetem para casas e Quintas da autoria de diferentes arquitetos. Assim, recorre-se aos arquitetos Fernando Távora, Francisco Barata e Nuno Brandão Costa, na tentativa de criar bases para a criação de um programa, bem como formular hipóteses de intervenção.

Destacam-se as casas de Fernando Távora, obras que refletem um trabalho de reconstrução, ou seja, pensar numa preexistência, algo que se torna sempre complexo e desafiante, visto considerar-se prioritário estabelecer um diálogo entre o antigo e o novo. Também foi importante para o desenvolvimento do trabalho, o estudo de uma Quinta projetada pelo arquiteto Francisco Barata, porque para além de apresentar um desenvolvimento programático semelhante ao pretendido, reflete a valorização da vida do edifício e determina uma fase de intervenção que transforma o existente sem o subverter. Por fim, o estudo sobre uma obra do arquiteto Nuno Brandão Costa, é considerado um caso de estudo relevante por tirar partido dos vestígios materiais existentes e por fundir duas arquiteturas de épocas distintas. Todas estas obras partem de uma preexistência, e, portanto, trabalhar sobre este tipo de arquiteturas remete para uma certa responsabilidade por lhes atribuir um novo uso, sem perder a sua identidade.

[46] **SIZA**, Álvaro- "Sou sensível ao momento que se segue..." (Álvaro Siza entrevistado por Laurent Beaudouine Christine Rousselot). In Álvaro Siza: Uma questão de medida. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009, p.27;



[49] Esquisso da planta de Fernando Távora



[50] Esquisso do conjunto com apontamentos de pormenores



[51] Capela de São Sebastião



[52] Espaço de entrada e da porta para a sala de leitura



[53] Sala de jantar



[54] Cozinha

CASA E QUINTA DA COVILHÃ

Arquiteto: Fernando Távora (1923-2005)
Localização: Fermentões, Covilhã
Data: 1973-1976
Função: Habitação

A Casa e Quinta da Covilhã situa-se nas margens do Rio Selho, o arquiteto Fernando Távora herdou o conjunto em 1973, e é desde então que pertence à sua família, mantendo até à atualidade a mesma função, de produção agrícola.

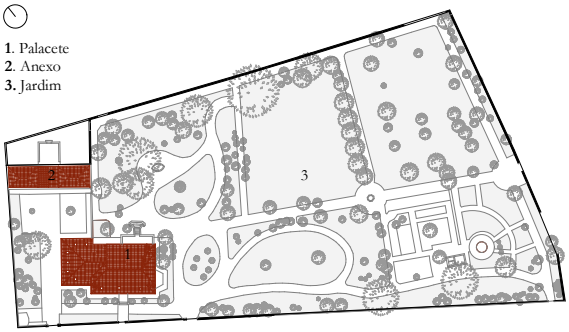
O conjunto é composto por uma casa nobre, com planta retangular e dois pisos, sendo um semienterrado, que contém lojas e uma antiga cavalariça. Na falta de desenhos rigorosos, o estudo sobre os esquissos e fotografias foi essencial, onde se identificaram os diversos compartimentos da casa. Esta é composta por um espaço de entrada, sendo o espaço de maior dimensão, seguindo-se uma sala de leitura onde se delimitam dois cadeirões e umas estantes que envolvem as paredes e suportam os livros. Nesta linha visual surge, seguidamente, a sala de jantar e estar. Interligada a esta zona através de um corredor central, no lado oposto, surge a cozinha, um quarto para o serviçal e a zona mais privada da casa com dois quartos. Adossada à casa encontra-se uma capela, de São Sebastião, de planta simples, que remota ao ano de 1680, circundada por patamares ajardinados, e um bosque de carvalhos. Nos jardins verifica-se o desenho também regular e simples que inclui muros, fontes, e tanques de pedra. Por se destinar à produção agrícola, o conjunto, apresenta anexos e estruturas de apoio, onde se destacam a adega, o lagar, o alpendre e a eira. No conjunto salientam-se, ainda, moinhos de água e campos para o cultivo e uma vinha em socalcos.

Távora descreve o conjunto como um lugar de memória pelo *"seu portão com o seu mouro, o seu terreiro, o seu jardim que outrora fora de buxo, algumas das suas fontes sem água, a sua velha nogueira, a beleza das suas camélias de Fevereiro."* [47]. Távora intervém num gesto um pouco cauteloso, como se verifica nos seus esquissos, traços que refletem dúvidas e certezas. Um trabalho "*sinuoso e flexível e não um projecto de estirador, foi um método de homem apaixonado e não de frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho no papel."* [48].

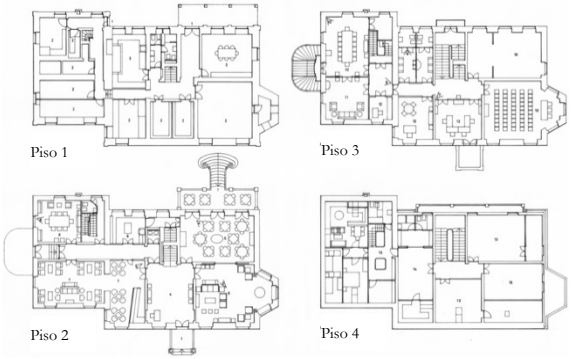
Nesta junção entre razão e intuição, qualidades que se encontram no arquiteto, exercita-se esta arte de projetar sobre um lugar e um edifício preexistente, compreendendo o papel que este desempenha na paisagem do conjunto.

[47] **TÁVORA, Fernando** – Fernando Távora / editado por Luiz trigueiros. Lisboa: Blau, 1993, p.130;

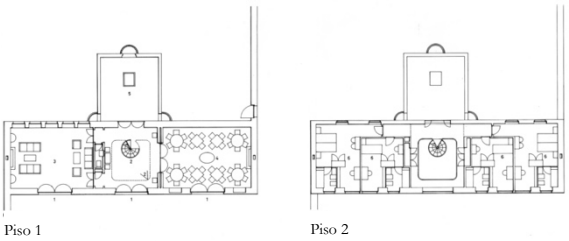
[48] Idem, p.130;



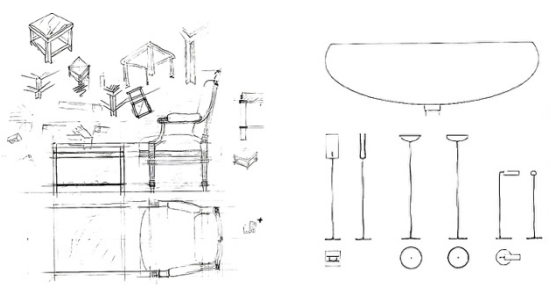
[55] Planta de implantação do conjunto com palacete (1986) e anexo (1993)



[56] Plantas das intervenções de Fernando Távora no palacete (1986)



[57] Plantas do anexo (1993)



[58] Esquissos de estudo do mobiliário e iluminação



[59] Jardim em torno do palacete



[60] Fachada principal do palacete



[61] Fachada principal do anexo



[62] Sala de refeições no palacete

CASA PRIMO MADEIRA E ANEXOS

Arquitetos: José Marques da Silva (1861-1947), Fernando Távora (1923-2005)
Localização: Lordelo do Ouro e Massarelos, Porto, Portugal
Data: 1986-1987|1993
Função: Eventos

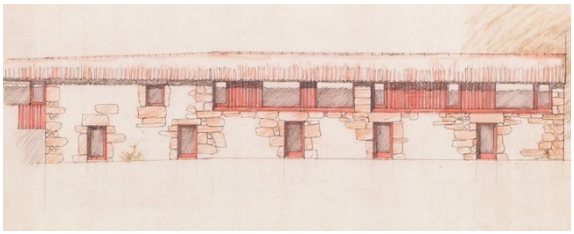
A Casa Primo Madeira, um edifício adotado pela Universidade do Porto, revela-se ser um projeto polivalente por oferecer uma variedade de espaços para inúmeros eventos. Localiza-se no centro da cidade do Porto, estando próximo das Faculdades de Arquitetura, Ciências e Letras da Universidade do Porto, destacando-se na malha pelo seu carácter exuberante e grandioso. Datado dos finais do século XIX o palacete sofreu, posteriormente, algumas intervenções de vários arquitetos, onde se destacam os arquitetos José Marques da Silva e Fernando Távora.

O edifício, de certa forma, pretende adaptar-se à sua nova função e deste modo a velha arquitetura apresenta-se como o suporte para a nova. Assim sendo, embora este edifício tenha a necessidade de se adequar a uma nova função, o arquiteto Fernando Távora decidiu manter o traçado original dos compartimentos e dos pormenores, tanto no interior como no exterior. O edifício mantém desde a sua origem o mesmo número de pisos, constituído por quatro. O piso da cave continuou a integrar os espaços da cozinha, da lavandaria, da dispensa e das instalações para o pessoal. No rés-do-chão conservou-se as zonas das salas de estar e de jantar, com a respetiva copa, bem como o espaço de salão de entrada. O primeiro piso sofreu algumas alterações, os quartos deram lugar a salas de reuniões e serviços, para a área administrativa. Por fim, o último piso passou a englobar salas de gabinetes e um ginásio. Távora desenha, num olhar atento e cuidado todo o mobiliário e acabamentos da casa. Nos seus esquissos vemos esta preocupação por pensar nos detalhes das mesas, cadeiras, balções, estantes e sofás para cada divisão. Neste trabalho de adaptar, vemos o conhecimento de Távora na tentativa de transformar e acrescentar um novo valor à arquitetura existente.

Em 1993, constrói um anexo, de apoio ao palacete. O piso térreo alberga as zonas comuns, como o espaço de entrada, sala de jantar e estar, apoiadas por um pátio. O piso superior suporta a zona mais privada dos quartos.

A zona exterior do jardim também sofreu algumas alterações, sendo adaptadas pelo arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral. Com o objetivo de se tentar conservar as áreas abundantes de vegetação, manteve-se os grandes jardins acrescentando-lhes um salão com capacidade para 300 pessoas.

Esta intervenção reflete o desafio da arquitetura de se adaptar a uma nova função, levando a reorganizar e a criar novos espaços, de forma a não entrar em confronto com as preexistências.

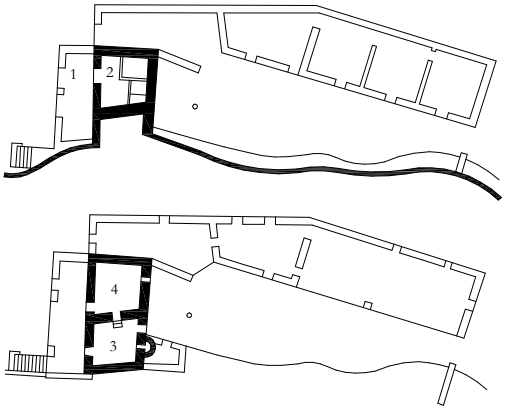


[63] Esquisso do alçado



[66] Vista do pátio e da casa

1. Espaço de Chegada
2. Lagar
3. Cozinha
4. Sala de Estar



[64] Plantas da casa existente (1650) respetivamente piso térreo e superior



[67] Vista do alçado dos quartos

1. Espaço de Chegada| Coberto
2. Lagar
3. Lavandaria
4. Quarto
5. Casa de Banho
6. Sala de Leitura
7. Espaço de Distribuição
8. Sala de Estar
9. Sala de Jantar
10. Cozinha
11. Despensa
12. Varanda



[65] Plantas da intervenção (1990) respetivamente piso térreo e superior



[68] Vista do interior do quarto

Estruturas existentes Intervenção

CASA DE FÉRIAS QUINTA DA CAVADA

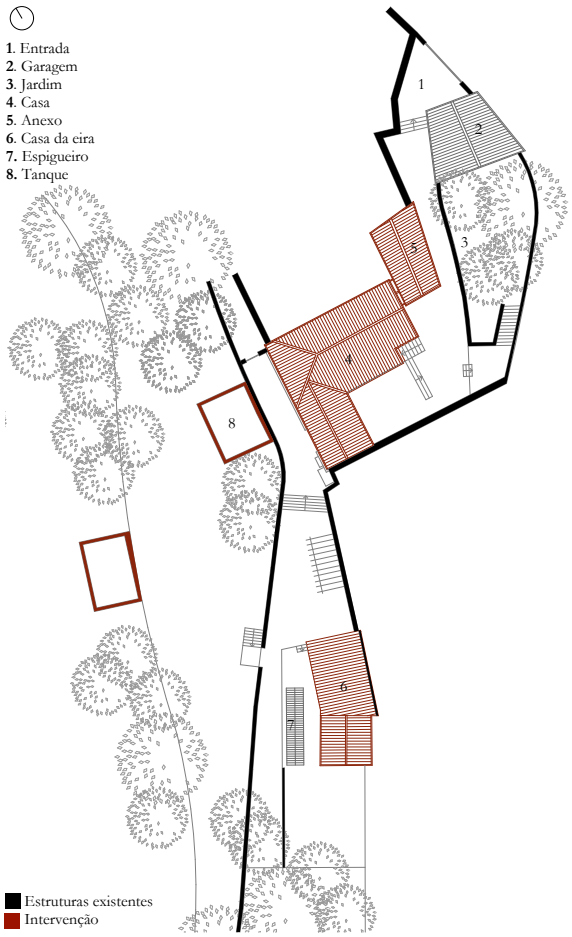
Arquiteto: Fernando Távora (1923-2005)
Localização: Briteiros, Guimarães
Data: 1989-1990
Função: Habitação

Da autoria do arquiteto Fernando Távora, esta é uma casa que foi alvo de um processo de intervenção para se adaptar a casa de férias, mas é, desde 1650 que vem a sofrer alterações, para se adaptar às necessidades do proprietário. A casa apresentava-se semelhante a outras da região, que Távora e a sua equipa estudaram aquando da realização da arquitetura popular em Portugal.

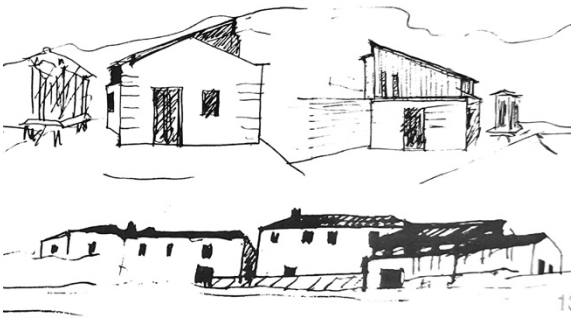
Inicialmente, tratava-se de uma pequena casa de granito de um lavrador, com uma organização simples e que correspondia as necessidades básicas de uma casa de lavoura. A casa continha no piso térreo um espaço de chegada e um lagar, no piso superior viam-se apenas dois compartimentos que correspondiam à cozinha e à sala de estar/zona de dormir. Com a necessidade de se prolongar, devido aos trabalhos agrícolas, construiu-se um volume, em pedra irregular com cobertura de duas águas, de apoio com espaço para o corte do gado, armazéns e um possível sequeiro. Até à intervenção de Távora, surgiu, ainda, uma sala ao ar livre, designada de pátio ou eido, uma zona coberta entre o alargamento da chegada à casa e o eido, que servia de zona de transição e arrumos para guardar as alfaias agrícolas. A norte constrói-se um coberto aberto para o pátio, um espaço de estar e repouso, e uma despensa encastrada no terreno, atualmente utilizada para conservar alimentos.

Não sendo necessário recorrer a acrescentos para se adaptar à sua nova função, a intervenção de Távora passou por trabalhar sobre o existente. Assim sendo, o programa delimitou-se na casa de lavoura, nos anexos agrícolas e na ligação destes dois volumes. A maior parte de conservação manteve-se na casa, sem alteração da organização espacial, o volume agrícola é alvo de maior intervenção, sendo necessário rebaixar o piso térreo 50 centímetros, para garantir o pé direito mínimo. A sua organização espacial albergou novas funções como os quartos, com acesso direto para o pátio e o corredor de distribuição, as casas de banho e a lavandaria. Na tentativa de ligar os dois volumes surgiu uma sala de estar no piso superior.

Outra das importantes intervenções foi no alçado dos quartos, em que decidiu conjugar granito à vista com ripas de madeira, método adotado pelos antigos pedreiros nos sequeiros. Os caixilhos de madeira surgem numa linguagem contemporânea, com linhas mais simples. Os degraus desenhados para os novos quartos, no sentido de vencer o desnível criado para rebaixar o piso térreo, surgem em granito, iguais aos existentes na casa do lavrador. Por outro lado, no interior, Távora decide distinguir as paredes existentes, de granito, das novas, rebocadas e pintadas de branco, num gesto claro de assumir a diferença entre o novo e o antigo.



[69] Planta geral de intervenção



[70] Esquisso de Távora para a casa da eira



[71] Fotografia de obra: as novas estruturas



[72] Casa principal após a intervenção



[73] Tanque mais próximo da casa

CASA DE PARDELHAS

[5]

Arquiteto: Fernando Távora (1923-2005)

Localização: Pardelhas, Vila Nova de Cerveira

Data: 1993-1999

Função: Habitação

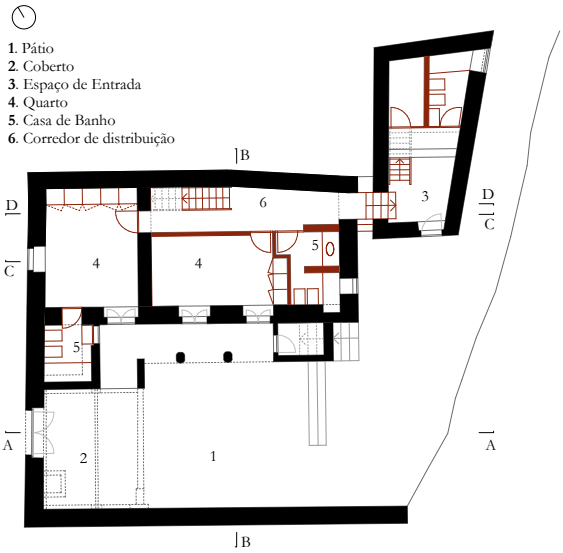
Esta obra representa uma das obras de reabilitação de Fernando Távora. Este conjunto de várias construções agrícolas destinava-se, sobretudo, à criação de gado e à produção agrícola. Sem grandes registos anteriores à intervenção, a maior parte das construções encontrava-se num avanço estado de abandono e ruína.

Analisando o existente, compreende-se que o conjunto era composto, essencialmente, por dois núcleos, a casa principal com um anexo e a casa da eira, apoiadas por construções anexas de apoio às atividades agrícolas e à vida doméstica. Fazendo uma leitura geral do conjunto percebe-se que é composto por peças arquitetónicas que surgem ao longo do tempo consoante as necessidades dos proprietários, sendo todos os elementos pensados de forma cautelosa e cuidada na sua orientação e posição no terreno, de forma a garantir o seu bom funcionamento.

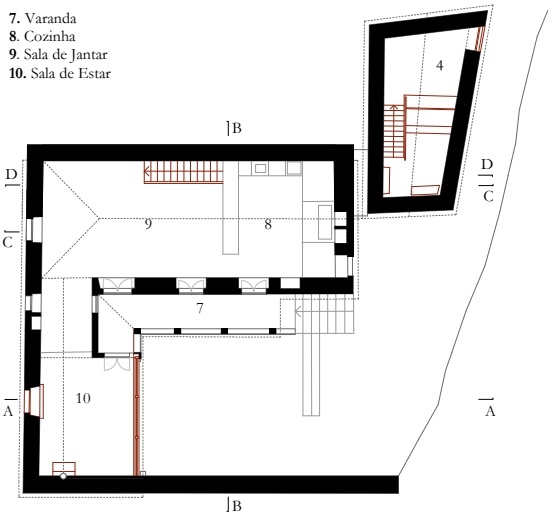
A casa principal fecha-se para um pátio a sul, é construída em granito com pedra irregular, sendo a sua organização espacial simples. As divisões do piso térreo eram de pequenas dimensões, quase, totalmente fechadas para o exterior, com um pé direito que não ultrapassava um metro e noventa de altura, era onde se encontravam as cortes de gado, o lagar e uma zona de arrumos, de apoio. O primeiro piso destinava-se à vida doméstica, com espaços também reduzidos, era composto por uma cozinha, uma sala de jantar e uma zona de dormir. Sendo que não havia a presença de um telhado, devido a ter desaparecido, compreende-se que se desenvolvia quatro águas em telha, em forma de L que unificava toda a casa.

O anexo funcionava de forma independente da casa, sendo também construído em pedra irregular. É certo que não existiam registos face ao mesmo, no entanto, supõem-se pelas suas dimensões, pela proximidade com a casa principal, pelo facto de ter apenas um piso e poucas aberturas para o exterior que se destinava a uma zona de arrumos das alfaias agrícolas e da ração animal.

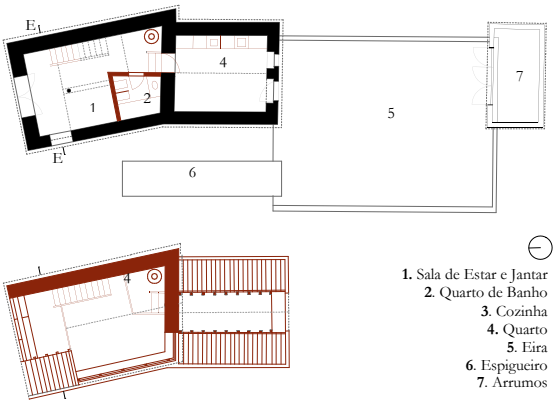
A passagem coberta por baixo da sala, da casa principal, revela-nos o caminho para a casa da eira e o pequeno espigueiro. A casa da eira era, tal como as outras construções, construída em pedra irregular, com uma cobertura de duas águas em telha. Pelo seu aspeto robusto e quase encerrado estaria relacionado com o armazenamento das colheitas, relacionando-se com o espaço da eira. De encontro à casa existe um espigueiro todo construído em granito com cobertura de telha de duas águas que assenta numa estrutura de arcos.



[74] Planta casa principal piso térreo

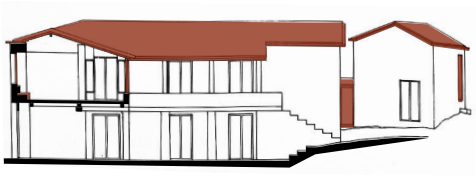


[75] Planta casa principal piso superior

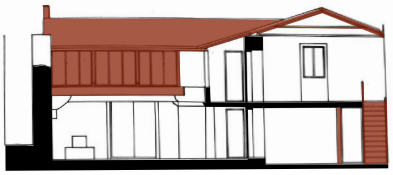


[76] Plantas casa da eira respetivamente piso térreo e piso superior

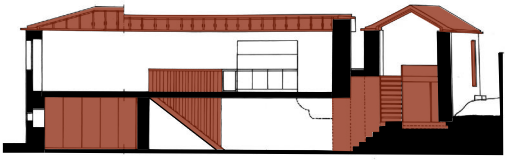
Estruturas existentes Intervenção



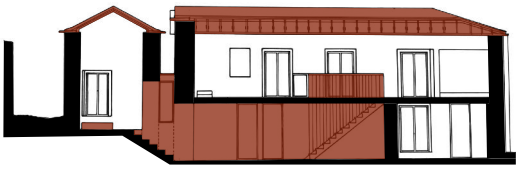
[77] Corte AA



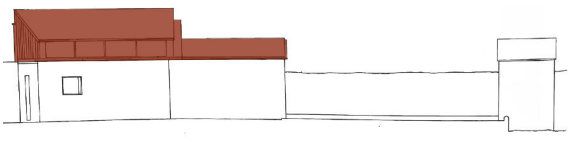
[78] Corte BB



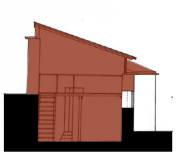
[79] Corte CC



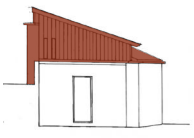
[80] Corte DD



[81] Alçado Poente



[82] Corte EE



[83] Alçado Norte

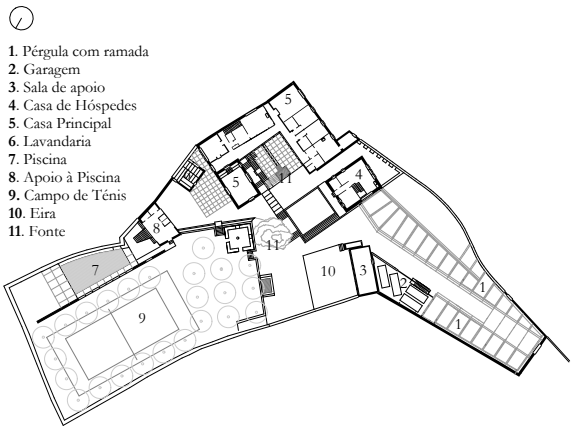
Com base no existente, Távora adota diferentes posturas consoante os diferentes problemas a solucionar, partindo sempre da análise de cada caso. Assim, o pedido recai sobre a vontade do conjunto se adaptar a um novo uso de Casa de Férias, afastando-a da sua função inicial ligada à produção agrícola.

Na casa principal, o piso térreo sofre grandes alterações, para se adaptar ao seu novo uso, sendo agora destinado às áreas mais privadas, como a zona dos quartos e casas de banho, com uma relação direta com o pátio. No piso superior decide manter as funções originais que albergam as áreas comuns, sendo o acesso da casa feito por este piso, pela varanda coberta, através de umas escadas exteriores de granito. Neste piso reconstrói o espaço que cobre a passagem para a casa da eira e instala uma lareira no mesmo. Esta divisão acaba por se virar para a paisagem e para o pátio através de um grande vão envidraçado, todo construído em painéis de madeira pintados de castanho avermelhado. O anexo passou a integrar dois pisos, o piso térreo que acolhe, agora, uma sala de estar, uma casa de banho e um espaço para arrumos e o piso superior um quarto, sendo instalada uma escada em madeira para ser possível transitar de um piso para o outro. Devido ao facto de o anexo se encontrar quase encastrado à casa, foi possível criar-se uma passagem fechada para se poder transitar para a mesma.

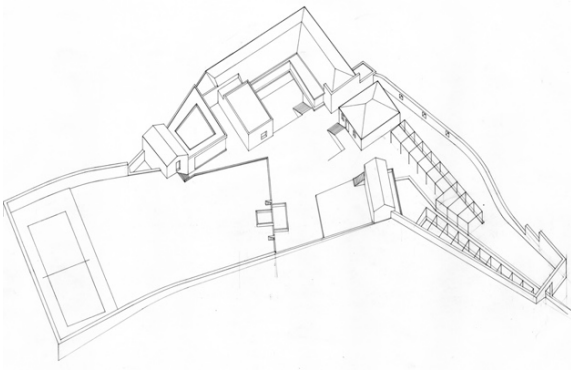
Quanto à casa da eira, e existindo como forma independente da casa principal, a sua organização passou por integrar no piso térreo, uma sala de estar com uma salamandra, uma cozinha, uma casa de banho e uma escada que faz o acesso ao quarto, no piso superior. Embora a casa fosse sustentada pelos restos de espessas paredes de granito, foi necessário construir uma segunda parede interior de tijolo que certificava um maior conforto térmico, bem como possibilitou a criação de um segundo piso. Novamente, este piso superior foi revestido por painéis de madeira verticais, pintados num tom castanho avermelhado, como já havíamos visto na Casa da Cavada. O espigueiro, por sua vez, manteve-se sem alterações, conservando a sua estrutura na totalidade.

O espaço exterior designa-se agora por jardim, onde o arquiteto desenha um conjunto de tanques de água e caleiras que recolhem e armazenam a água das chuvas. Todo o jardim pode ser percorrido, sendo os desníveis acompanhados por escadas, e todos os elementos e peças arquitetónicas surgem envolvidos no terreno e na natureza. São ainda desenhadas uma piscina e uma casa de apoio que se afastam da leitura do conjunto e são apenas construídas após a conclusão das casas.

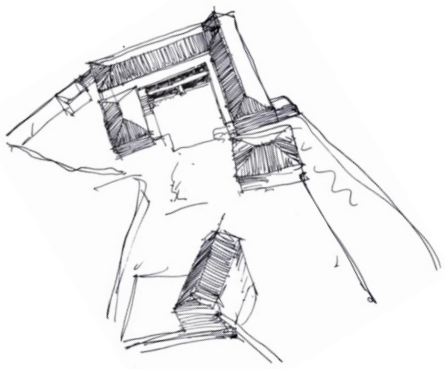
Todo este trabalho de intervenção desenvolvido por Távora surgiu das constantes visitas ao local acompanhado do proprietário, no qual mantém uma forte e longa relação de amizade. Para além disso, surgiu do estudo das casas nas proximidades recorrendo, simultaneamente, ao inquérito da arquitetura popular portuguesa, para entender as formas, bem como a organização espacial do conjunto. Mantem como premissa esta procura por estudar, ler e compreender a história do conjunto para conseguir dar resposta e intervir no património construído. Com o objetivo de intervir e dar continuidade a um passado, a sua intervenção trata sobretudo de dar vida ao que se encontrava num estado decadente.



[84] Planta geral da intervenção



[85] Axonometria de estudo do conjunto



[86] Esquisso de estudo sobre a casa principal, a de hóspedes e a eira



[87] Vista para a casa principal, a casa de hóspedes e a sala de apoio



[88] Casa principal



[89] Pátio da casa principal e da sala de apoio

QUINTA DO RIBEIRO

Arquiteto: Francisco Barata (1950-2018)
Localização: Rebordões, Santo Tirso
Data: 1992-1996
Função: Habitação

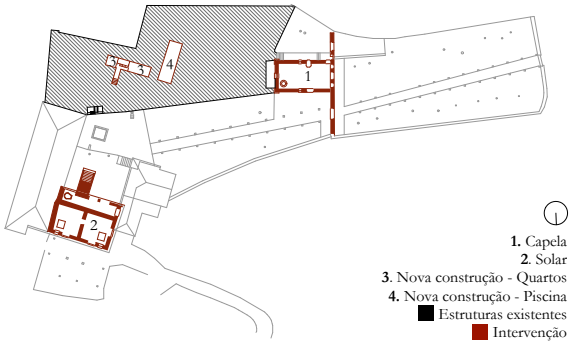
Tal como os exemplos anteriores, este também é um projeto que trabalha sobre uma preexistência. Trata-se de um complexo agrícola, que remete para os finais do século XVIII e incorpora seis edifícios, que devido ao abandono do trabalho agrícola se degradaram e levaram ao seu estado de descuido.

Com a necessidade de se converter numa residência sazonal e com um nível de exigência programático elevado, o arquiteto aboliu qualquer demolição ou reconstrução, visto que, as estruturas existentes resolviam o pedido. Não fazendo grandes acrescentos ao existente, a intervenção limitou-se à conexão entre os edifícios, à redefinição e adaptação programática das várias estruturas e à transformação dos espaços exteriores em jardins.

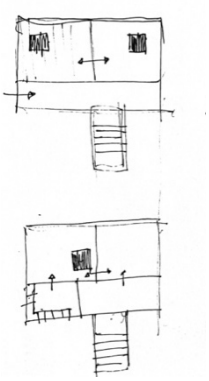
A casa principal, organizada em dois pisos, manteve a suas funções habitacionais, com zonas de estar e quartos. A casa dos caseiros é agora casa de hóspedese a cozinha exterior foi adaptada a lavandaria, para o tratamento da roupa. A arrecadação das alfaias passou a albergar sanitários e vestiários, de apoio à piscina e ao campo de ténis.

Quanto aos materiais construtivos, manteve-se na sua origem o granito e a madeira, prevalecendo em toda a Quinta e definindo a sua identidade. Pelo seu estado de degradação avançado foi necessário recorrer à recuperação de partes das fachadas na maioria dos edifícios. Neste sentido, compreende-se os vários estudos prévios e desenhos intensivos face a todos os elementos, presentes na Quinta, na procura de clarificar, ponderar e avaliar bem as decisões de projeto.

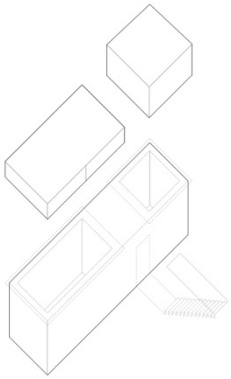
Visto que Fernando Távora fez parte da formação do arquiteto Francisco Barata, este sente-se mais à vontade a traçar uma linha de continuidade com o passado, seguindo e adotando uma postura semelhante à de Fernando Távora. Francisco Barata inova na sua intervenção, mas mantêm a consciência da responsabilidade em intervir no património, reconhecendo o seu valor, a história do lugar e dos edifícios preexistentes.



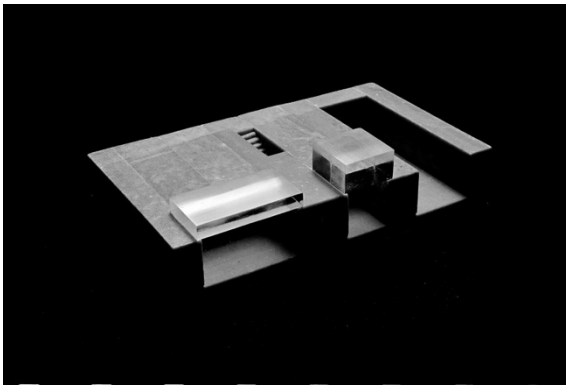
[90] Planta geral de intervenção



[91] Esquisso de estudo sobre as plantas do solar



[92] Axonometria dos quartos enterrados



[93] Maquete final dos quartos enterrados



[94] Vista geral das novas construções e a capela



[95] Vista sobre a fachada do solar



[96] Quarto do rés-do-chão do solar

QUINTA DE BOUÇÓS

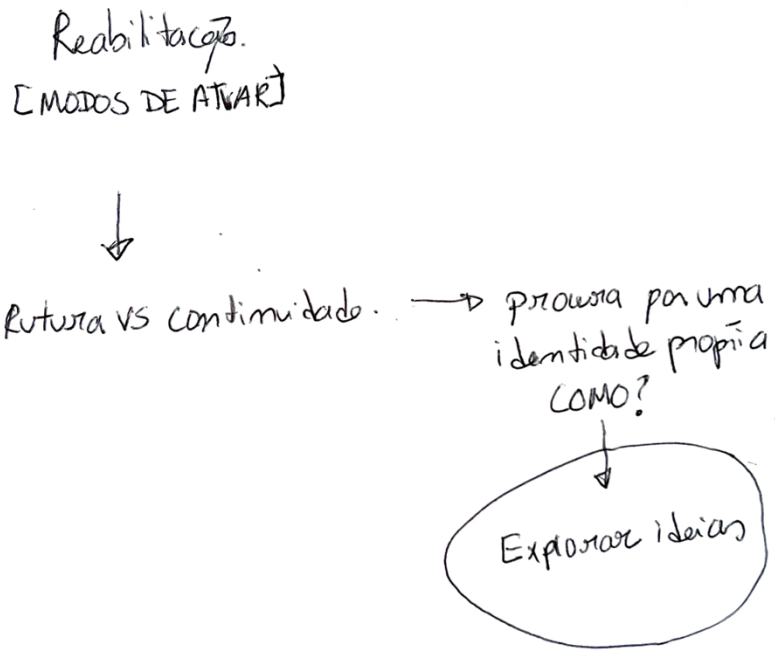
Arquiteto: Nuno Brandão Costa
Localização: Friestas, Valença do Minho
Data: 2001-2008
Função: Habitação

A Quinta de Bouçós trata-se de uma arquitetura que necessita de se adaptar a uma nova realidade, focada na consolidação e recuperação dos valores que se foram perdendo. A intervenção no existente recai sobre um solar do século XVII e uma capela do século XVIII. No entanto, como forma de dar resposta a um pedido, que correspondesse a um local para férias, foi necessário construir três corpos. Uma intervenção que será sempre complexa, pela dificuldade em recuperar uma memória perdida, acrescentando novas construções, que não devem entrar em conflito com o existente.

A verdade é que os elementos preexistentes encontravam-se num estado avançado de ruína e, portanto, a intervenção era urgente e necessária. O arquiteto, na capela, adotou uma postura de montar todas as peças que tinham caído para retomar a composição original. Surgiram muitas pedras a imitar as velhas e outras que regressaram à sua posição original. De certa forma, os vestígios do existente tomaram conta das posturas e vontades a adotar no projeto.

O solar já se encontrava bastante alterado, e no sentido de o requalificar existiram várias propostas de projeto para que este se tornasse habitável. Assim sendo, o piso do rés-do-chão que, anteriormente, era ocupado pelo espaço de lagar, bem como, dos produtos e materiais hortícolas e abrigo dos animais, surgiram dois quartos. Nestes compartimentos a pedra e a estrutura em madeira permaneceram à vista, assim como, os portões que fechavam os espaços. No piso superior surge, um quarto, uma cozinha e uma sala de estar. Era considerado um piso mais nobre e, por isso, manteve a estrutura em gesso à vista, sendo acabado com texturas mais expressivas. As janelas e portas apresentavam motivos ornamentais reproduzindo os da época. Os dois pisos apresentam um elemento em comum, uma pequena caixa que acolhe uma casa de banho e garante a funcionalidade e conforto. Os desenhos originais dos tetos e pavimentos mantiveram-se, bem como, o das janelas e portas, mas desta vez serão duplos para garantir um melhor isolamento térmico.

No lado poente do terreno foram escavadas três construções, que complementam e dão suporte à habitabilidade do solar. Um corresponde à piscina, os outros são diferentes em altura, largura e profundidade e correspondem a dois quartos. Estes dois novos blocos em betão, enterrados, asseguram o isolamento térmico. Já a fachada em vidro duplo que inclui um sistema de estores, encaixados na caixilharia metálica, rematam o piso superior.



[97] Esquema de pensamento de uma possível metodologia de intervenção

3.1.2. REFLEXÃO SOBRE AS OPORTUNIDADES DE INTERVENÇÃO

Nesta fase do trabalho é importante perceber que uma das maiores dificuldades que enfrento é a presença das várias formas de atuar sobre a preexistência. Assim sendo, recorreu-se aos exemplos estudados para compreender e estabelecer uma comparação analítica de resposta a esta problemática.

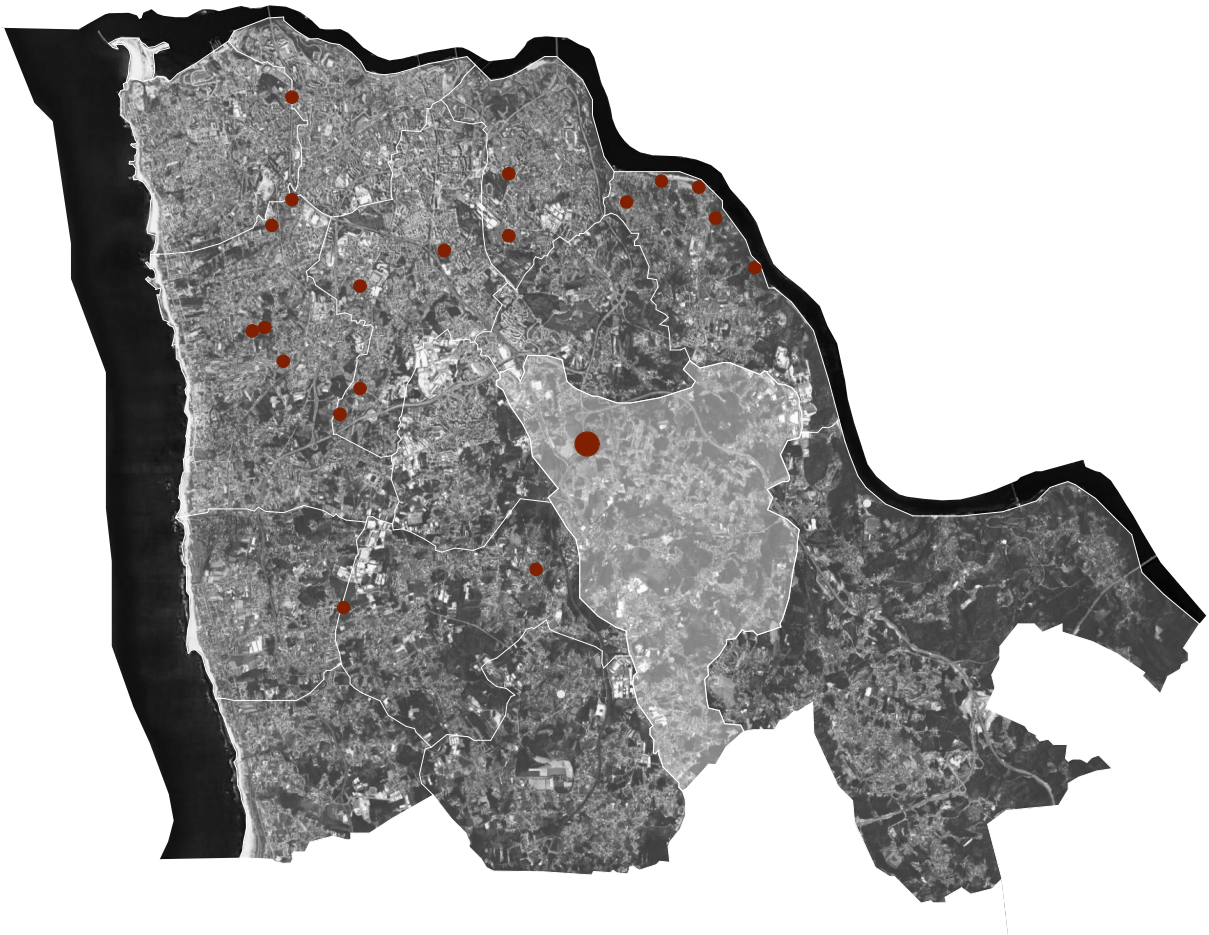
Távora afirma que "*as casas de hoje terão de nascer de nós, isto é, terão de representar as nossas necessidades, resultar das nossas condições e de toda uma série de circunstâncias dentro das quais vivemos, no tempo e no espaço."*[49]. A influência das palavras de Távora, bem como, o estudo das suas obras, permitiu perceber que existem duas posturas a adotar, a continuidade e a rutura. No entanto, não querendo assumir nenhuma das duas, a solução mais viável passa por existir uma concordância entre ambas. O objetivo não é uma imitação perfeita do que era o edifício ou abolir a essência do mesmo, construindo um novo. Assim, a vontade de intervir desenvolve-se neste pensamento, entre esta permanência do existente e a procura do novo, do aproveitamento das formas construídas e da adição de novos elementos.

À semelhança das intervenções de Távora, também o arquiteto Francisco Barata teve de trabalhar sobre uma preexistência. O arquiteto procurou uma ligação com o passado atribuindo novas funções aos espaços interiores, com o conhecimento das condicionantes que o respeito pelo antigo lhe impunha. Assumiu uma postura de procura por uma identidade própria, que nasce do que ela é e pretende ser.

Contrariamente, Nuno Brandão Costa apresenta-se num registo um pouco diferente ao projetar sobre o que existia, reflete uma vontade clara de explorar e experimentar. Neste sentido e com uma convicção de que as estruturas antigas constituem um importante valor cultural, patrimonial e memorial, que deve perdurar, o projeto defende a sua continuidade, mas adota uma atitude construtiva que reconhece e determina as necessidades de atualização. Assim, propõe com uma atitude inclusiva os edifícios do passado, mas apresenta um projeto com carácter mais atual que não se limita pela condição existente.

Desta forma, conclui-se que os exemplos estudados não se apresentam como uma maneira de fazer para os inúmeros problemas da reabilitação, mas sim de soluções que respondem às características do lugar, do território e da vontade de um cliente. Estas diferentes visões ajudaram a compreender a posição do arquiteto e lançaram as ideias principais para conseguir traçar uma estratégia. Se no início do estudo das obras existia a convicção de que era possível alcançar certezas quanto ao método mais apropriado para se intervir, com o decorrer do trabalho verificamos que existem mais descobertas do que conclusões.

[49] **TÁVORA**, Fernando - Da organização do espaço. Porto: Faup Publicações, 2006, p.18;



[98] Análise e localização de Quintas com programa idêntico no concelho de Vila Nova de Gaia

3.2. APROXIMAÇÃO À IDEIA DO LUGAR

"As formas destroem-se com o tempo, mas as ideias permanecem, são eternas." [50]

"A ideia é a síntese de todos os elementos que compõem a arquitetura (contexto, função, construção, composição)." .[51]

3.2.1. À PROCURA DE UMA IDENTIDADE

"É certo que um projeto parte sempre de uma ideia intuitiva, independentemente do conhecimento mais ou menos profundo de objetivos e de condicionantes. Mas dessa intuição só pode nascer uma subjetiva (imperfeita ou incompleta) partitura. No desenvolvimento dos temas se vai conformando um apoio interior, subjacente ao qual sempre se regressa, mesmo por oposição." [52]

Tendo encerrado a sua atividade há doze anos, o edifício foi-se progressivamente degradando e, aquando da proposta de compra, pôs-se a pergunta fundamental pela função a atribuir-lhe. Os problemas da forma e da função impõem-se com especial relevo, sendo que se colocou em hipótese a construção de uma casa da cultura, mas decidiu-se, de forma quase imediata, implementar uma Quinta de eventos, a primeira a ser construída na Senhora do Monte.

Após uma intensa pesquisa e análise sobre este tipo de Quintas nas proximidades, constata-se que é quase nula a existência de edifícios com o mesmo propósito. Recorrendo à leitura do plano de atividades da freguesia e às várias conversas com o cliente, foi possível repensar-se sobre as necessidades do território e da Quinta, de forma a encontrar uma harmonia entre ambos. Desta forma, apesar de à primeira vista parecer tratar-se de um projeto de reabilitação das infraestruturas e reformulação dos espaços, a determinada altura, trata-se de refletir o projeto a outra escala.

A ideia de projeto surge da vontade de revitalizar um lugar que se encontra quase esquecido, o objetivo será de lhe impor uma imagem mais reativa, sem perder a identidade dos espaços, das gentes e da sua história. Sendo que era uma Quinta com um forte impacto, o propósito passa por recuperar o lugar, acrescentando-lhe um novo programa mais adequado ao tempo atual e às necessidades do proprietário.

---

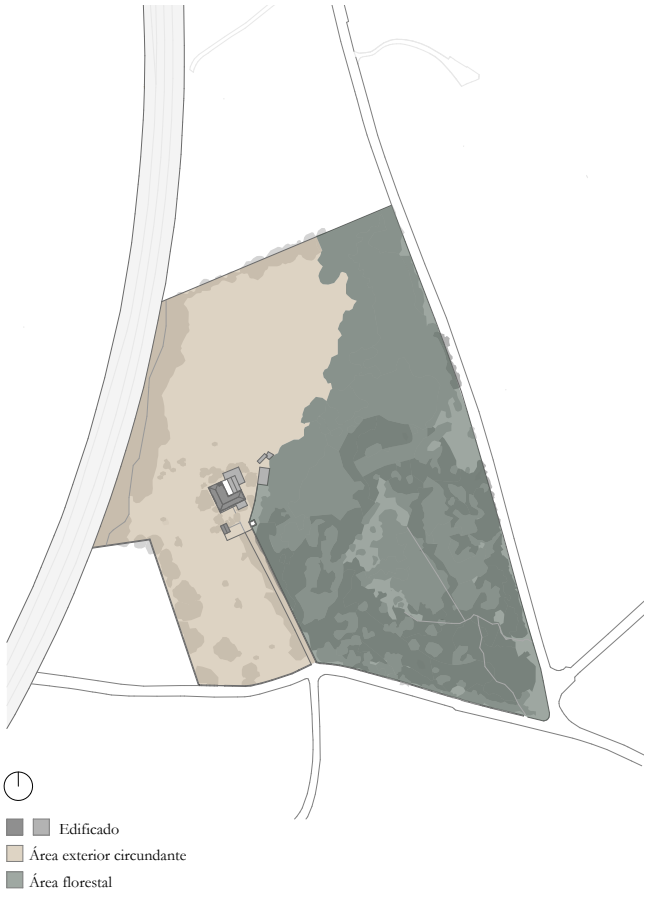
[50] **CAMPO BAEZA**, Alberto – A ideia construída. 2ª ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008, p.9;

[51] **Ibidem**, p.48;

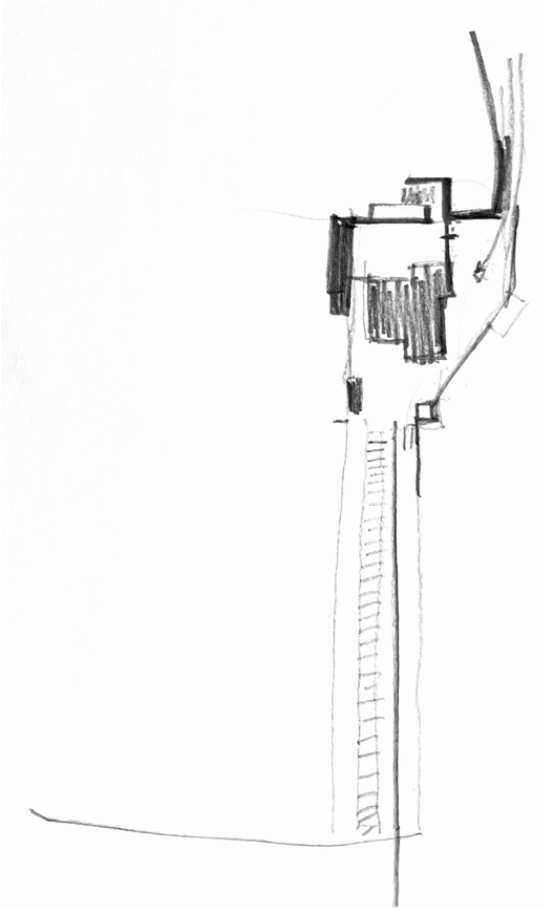
[52] **VIEIRA,** Álvaro Siza - 01 textos. Porto: Civilização, 2009, p.53;



[99] Esquisso de visita à Quinta do Pinhão



[100] Planta de organização do terreno



[101] Primeiros esquissos de projeto

Numa perspetiva de reavivar a imagem do edifício, propõem-se uma intervenção de reabilitação, reconhecendo que a preexistência será matéria de projeto. Assim, a ideia chave para toda a intervenção passa por manter a autenticidade do lugar na conservação dos edifícios existentes, revitalizando-os e adequando-os às necessidades programáticas. A estratégia partiu da leitura do território, da compreensão da história e tradição da Quinta e do respeito pela relação com a paisagem.

Começaram os primeiros esboços que representam as primeiras ideias. As primeiras linhas de pensamento e ação, ainda que um pouco vulneráveis e frágeis foram iniciadas em simultâneo com as primeiras indagações teóricas e, apesar de já incorporar alguns conceitos importantes, no que diz respeito ao desenho da investigação, não corresponde ainda àquilo que poderia ser uma resposta viável ao pedido. Nesta primeira fase, o processo manifestou-se abstrato provocando atitudes algo superficiais e inseguras na sua definição, fazendo-nos entrar num processo repleto de incertezas quanto à postura a adotar.

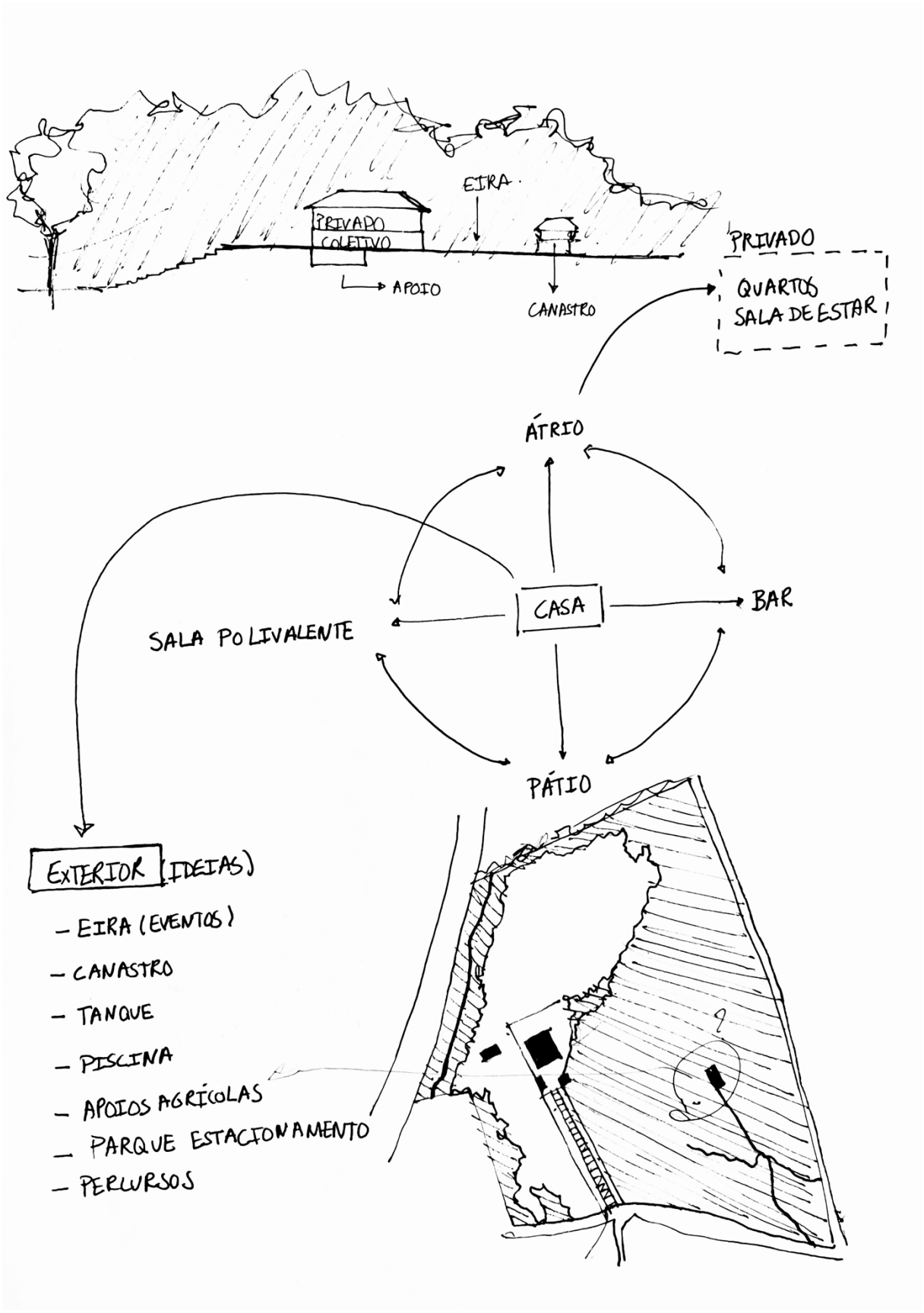
Como refere Távora *"Estudar a relação entre os modos de viver e as formas da casa, ou seja, a forma de pensar e projectar o espaço doméstico, torna-se para o arquitecto um exercício de materialização de certas ideias, onde transporta a sua individualidade para os outros."* [53]. O processo de projeto será este de materializar ideias e explorar diversas possibilidades de intervenção, sempre na procura de criar espaços que sejam o elemento ordenador da ligação do Homem com o lugar.

Sendo que o objetivo é reconstruir para reviver, o projeto pretende fornecer ao edifício as características de uma arquitetura mais atual, respeitando sempre a sua genealogia. Desde o primeiro momento que os edifícios e estruturas existentes assumiram uma importância na relação com a paisagem e, por isso, foram decisivos na definição futura de uma estratégia. É certo que o edifício foi sendo ocupado e adaptado segundo as necessidades dos habitantes e, como é típico deste género de construção, agregam-se elementos arquitetónicos de diversas épocas e, portanto, surge aqui a problemática de encontrar uma fusão entre todas as partes.

Com base nesta procura de encontrar uma harmonia entre um passado e o presente, a ideia chave para a intervenção seria de introduzir novas valências que permitissem a partilha e, de certa forma, abrissem os seus espaços à comunidade. Sendo que era uma Quinta que vivia de inúmeras festas, ao longo do ano, pretende-se potenciar não só a sua cultura, mas também, ampliar a diversidade da sua oferta.

Assim, toda esta (re)construção do lugar desenvolveu-se perante esta condicionante: estabelecer uma relação entre o antigo e o novo, visto que se pretende a valorização do existente, potenciando os espaços de forma a que se consiga usufruir da Quinta.

[53] **TÁVORA**, Fernando - Da organização do espaço. Porto: Faup Publicações, 2006, p.65;



[102] Esquemas de estudo do programa

3.2.2. CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA

"Não há arquitetura sem um programa, a arquitetura não é uma atividade artística. Também é preciso bom senso." [54]

Para realizar esta intervenção foi necessário a elaboração de um programa, tendo-me sido proporcionada, pelo futuro proprietário, uma certa liberdade. A dimensão do projeto e o consequente programa resultam do cruzamento das vontades do proprietário, mas também, do limite máximo legal a construir. Após o estudo das condicionantes do lugar, percebe-se a complexidade inerente às extensas e às consequentes obrigações programáticas. De modo a responder à escala e natureza do lugar foi necessário, também, refletir sobre os projetos descritos anteriormente, por servirem de base para estruturar ideias e consolidar conhecimentos.

O pedido consiste na reabilitação da Quinta para outras funções que possam ocorrer. Assim, e em contraste com a existente, criada há mais de cem anos, a ideia chave, para a intervenção, será introduzir novas valências na Quinta, que permitam a partilha, abrindo o seu espaço à comunidade, ampliando a diversidade da sua oferta. Propõem-se a execução de um projeto individual, mas que tenha um efeito no panorama geral do território. Assim, após a análise de edifícios desta categoria na freguesia, entende-se que a raridade desta tipologia tornam a Quinta num elemento de referência para o território.

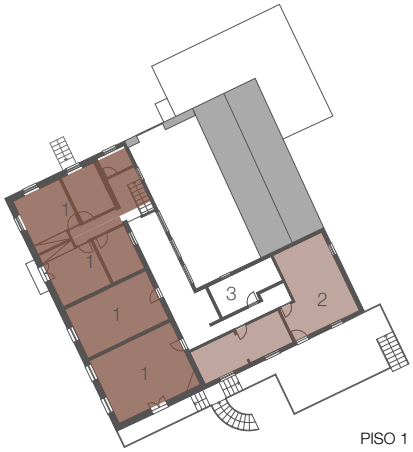
É certo que o verdadeiro desafio recai sobre a adaptação da propriedade ao novo programa, por isso, entende-se a importância em manter um equilíbrio entre a as estruturas já existentes e as novas. Sendo este um trabalho de reconversão na qual é necessário eliminar, substituir e redefinir, a vontade parte de uma ordem que não deseja impor-se, mas sim encontrar um diálogo entre tempos distintos de construção. Para isso observou-se atentamente o edifício e percebeu-se o que é que este conseguia suportar, para que não fosse sobrecarregado com um programa intenso e complexo.

A investigação de programas semelhantes, já mencionados anteriormente, com o mesmo propósito, ainda que nenhum igual, foi um ponto de partida para esta etapa. Compreender dimensões, relações entre espaços, bem como as suas composições e tomar consciência da história e valor da Quinta foi fundamental para conseguir estabelecer uma resposta clara face ao programa. Um programa que procura dinamizar a Quinta e cativar a atenção dos seus visitantes.

[54] **CREMASCOLI**, Roberto; MILANO, Maria - Eduardo Souto de Moura. Gosto de Chegar a Casa. A Casa de Quem Faz as Casas. Lisboa: Cardume Editores, Lda, 2016, p.25;

ÁREAS PRIVADAS

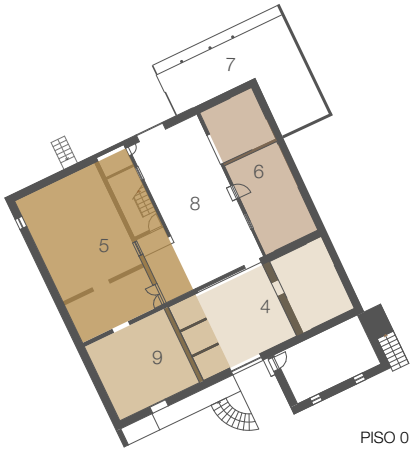
1- Quartos
2- Sala de Estar
3- Arrumos



PISO 1

ÁREAS COLETIVAS

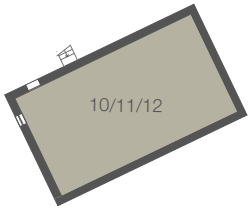
4- Átrio
5- Sala Multiusos
6- Cafetaria|Bar
7- Esplanada
8- Pátio
9- Instalações Sanitárias
- 9.1- Feminina
- 9.2- Masculina
- 9.3- Mobilidade Reduzida



PISO 0

ÁREAS DE SERVIÇO

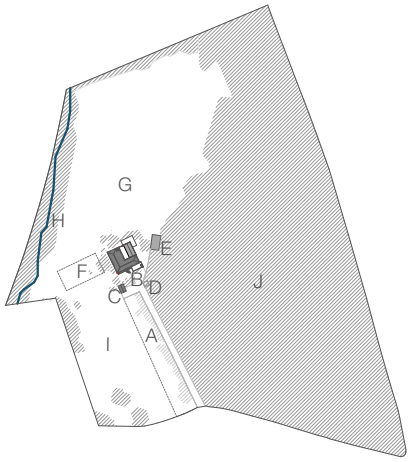
10- Sala para Funcionários
11- Sala das Máquinas
12- Arrumos



PISO -1

ÁREAS EXTERIORES

A- Parque de estacionamento
B- Eira
C- Canastro
D- Tanque
E- Anexo
F- Piscina
G- Percursos
H- Linha de água
I- Pomar
J- Floresta



PLANTA DE INTERVENÇÃO

[103] Esquemas programáticos

O objetivo nunca será sobrecarregar o edifício com um programa muito pesado e intenso. Assim, recorreu-se à elaboração de alguns esquemas de forma a perceber o que é que conseguia suportar. A definição do programa fez-se acompanhar da vontade de criar espaços que serão utilizados todos os dias, ou seja, flexíveis e acessíveis, reconhecendo a pluralidade de ambientes dispostos. Assim, procurou-se intervir, no mesmo, através da implementação de um programa simples, reduzido ao essencial, mantendo o seu propósito original habitacional, mas neste caso de curta duração, acrescentando espaços coletivos interligados.

O programa na casa foi pensado de forma clara, para que fique explicita a distinção entre os espaços de serviços, coletivos e privados, respetivamente, piso -1, piso 0 e piso 1, fundamentados com base em questões funcionais e adequabilidade ao projeto.

No piso 1 manteve-se a zona dos quartos, agora adaptados a uma nova realidade. Redesenham-se os quatro quartos de forma a ficarem com áreas e proporções confortáveis, com casas de banho privativas, espaço de arrumação e uma sala de estar, com vista para o exterior, que pretende ser um espaço para leitura, admiração e descanso. No piso 0, o átrio que dá acesso a todas as partes do edifício surge como zona de receção e estar. A sala multiusos, como o nome indica, é um espaço para diversas ações a ocorrer em função dos eventos. O bar, com espaço de estar, que servirá para refeições rápidas e eventos de pequenas dimensões, com respetiva zona de esplanada, onde se consegue aproveitar e contemplar o exterior. As instalações sanitárias são igualmente pensadas neste piso para o seu fácil acesso. Manteve-se de igual forma o pátio, ao centro, como espaço de convívio. Estes espaços são servidos por uma zona de serviços localizada no piso-1. Neste piso, e de apoio ao edifício, surge ainda a necessidade de se criar um espaço de arrumos para o armazenamento de material, essencial para a realização de eventos, uma área técnica e uma sala para funcionários.

No exterior surge de forma indispensável a zona de estacionamento, que outrora não existia e sendo esta uma Quinta que futuramente receberá muitos visitantes era necessário criar para os receber. O canastro e o tanque permanecem junto da eira como elementos importantes da casa. Devido às atividades agrícolas de auxílio às mesmas, e sem comprometer o edifício existente, foi necessário aproveitar o anexo, para guardar material e ferramentas para a manutenção da Quinta. Também no exterior, no sentido de estimular e desenvolver o terreno, tendo esta oportunidade, surge a vontade de se projetar uma piscina. Numa procura por estimular e valorizar a relação entre o interior e exterior, será relevante criar-se percursos pedonais, no sentido de se criar uma dinâmica que acompanhe todo o terreno. Quanto à linha de água presente no terreno, no lado oeste, será pensada de forma a que se consiga usufruir da mesma.

A Quinta passa desta forma a integrar um novo programa, que apesar de não estar, de forma direta, ligada às suas antigas funções, procura dinamizar parte de um património em estado degradado.

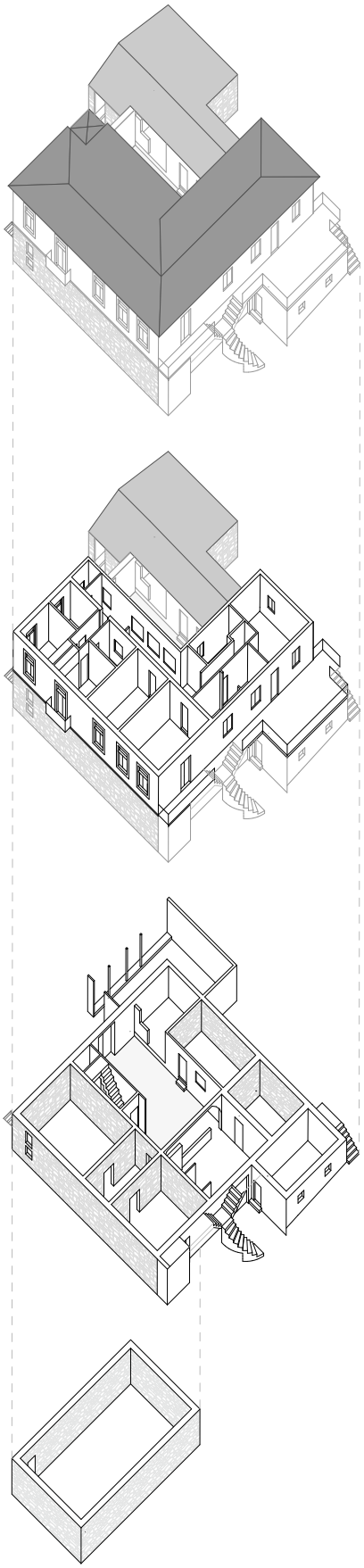


[104] Maquete de estudo da preexistência

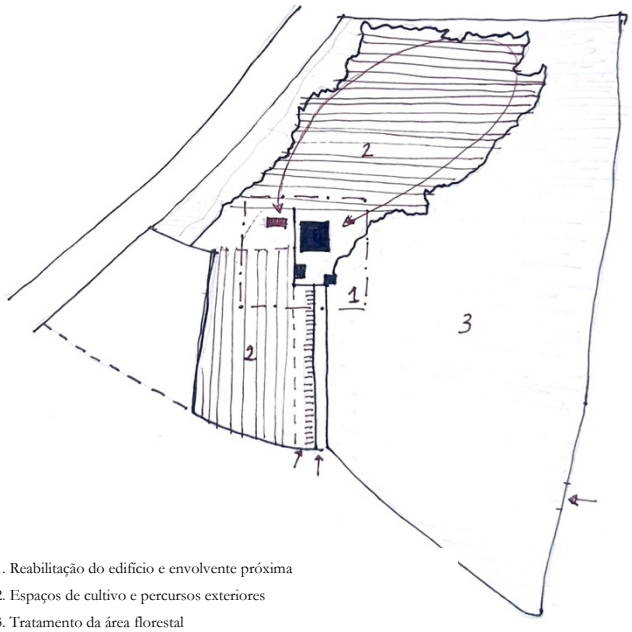


CAPÍTULO 4

A CONSTRUÇÃO DO LUGAR

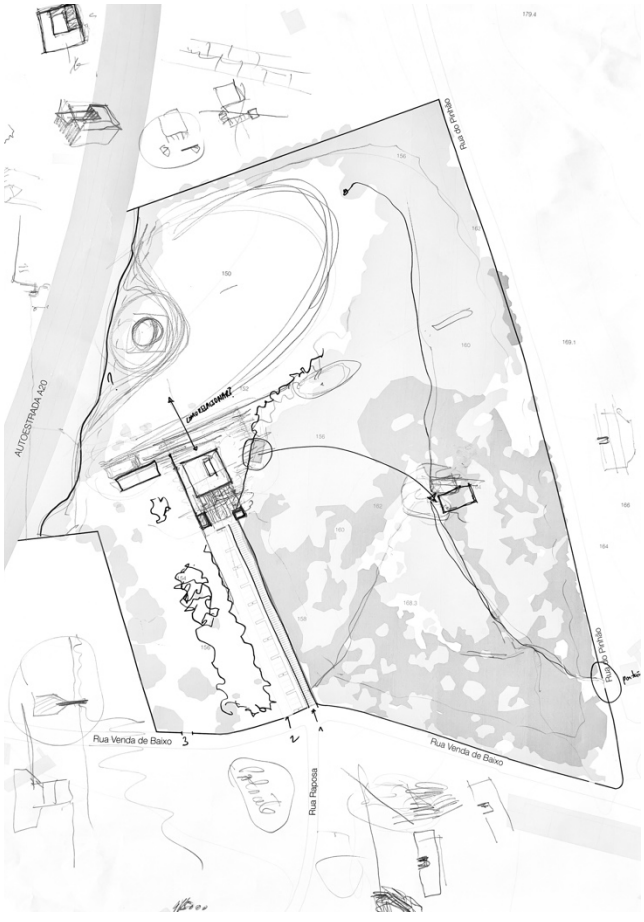


[105] Axonometria do edifício no seu estado atual, respetivamente, cobertura, piso 1, piso do rés do chão e piso -1



1. Reabilitação do edifício e envolvente próxima
2. Espaços de cultivo e percursos exteriores
3. Tratamento da área florestal

[106] Divisão dos núcleos de intervenção



[107] Plano de intervenção no terreno

4.1. ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO - ESPAÇO, FORMA E FUNÇÃO

"A criação arquitetónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar"[55]

O reconhecimento e valorização de Quintas devolutas enquanto estruturas representativas da memória de uma época, bem como a sua consequente reabilitação e reconversão são, como vimos nos projetos analisados, um processo feito de incertezas. Simultaneamente e com base no estudo da história do edifício, bem como dada a extensão do terreno, sentiu-se a necessidade crescente de se definir uma estratégia de intervenção.

A estratégia baseou-se em cinco pontos. O primeiro é referente ao **conceito e identidade arquitetónica**, que consiste em definir uma ideia central clara que guie o desenho do projeto criando uma linguagem estética única e coerente com o contexto e o desígnio do edifício. O segundo diz respeito à **integração com a envolvente**, será importante relacionar o edifício com o ambiente exterior, aproveitando as vistas, iluminação solar e encontrar uma harmonia coerente entre o interior e o exterior. O terceiro remete-nos para a **espacialidade e funcionalidade**, pois será importante organizar os espaços de forma funcional e fluida, garantindo uma experiência agradável para o utilizador, com boas proporções e circulação eficiente entre espaços, como zonas de circulação, transição e estar. A **luz natural e conforto**, foram também pontos cruciais, pensar o uso da luz natural e ventilação cruzada, criando ambientes confortáveis e energeticamente eficientes de maneira passiva. Por último, a **materialidade**, escolher materiais adequados que conjuguem estética, durabilidade e sustentabilidade, priorizando o uso de recursos locais.

O programa a instalar e o tipo de utilização exigem uma carga infraestrutural que importa salientar. Desta forma, procurando evitar uma resposta de projeto estritamente técnica, funcional ou formal, pensou-se numa lógica estrutural organizada em três núcleos principais: a **reabilitação do edifício**, o **espaço de cultivo** e respetivos **percursos exteriores** e a **área florestal**.

Patologias

À semelhança das palavras de Fernando Távora,*"o passado... vale muito, mas é preciso olhar para ele, não em si, mas em função de nós mesmos... e assim agregar ao passado algo do presente e algumas possibilidades do futuro"*. [56], em tudo se revê este projeto, que reconhece a importância do conhecimento aprofundado do existente. Assim, com base nos capítulos anteriores, foi possível conhecer mais a fundo o edifício existente e identificar os elementos que se manteriam ou demoliriam, considerando que esta seria uma boa base de trabalho.

[55] **VIEIRA**, Álvaro Siza - 01 textos. Porto: Civilização, 2009, p.109;

[56] **FERNANDEZ**, S. - "Fernando Távora a través de su obra", in GALLEGO ROCA, j(ed.), Renovación, restauración y recuperación arquitectónica y urbana em Portugal, Granada, Universidad de Granada, 2003, p.101-112;



Vista da eira sobre autoestrada



Vista da garagem sobre o pátio, piso 0



Adega, piso -1



Cozinha de forno, piso 0



Sala de estar, piso 1



Casa de banho, piso 1



Loja, piso 0



Quarto, piso 1



Fachada oeste

[108] Fotografias que refletem as patologias

Começando por identificar as suas patologias, facilitando a intervenção, no sentido de melhorar o funcionamento e o conforto para o programa. Sintetizando-os para facilitar a leitura.

De um modo geral, percebe-se a fraca relação entre o edifício e o exterior, pela falta de percursos que os relacionem. Reconhece-se a homogeneidade e força dos espaços verdes existentes que pela falta de manutenção e cuidado resultaram num crescimento disperso, ao longo do terreno.

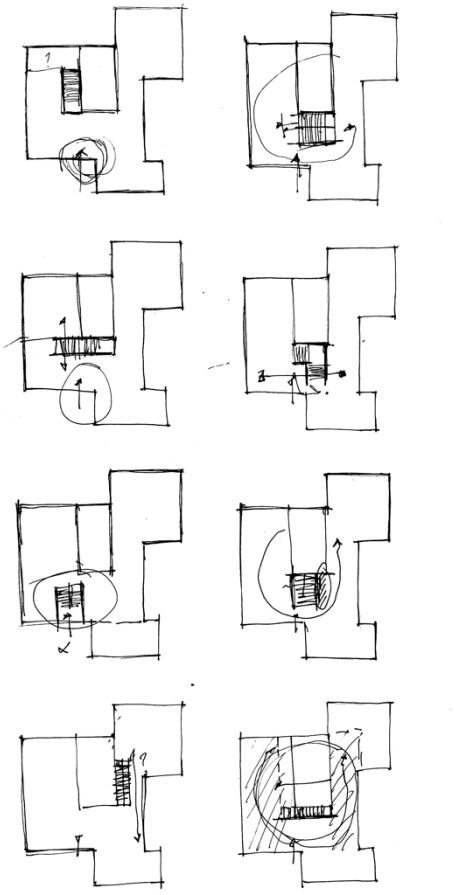
O confronto da quinta com a autoestrada A20, impõe a necessidade de lidar e resolver questões relacionadas com a possibilidade de algum ruído, à semelhança de questões visuais e paisagísticas inerentes a uma sensação de possível atmosfera caótica.

Analisando a planta preexistente dos pisos, o que ressalta são as divisões de pequenas dimensões. Relativamente ao piso térreo, verifica-se que é composto por duas peças soltas, ao qual é necessário recorrer ao pátio para se aceder a um dos lados. Esta separação tem pontos negativos onde se destaca a fraca fluidez e ligação entre as divisões, bem como o pátio que acabava por assumir, exclusivamente, o papel de transição. O acesso ao piso superior era, de igual forma, feito através de uma porta, colocada junto ao pátio, que encaminha até à escada que faz a ligação com o piso 1. O piso -1 é acessível por uma escada colocada nas traseiras do edifício, sendo obrigatório recorrer ao exterior para se descer. Esta estrutura exige uma constante utilização do exterior, em prol de uma passagem inexistente no interior, o que acaba por ser disfuncional.

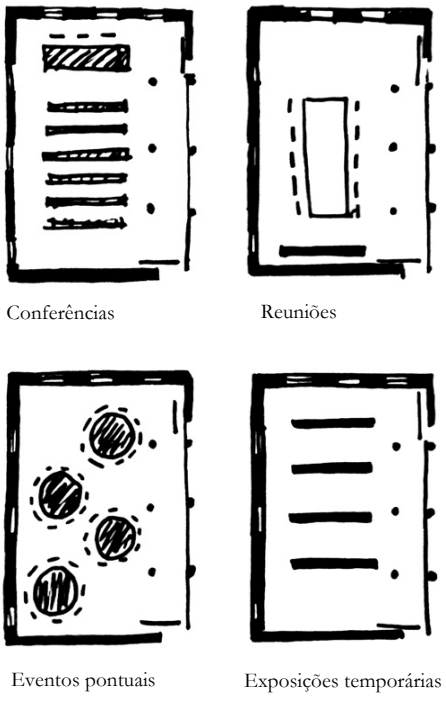
Identificaram-se os maiores problemas na degradação natural e durabilidade dos materiais. No telhado, verificaram-se muitas telhas partidas e em mau estado, que levaram à entrada de águas, o que provocou o aparecimento de muitos problemas, como infiltrações, reboco apodrecido, principalmente no piso dos quartos. Deste modo, existe a necessidade de se fazer uma revisão geral na estrutura da cobertura, bem como na substituição da maior parte das telhas.

Relativamente aos pavimentos, verificamos que, o piso superior é composto por tijoleira, sendo este um material frio que traz pouco conforto. No piso térreo, nas lojas, o pavimento é em terra batida, o que dificulta a circulação, o conforto e o bem-estar para o utilizador. Nas restantes divisões o pavimento é cimentado. Não existindo uma ligação entre os materiais percebe-se a falta de harmonia e unidade entre as partes.

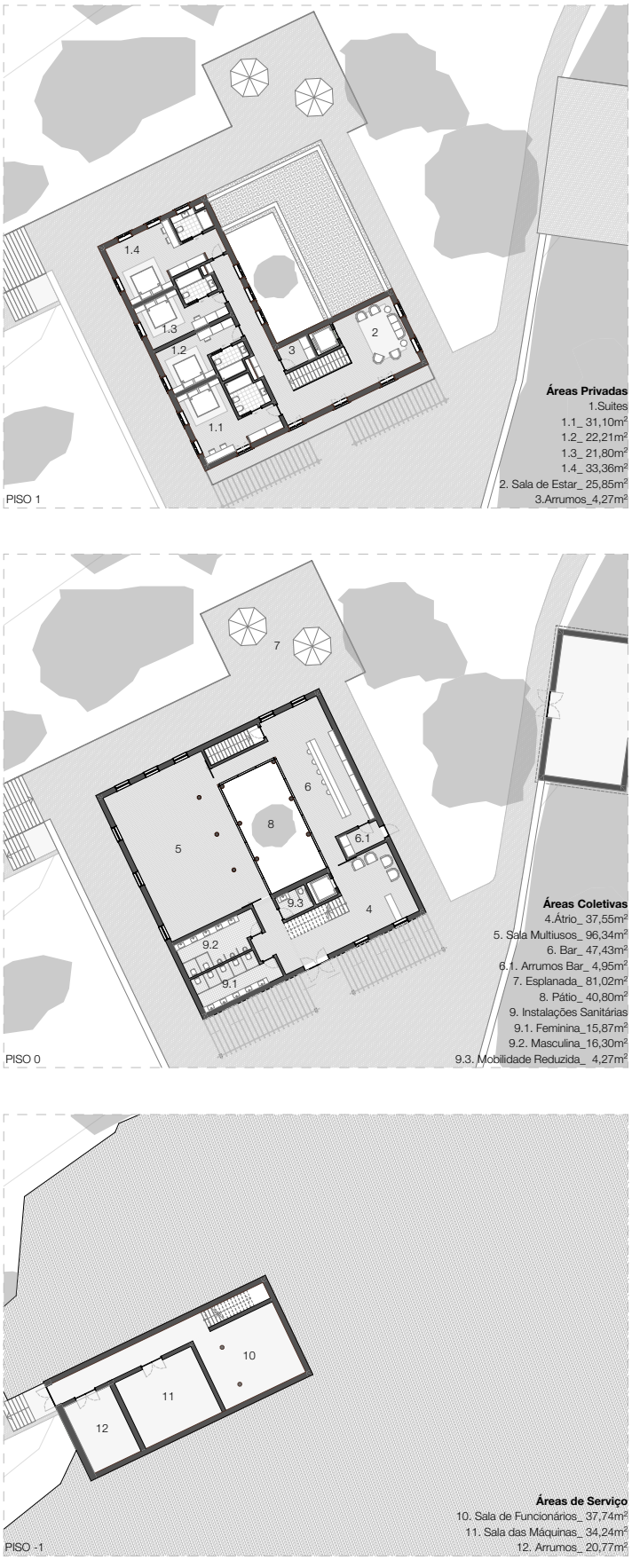
Nas fachadas, a abordagem baseia-se na atenção do estado de conservação, no que diz respeito aos vãos e à materialidade. O edifício apresenta aberturas muito reduzidas e que dificultam a relação com o exterior. Assim, a entrada de luz no piso térreo é praticamente nula. O desenho das janelas e portas não é uniforme em todo o edifício e, em alguns casos, as mesmas já não existem por terem sido arrombadas. Pelas várias fases de construção, verifica-se o uso de pedra de granito no piso rés-do-chão e alvenaria no piso superior. Ambos refletem tempos distintos e, consequentemente, desatualizados e em mau estado de conservação, daí ser necessária uma avaliação.



[109] Esquissos do posicionamento da escada



[110] Esquissos de uso da sala multiusos



[111] Plantas da proposta do edifício | Escala 1:500

4.2. NOVA QUINTA DO PINHÃO – PROJETO

O presente capítulo, procura apresentar a proposta de intervenção partindo da casa para o exterior, seguindo os passos do processo de projeto. Procura-se que o projeto seja flexível e que, assim, consiga receber dois tipos de público. Como primeira hipótese seriam grupos ligados a eventos particulares como casamentos, batizados, comunhões, bailes e eventos corporativos como conferências, reuniões, *workshops*, entre outros. O segundo tipo de público seriam turistas que procuram o lazer, ou uma estadia temporária.

Casa

O problema inicial, da resolução do interior, esteve focado no posicionamento das escadas, estas foram um elemento bastante explorado durante as várias fases da proposta, devido não só ao seu carácter de união ao piso superior, mas também como princípio organizador do próprio espaço. Após o estudo de várias soluções chega-se à conclusão de que estas se posicionariam próximas da entrada, por se conseguir ter maior controlo de quem circula, bem como liberta, no seu lugar original espaço para o crescimento de novas áreas.

No piso superior manteve-se a área mais privada com uma pequena **sala de estar** e **quatro quartos** com casa de banho privativa, para hóspedes pontuais ou para os proprietários. O acesso a este piso pode ser feito, agora, a partir de um elevador ou da escada, redesenhada junto à entrada. Descendo para o piso do rés-do-chão, piso que sofre bastantes alterações, a garagem e os arrumos deram lugar ao **átrio**, espaço destinado ao controlo e receção da entrada e saída do edifício, equipado para servir de espaço de estar e espera. No espaço das lojas surge a **sala multiusos**, um espaço que acomoda cerca de 80 pessoas sentadas. Esta é a sala de maiores dimensões e foi pensada para ser possível fazer o seu aluguer para eventos pontuais, como festas e bailes, mas também para servir para exposições temporárias. Reconhecendo a pluralidade de ambientes que este espaço oferece, tentou estender-se esta linguagem até ao **pátio**. Localizado ao centro da casa, este à semelhança do projeto de Fernando Távora para o Mercado de Santa Maria da Feria, surge no seguimento da sala como espaço central de convívio, lazer e descanso de suporte a esta. É então importante a nível funcional, mas também, torna-se o espaço charneira entre o interior e o exterior, proporcionando luz natural e ventilação aos espaços circundantes.

Na ala oposta, a norte, surge o **bar**, antiga cozinha, que servirá sempre de apoio a todo o tipo de eventos e pode receber, todos os dias, pessoas que pretendem passar pela Quinta, para descansar ou tomar algo. Com ligação ao bar surge no exterior um espaço de **esplanada**. Com a necessidade de unir as divisões e, de assim, se conseguir circular entre todo o conjunto sem se recorrer ao exterior, criou-se um corredor no lugar do portão, que fazia acesso ao exterior através do pátio. Este surge como peça de transição entre a sala multiusos e o bar. As **instalações sanitárias** localizam-se junto do átrio e da sala multiusos e, foram assim posicionadas, num lugar estratégico da casa, para que qualquer pessoa consiga aceder facilmente. Compreendendo que este é o piso mais movimentado, os espaços de circulação acabaram por ser cuidadosamente redesenhados e orientados, de forma a facilitar a qualidade e ligação entre os espaços.



Corte 1-1`
Escala 1:2000



Planta de implantação
Escala 1:2000



Corte 2-2`
Escala 1:2000

[112] Planta e cortes de implantação da proposta

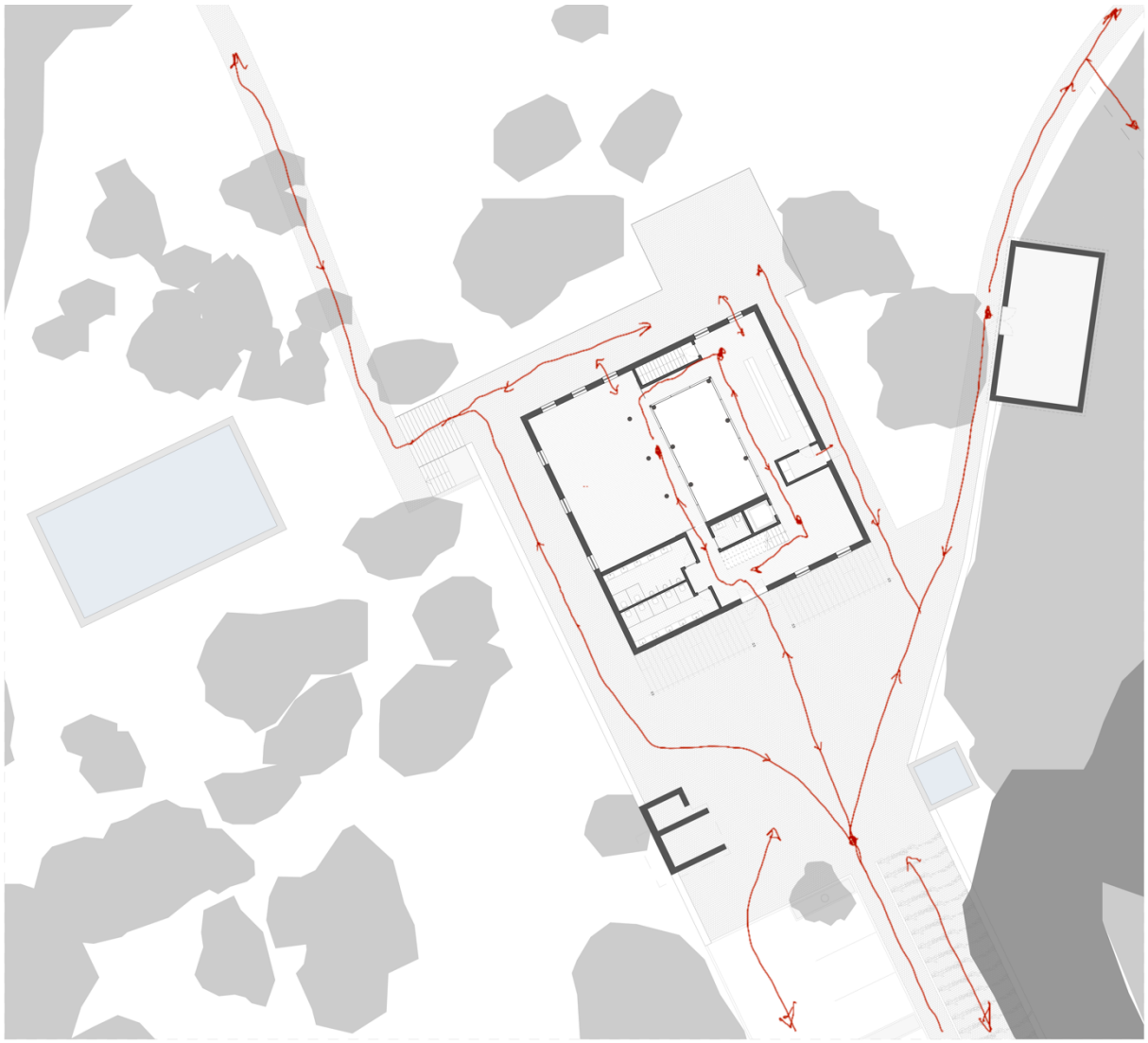
No corredor de passagem entre a sala multiusos e o bar surge uma escada que faz o acesso ao piso -1. Neste piso é proposto, a **sala para funcionários**, o espaço da **área técnica** e um compartimento de **arrumos** para o material das atividades do edifício, com acesso ao exterior para cargas e descargas.

Com o objetivo de simplificar a intervenção e reduzir a organização ao essencial é nesta fase que existe uma reviravolta no projeto, onde se começa a pôr em causa todas as peças que existiam em torno da casa, acrescentos que tinham sido feitos anteriormente, que estavam a dificultar a leitura e desenho de projeto e, consequentemente, a ganhar dimensões não pretendidas. Assim, não havendo a necessidade de os manter, decidiu demolir-se o quarto do caseiro junto à entrada, a escadaria em caracol na fachada principal e parte do alambique. Estas demolições tornaram o desenho limpo, devolvendo ao lugar o sentido de clareza e permitindo definir um ambiente uniformemente luminoso e ligeiro.

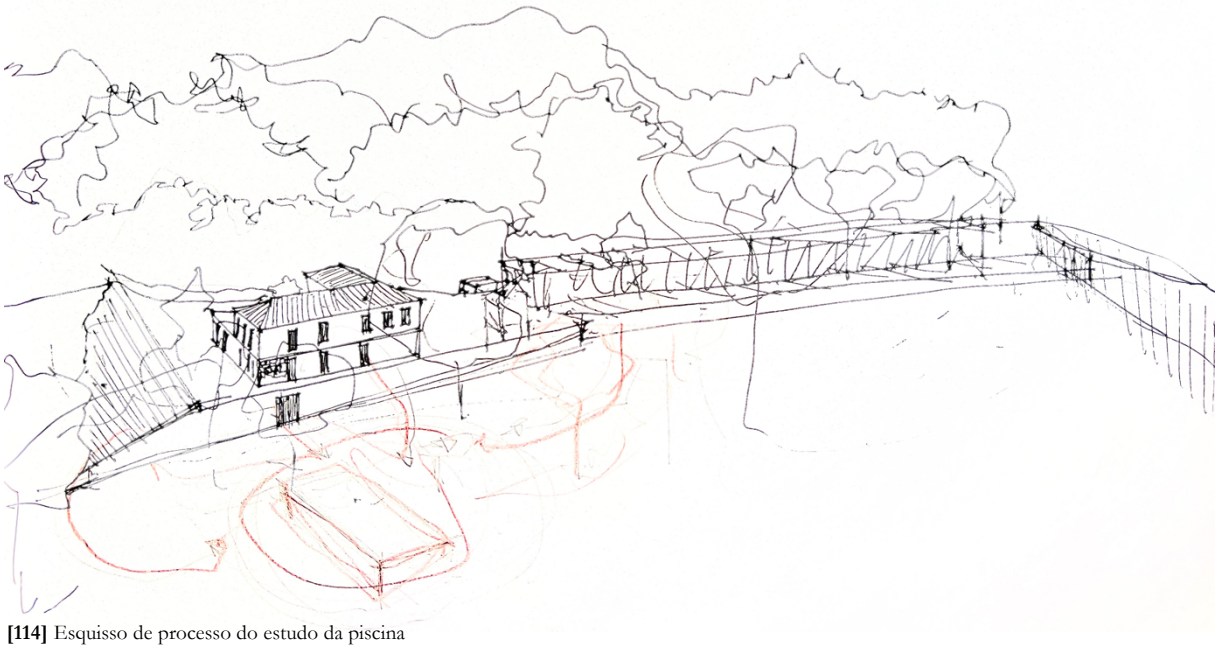
Exterior

Tão importante quanto a organização do interior foi a intervenção nos espaços exteriores pelo papel determinante na conceção e vivência da casa. Esta seguiu a mesma metodologia do edifício no sentido de perceber o que se conseguiria manter. Assim sendo, dividiu-se a intervenção em espaços de naturezas diferentes, ainda que ligados entre si. Os novos percursos foram pensados numa lógica para que se consiga dar resposta aos vários públicos-alvo. Procurou-se nas vias de transição uma linguagem viável e sistematizada, num jogo de pavimentos que proporcionou uma certa ordem entre os espaços arquitetónicos e os elementos paisagísticos. Dada a extensão do terreno sentiu-se a necessidade de definir estes percursos, bem como a sua relação com os vários momentos e espaços que irão surgir. Decidiu manter-se alguns percursos originais e acrescentar novos, automóvel e pedonais, para que a circulação seja mais organizada, simples e fluída, ao mesmo tempo que permite flexibilidade às funções que a quinta vai ter.

A entrada na quinta pode ser feita através de cinco pontos. A entrada principal continua a permitir apenas a passagem de um só veículo, no entanto devido ao facto de se ser, também, possível circular de forma pedonal alterou-se para um pavimento de granito, dado que este era em terra batida e as chuvas, bem como a falta de manutenção impossibilitavam, atualmente, a passagem. Na falta de um **parque de estacionamento** que receba os visitantes e convidados, cria-se um, com acesso através da entrada secundária da Quinta, a partir da rua Venda de Baixo. No seguimento desta e com base no preexistente decidiu manter-se a terceira entrada, que dá acesso ao **pomar**. Por último, a leste, mantiveram-se dois acessos, um pela Rua Venda de Baixo e outro pela Rua do Pinhão. Estes permanecem junto à área florestal para que, caso seja necessário a entrada e saída de máquinas para limpeza e manutenção das grandes áreas verdes. Aliado às entradas, sendo que a Quinta não se encontrava totalmente delimitada e de forma a ficar mais protegida, foi necessário desenhar os muros de suporte que limitam o terreno. Estes serão em pedra de granito, visto que se pretende que os arranjos exteriores comuniquem através da textura com o edifício existente, de forma a unificar todo o conjunto.



[113] Esquema em planta dos percursos



[114] Esquisso de processo do estudo da piscina

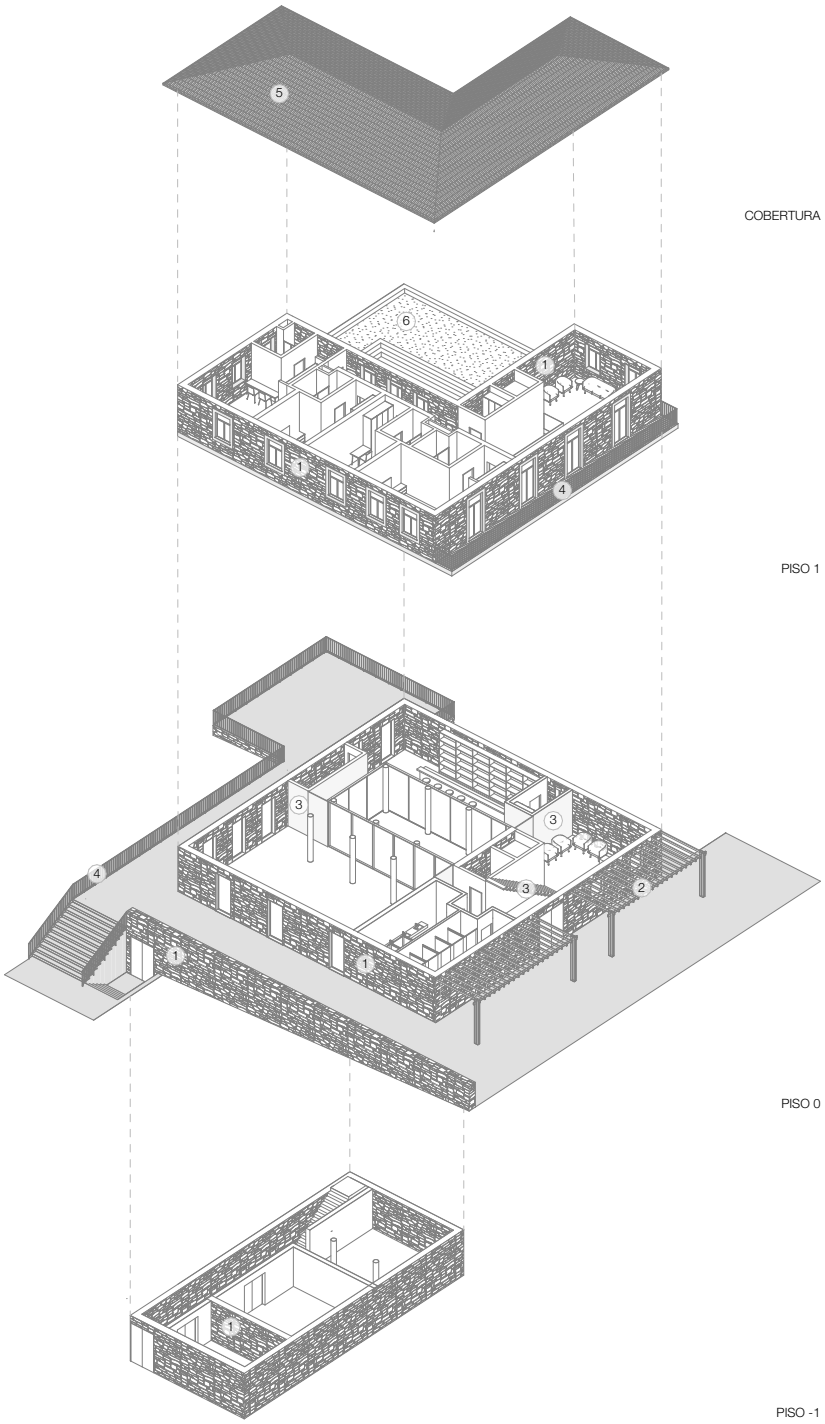
Chegada à **eira**, espaço exterior que antecede a entrada no edifício, a opção que pareceu mais pertinente foi nivelar todo o espaço, visto ser o ponto de chegada dos visitantes, bem como, se necessário, de receção para eventos no exterior. Na eira, junto à entrada da casa instalam-se duas pérgolas, que funcionam como espaço de abrigo e momento de passagem da eira para o átrio. Estas oferecem sombra, elemento importante que torna o ambiente mais agradável e confortável para os eventos que possam surgir no exterior. Após uma reflexão, julgamos relevante preservar o **tanque** e o **canastro**, por serem elementos identitários da Quinta, bem como elementos essenciais e característicos da eira. Porém, devido a esta vontade compreende-se que estes serão sujeitos a trabalhos de recuperação, devido ao seu estado atual.

Quanto ao **anexo** manteve-se na sua posição original, circundado pela vegetação da floresta. As suas funções também se mantêm, de apoio para as atividades agrícolas da Quinta e de espaço de armazenamento e arrumos para o material dos eventos a ocorrer na Quinta.

De um modo geral, as grandes áreas verdes sofrerão intervenções de limpeza, de relevância extrema, serão plantadas e recolocadas algumas árvores, de várias espécies, no pomar junto ao estacionamento, bem como, no acompanhamento dos percursos pedonais. Nas traseiras da casa a preocupação era maior, pela forte presença visual da ponte e, consequentemente, do seu ruído, e sendo um dos maiores problemas que se encontrava, a solução passou por se reforçar esta zona com a recolocação de árvores antigas, bem como a plantação de novas. Estas são colocadas de forma estratégica no sentido de ajudar a reduzir este impacto sonoro e visual proporcionando melhores condições de habitabilidade.

Junto da casa surge, ainda, a construção de raiz de uma **piscina**, que tentou encaixar-se numa lógica e linguagem com a paisagem. Surge com a vontade de se assemelhar a uma peça escultórica, pousada de forma estratégica no terreno, para que sirva de local de contemplação e que, simultaneamente, usufrua da área envolvente, resultando numa composição agradável, que aproveita, melhora e valoriza o próprio lugar. No seguimento da piscina, junto da ponte, existe uma **linha de água**, que permanecerá e servirá os animais da Quinta. Este elemento de água, além de proporcionar uma sensação de frescura cria também reflexos visuais ampliando a perceção da vegetação ao seu redor.

Com o objetivo de se respirar, observar e sentir a imensidão natural verde que o terreno oferece, cria-se um **percurso** pedonal. Este é acessível através da eira ou através de uma escada nas traseiras da casa e possibilita a ligação com outros, na área florestal. Procura-se camuflar a presença da ponte, referente à autoestrada, criando um ambiente onde reina a serenidade e onde é possível o utilizador usufruir do terreno. Quanto à área interna do percurso deixa-se em aberto a sua finalidade, tanto pode servir para eventos de grandes dimensões ao ar livre, como também para a produção agrícola.



1 Pedra de Granito
2 Pérgola em Madeira Nogueira
3 Revestimento de Madeira Nogueira
4 Guarda Metálica
5 Telha Marselha
6 Godo

[115] Axonometria da proposta do edifício

Materialidade e Execução

Chegada a esta fase do processo é necessário verificar a melhor forma de preservar as características construtivas do edifício, bem como, perceber como atuar quando a intenção passa por alterar partes da situação atual e redesenhar algumas soluções. De um modo geral, como já anunciado, procurou-se preservar dentro do possível o traço original dos aspetos formais e característicos que compõe a casa.

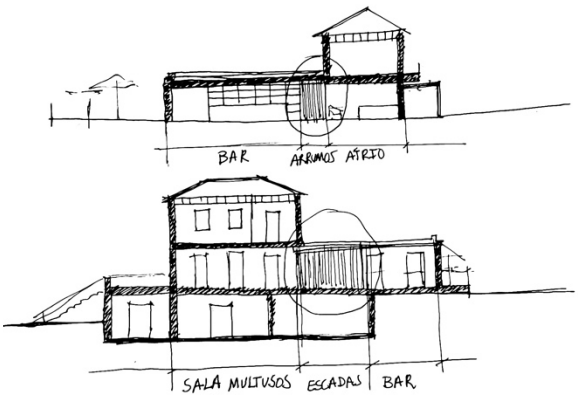
Coberturas

Quanto à cobertura, do piso superior, mantem-se em forma de L, no entanto pelo mau estado em que se encontram as telhas, será igualmente necessário substituir parte delas. A solução da estrutura da mesma passará pela reabilitação das vigas de madeira, com a substituição das peças degradadas e adicionação de outros materiais com o objetivo de resolver questões de condensação e isolamento térmico. No exercício de repor uma ordem, ordem que já não existia, presente na cobertura do piso térreo, no espaço do bar, decidiu substituir-se a cobertura de duas águas em telha por uma cobertura plana. Após uma reflexão julga-se pertinente esta alteração para que se consiga criar uma linha visual e paisagística para quem circula no corredor do piso superior, ampliando assim a visão sobre o exterior.

Fachadas

Nas fachadas, no que diz respeito aos vãos serão mantidos, tanto quanto possível, tal como existem, atentos ao programa a eles anexo, bem como à vista assegurada. O piso do rés-do-chão é aquele que sofrerá maiores alterações, pela falta de vãos abertos, por isso, acaba por se libertar um pouco do desenho original. Decidiu abrir-se vãos, para que estes comuniquem com os espaços interiores e, por isso a linguagem exterior deste piso face ao original é bastante diferente. Tenciona-se manter esta relação com o exterior através das portas e janelas envidraçadas que permitem e ampliam ligações visuais com a paisagem. As aberturas surgem de encontro com o primeiro piso, sempre que possível, de forma simétrica mantendo uma composição linear, permitindo a entrada de luz natural e oferecendo enquadramentos dos espaços exteriores. No primeiro piso, o desenho dos caixilhos das janelas será conservado e adaptado a uma nova estrutura. Consequentemente, os vidros das janelas e portas serão substituídos para duplos de modo a garantir melhor isolamento térmico e acústico.

Quanto à materialidade das fachadas, foi necessário proceder a uma depuração. Assim, optou por se manter no piso do térreo a pedra de granito à vista como meio de conservação, preservando e compreendendo o peso da sua história e da sua utilização. No 1º piso, visto que as paredes se encontravam em mau estado o que pareceu mais coerente, mas ao mesmo tempo interventivo foi propor o mesmo material do piso 0. O uso coerente da pedra de granito e a forma como se articula entre os pisos pretende traduzir-se numa unidade material que permite uma leitura global do conjunto.



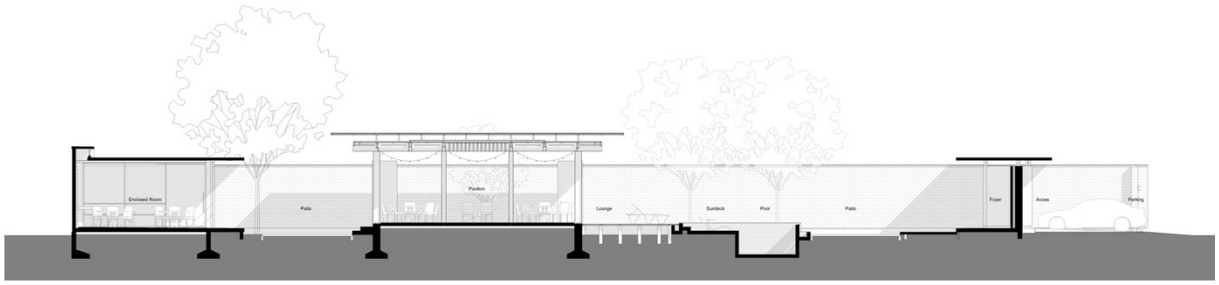
[116] Esquemas em corte dos volumes em madeira



[117] Interior do Solar da Quinta dos Bouçós



[118] Esquema em corte da relação do bar e da sala multiusos com o pátio



[119] Corte pelos volumes da Quinta Everest





[120] Vistas sobre pátio da Quinta Everest

Interior

No interior serão realizadas operações de conservação e restauro nos mais diversos elementos. Ambos os pisos necessitam de uma reparação e recuperação para se adaptarem à passagem de redes de infraestruturas e instalação do soalho. Quanto à materialidade das paredes no interior, serão mantidas em pedra de granito à vista, nas paredes que contornam o edifício. Já as exceções aparecem nas instalações sanitárias que serão revestidas a cerâmica. As novas paredes propostas são compostas por tijolo de diferentes dimensões e rebocadas.

No piso do rés do chão destacam-se dois volumes pela sua materialidade, estes correspondem aos arrumos do bar e da escada de acesso ao piso -1, que garantem a sua funcionalidade e destacam-se por serem revestidos a madeira. Este tema dos volumes recupera a ideia que esteve no projeto para as casas de banho, do Solar, da Quinta de Bouçós, do arquiteto Nuno Brandão Costa. Estes dois volumes marcam a passagem entre o átrio e o bar, e o bar e a sala multiusos. Sendo que, futuramente, pode ser necessário privatizar os eventos a ocorrer no bar e na sala multiusos, estes dois volumes acabam por camuflar a porta que encerra os espaços.

Com a necessidade de se criar uma sala multiusos mais ampla e que, ao mesmo tempo, se relacione com o pátio, a parede existente deu lugar a três pilares. Para além da sua função estrutural, os pilares permitiram uma circulação mais fluida e eficiente entre os espaços, bem como a entrada de luz natural através do pátio. Para a organização deste espaço e recorrendo a referências que vão surgindo ao longo do projeto, tomou-se como referência a Quinta Everest dos Deruiz Arquitectos. Uma Quinta que vive dos pátios e que pretende nos vários volumes manter uma relação física e visual com os mesmos. Esta relação é possível graças ao uso de pilares como elementos estruturais e da abertura de grandes vãos.

A verdade é que não assumindo a continuidade nem a rutura, nas pequenas ampliações, transições e alterações, tentou demonstrar-se uma posição e atitude no projeto. A evolução da Quinta na adequação ao novo programa fez perceber o que ficou, e o que é novo. No entanto, há um esforço para garantir que as novas funções não apaguem a identidade dos espaços da Quinta. As soluções foram assim dimensionadas espaço a espaço, tendo em conta a função, o número de utilizadores, orientação solar e materialidade, princípios adaptativos que se assumem presentes como forma de minimizar a intrusividade das soluções. A nova Quinta do Pinhão procura assim (re)construir a relação entre o edifício e a paisagem, reavivando aquilo que se tinha perdido com o tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha desta Quinta como forma de culminar estes anos académicos, surgiu por uma necessidade de conjugar inquietações pessoais, uma vontade de desenhar num lugar particularmente especial, com a motivação de responder a um pedido, de iniciar um projeto de reabilitação para a Quinta do Pinhão.

Fernando Távora escreve "*o passado é uma prisão de que poucos sabem livrar-se airosamente e produtivamente*" [57]. O projeto apresentado nesta dissertação em tudo se identifica com estas palavras de Távora. Um projeto que reflete uma vontade clara de explorar e experimentar, mas que ao longo do percurso apresentou inúmeras dificuldades, que me levaram a reavaliar o papel do arquiteto.

A discussão sobre a Quinta e as suas circunstâncias afirmaram-se desde o início como um desafio que permitiu aprofundar conceitos e temas de grande importância. Deste modo, foi possível defini-los e explorar diferentes visões do que é a arquitetura, o lugar, a paisagem, a natureza e o evento. A influência destes temas foi essencial, ajudaram em muitos momentos de desorientação, lançaram as bases para a construção de uma ideia, foram o ponto de partida teórico que me levaram a compreender e a definir o pedido.

Inicialmente estes eram os conceitos definidos para a presente reflexão, mas com o avançar do tempo, da investigação e do projeto outros se impuseram. Trabalhar sobre um conjunto com uma preexistência exigiu a aproximação sobre o tema do património. Este surgiu na tentativa de responder às questões que se foram levantando em todo o processo, bem como a descobrir uma identidade própria que possa contribuir para o desenho de uma nova realidade para a Quinta. Questões como o que manter e conservar, posturas que me aproximaram ao próprio processo de desenho, feito de avanços e recuos, convicções e contradições.

Com o desenvolvimento do processo, entra-se em contacto, pela primeira vez com um cliente real e, consequentemente, com todas as condicionantes associadas. No seguimento do estudo do património e um programa definido e delineado, e sendo este um trabalho direcionado para a prática de projeto, foi necessário selecionar e reunir outros projetos, de diferentes arquitetos, com a problemática e experiência semelhante. A partir desta intenção, introduziram-se, assim, estes exemplos para compreender e estabelecer uma comparação analítica de resposta às condições do programa, bem como perceber como encaram e atuam sobre uma preexistência. Aliando convicções pessoais, influências e vontades do cliente, a este conhecimento teórico e prático desenvolveram-se estratégias para captar a essência e a expressão do que se procurava representar.

[57] **TÁVORA**, Fernando - O problema da casa portuguesa/Fernando Távora – Cadernos de Arquitectura I. Vol. Série I ed. Lisboa: Editorial Organizações, 1947, p.13;

Apesar dessa necessidade de se estabelecer um programa, o desenvolvimento do projeto seguiu um caminho que explora mais as soluções, assumindo uma maior liberdade no funcionamento e posicionamento dos espaços. Procurou-se uma metodologia de trabalho que abra e direcione os próximos passos de avanço de projeto e que possibilite o seu posterior aprofundamento sobre uma rede de ideias, reflexões, vontades e atitudes concretas. Deste modo, confirma-se que as estratégias para a reabilitação e reconstrução devem ser corretamente contextualizadas e atentas à circunstância afirmando-se como as questões fundamentais para o sucesso na intervenção deste tipo de edifícios.

Neste sentido, compreendeu-se que era necessária uma revisão geral, mas, simultaneamente reconheceu-se que as estruturas antigas da Quinta do Pinhão representam um valor cultural, patrimonial e memorial, que devem perdurar. O projeto foi surgindo entre dois fatores criação e adaptação, assumindo uma atitude de continuidade aliada a uma postura estratégica, capaz de dar uma resposta adequada às exigências implícitas. Reconhece-se que alguns pontos da proposta poderão ser considerados difíceis de alcançar no seu contexto real, pelas condicionantes legais que eram limitadas, e que futuramente nos levariam a novos pensamentos e, consequentemente, a tomar novas decisões. No entanto, espera-se que este projeto contribua para a sensibilização do valor patrimonial arquitetónico da Quinta, e que ao mesmo tempo dê lugar à criatividade e poder ao arquiteto de materializar um imaginário seu.

De um modo geral, no edifício, são propostos aumentos, de forma a conseguir corresponder as dimensões do pedido e a um novo sistema de espaços multifuncionais. Estes estarão disponíveis para diferentes formas de utilização e apropriação dando, consequentemente, aos espaços um maior conforto. No exterior tentou criar-se uma dinâmica e uma ordem que se tinha perdido, redesenhando percursos e inserindo novos elementos que ajudem a articular, valorizar e organizar os espaços.

Finalizando, defendemos que as respostas adequadas às exigências de uma Quinta, fundamentalmente, para eventos são inúmeras e que dependem de muitos contextos e circunstâncias. Espera-se, assim, que o edifício que outrora pertenceu à Família Dias Ribeiro, seja agora palco de um projeto dinâmico e flexível, proposto sob premissas colocadas e respondidas, possa futuramente passar de uma circunstância de ensaio académico para algo construído. Fica a vontade de deixar uma marca bastante presente evidenciada pelo entusiasmo, pela experiência, pelo desafio e sobretudo pela aprendizagem.

"Acabar.

Uma palavra imprecisa, uma espécie de erro de tradução, a substituir pela palavra começar."[58]

Álvaro Siza, 01 Textos.

[58] **VIEIRA**, Álvaro Siza - 01 textos. Porto: Civilização, 2009, p.366;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

ALARCÃO, Pedro - Paisagem Antiga, sua construção e (re)uso, reptos e perspetivas. Porto: CITCEM-Centro de Investigação Transdisciplinar Cultural, Espaço e Memória, 2017.

CAMPO BAEZA, Alberto - A ideia construída, 2º ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio, Editora, 2013.

CARDOSO, Isabel Lopes - Paisagem e Património: aproximações pluridisciplinares. Porto: Dafne Editora, 2013.

CEPEDA, André – Porosis: The architecture of Nuno Brandão Costa. Lisboa: Monade, 2017.

CHOAY, Françoise - A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2010.

CHOAY, Françoise - As Questões do Património – Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70, 2011.

COSTA, Francisco Barbosa da - S. Pedro de Pedroso: notas monográficas. 1ª ed. Canelas, Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2003.

COTTER, Ana Berkeley (trad. Scott M. Cup) – Casa em Pardelhas. O desenho de Fernando Távora na Arquitectura Popular. 1ªedição. Guimarães 2012, 2014.

GRASSI, Giorgio - Arquitectura lengua muerta y otros escritos, Barcelona, Editora Serbal, 2003.

MANUEL, Mendes - Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora: minha casa. Porto: FIAJMS, 2015.

MANUEL, Mendes - Fernando Távora: As raízes e os frutos, palavra, desenho, obra, 1937-2001. Porto: FIMS, 2020.

NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci: Paesaggio, Ambiente, Architettura, Milano, Editorial Electa, 1979.

NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture, 1ºed. New York: Rizzoli, 1980.

PALLASMAA, Juhani - Habitar, Barcelona Editorial Gustavo Gili, 2016.

PALLASMAA, Juhani - Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PORTOGHESI, Paolo - Arquitectura y naturaleza: arquetipos y semejanzas. Valencia: Ediciones Generales de la Construccion, 2004.

ROCHA, João Álvaro - Quinta da Gruta: reabilitação rehabilitation Maia. Porto: Edições Asa, 1972

SOLÀ- MORALES, Ignasi de - Territorios. Barcelona: GG, 2002.

SIZA, Álvaro - Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70, 2012.

TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço. Porto: Faup Publicações, 2006.

VIEIRA, Álvaro Siza - 01 textos. Porto: Civilização, 2009.

ZUMTHOR, Peter (trad. Astrid Grabow). - Pensar a arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

Fernando Távora. Lisboa: Blau, [cop.1993]. Bilingue

Capítulos de Livros:

DIAS, Alberto - Mudar sem Mudar, O Património e o Espaço Público In A Intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação. Porto. FEUP, 2005.

MENDES, Manuel - Da Intervenção na Cidade Histórica – Longa Duração e Desenho. Re-Habitar Centros Antigos. AAP, 1998.

Revistas:

Francisco Barata: continuar inovando. Porto: FAUP, 2020.

TC CUARDERNOS nº 90, Nuno Brandão Costa, Arquitectura 1998-2009. Valencia: General de Ediciones de Arquitectura, 2009.

CASABELLA 799, Mandadori: 2011.

Artigos:

DOMINGUES, Álvaro - Paisagem revisitada. Finisterra: XXXVI, 72, 2001.

FIGUEIRA, Jorge (trad. Rafael Saldanha Duarte) - A Expo 98 de Lisboa: Projeto e Legado in ARQtexto16.

PEIXOTO, Isabel – Desfolhada: o beijoqueiro milho-rei. Suplemento da edição de domingo do Jornal de Notícias. Porto. ISSN 0870-2020. Nº104, 8 de dezembro de 1991.

SIMMEL, George (trad. Artur Morão) - A Filosofia da Paisagem. Covilhã: 2009.

Regulamento:

Plano Diretor Municipal de Gaia. Regulamento. Vila Nova de Gaia: GAIURB

LISTA E CRÉDITOS DE IMAGENS

INTRODUÇÃO

[1] O lugar do projeto com a envolvente próxima

Fotografia da autora

CAPÍTULO 1 - **PENSAR A QUINTA DO PINHÃO: REGISTO E CONDIÇÃO**

[2] Vista aérea próxima sobre uma parte do terreno da Quinta

Fotografia da autora

[3] Imagem Google Earth de 2022, onde se destacam as freguesias de Vila Nova de Gaia. com foco na localização da Quinta do Pinhão

Google Earth, Vila Nova de Gaia, 2022.

[4] Planta de análise da Senhora do Monte

Planta cedida pela GAIURB - Urbanismo e Habitação, EM, 2022.

[5] Imagem satélite do mapa de Portugal onde se destaca a localização da Quinta do Pinhão

Google Earth, Quinta do Pinhão, 2022.

[6] Esquema da Planta de Ordenamento na Carta de Salvaguardas, 2018

Disponível em https://www.gaiurb.pt/pages/752

[7] Esquema da Planta de Ordenamento na Planta de Classificação do Solo, 2019

Disponível em https://www.gaiurb.pt/pages/752

[8] Esquema da Planta de Condicionantes, 2018

Disponível em https://www.gaiurb.pt/pages/753

[9] Família no jardim junto à entrada da casa, **[10]** Família na entrada junto à eira e ao tanque, **[11]** Família no pátio da fachada principal da casa, **[12]** Senhor Alexandre e Dona Isabel sobre a escadaria na fachada principal da casa

Arquivo familiar do proprietário

[13] Planta de levantamento da Quinta do Pinhão

Arquivo pessoal

[14] Alçado Sul, **[15]** Alçado Oeste, **[16]** Alçado Norte

Arquivo pessoal

[17] Vista aérea sobre o terreno da Quinta do Pinhão demonstrando a envolvente próxima

Google Earth, Quinta do Pinhão, 2022.

[18] Fases de construção do edifício da Quinta

Arquivo pessoal

[19] Eira e a fachada principal da casa, **[19]** loja, **[21]** Pátio, **[22]** Corredor de acesso aos quartos **[23]** Alambique **[24]** Anexo adaptado a estábulo

Fotografias da autora

[25] Desfolhada na eira da Quinta do Pinhão, **[26]** Cânticos em redor do milho, **[27]** Carregador a depositar o milho no canastro, **[28]** Cânticos junto à entrada da Quinta

PEIXOTO, Isabel – Desfolhada: o beijoqueiro milho-rei. Suplemento da edição de domingo do Jornal de Notícias. Porto. ISSN 0870-2020. Nº104, 8 de dezembro de 1991, p.16-23.

[29] Desfolhada na Quinta do Pinhão

PEIXOTO, Isabel – Desfolhada: o beijoqueiro milho-rei. Suplemento da edição de domingo do Jornal de Notícias. Porto. ISSN 0870-2020. Nº104, 8 de dezembro de 1991, p.16-23

[30] Teatro na sede do Rancho Folclórico de Nossa Senhora do Monte, **[31]** Cântico das janeiras na Senhora do Monte, **[32]** Rancho Folclórico na escadaria da Capela da Senhora do Monte

Arquivo familiar da autora

CAPÍTULO 2 – **UMA APROXIMAÇÃO À NARRATIVA CONCEPTUAL**

[33] Vista sobre o terreno da Quinta e a autoestrada A20

Fotografia da autora

[34] Esquema de relação de ideias e metodologias como forma de pensar o projeto

Arquivo pessoal

[35] Esquema de interpretação do Lugar

Arquivo pessoal

[33] Esboço de quatro projetos ao longo da marginal de Leça da Palmeira (Álvaro Siza, 1953-1993)

SIZA, Álvaro - Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70, 2012, p.22.

[36] Casa da Covilhã (Fernando Távora, 1973-1976)

Fernando Távora. Lisboa: Blau, [cop.1993]. Bilingue, p.131.

[37, 38, 39, 40] Pavilhão Serpentine (Junya Ishigami, 2019)

Disponível em https://www.archdaily.com.br/br/919343/primeiras-imagens-do-serpentine-pavilion-2019-de-junya-ishigami

[41] Corte transversal do Mercado Santa Maria da Feira com destaque sobre o espaço central (Fernando Távora, 1953-1959)

Fernando Távora. Lisboa: Blau, [cop.1993]. Bilingue, p.60.

[42] Vista sobre fonte ao centro do Mercado, **[43]** Fotografia à cota mais alta com vista sobre o espaço central

Arquivo pessoal

[44] Estudo para a Expo´98 (Nuno Portas, 1993), **[45]** Vista aérea anterior à Expo´98, **[46]** Vista geral do Parque das Nações

FIGUEIRA, Jorge (trad. Rafael Saldanha Duarte) - A Expo 98 de Lisboa: Projeto e Legado in ARQtexto16, p.152-163.

CAPÍTULO 3 – **INTERVIR NO LUGAR**

[47] Vista do lado poente do terreno da Quinta

Fotografia da autora

[48] Esquemas e quadro síntese da informação relativos às obras em análise

Arquivo pessoal

[49] Esquisso da planta de Fernando Távora

COTTER, Ana Berkeley (trad. Scott M. Cup) – Casa em Pardelhas. O desenho de Fernando Távora na Arquitectura Popular. 1ªedição. Guimarães 2012, 2014, p.136

[50] Capela de São Sebastião, **[51]** Sala de jantar

Fernando Távora. Lisboa: Blau, [cop.1993]. Bilingue, p.132.

[52] Esquisso do conjunto com apontamentos de pormenores

Desenho cedido pela Fundação Instituto Marques da Silva

[53] Vista do espaço de entrada e da porta para a sala de leitura, **[54]** Cozinha

Fernando Távora. Lisboa: Blau, [cop.1993]. Bilingue, p.132 e 133.

[55] Planta de implantação do conjunto com palacete (1986) e anexo (1993)

Desenho da autora com base no desenho do arquiteto Fernando Távora

[56] Plantas das intervenções de Fernando Távora no palacete (1986), **[57]** Plantas do anexo (1993), **[58]** Esquissos de estudo do mobiliário e iluminação

Desenhos cedidos pela Fundação Instituto Marques da Silva

[59] Jardim em torno do palacete, **[60]** Fachada principal do palacete, **[61]** Fachada principal do anexo, **[62]** Sala de refeições no palacete

Disponível em https://noticias.up.pt/circulo-universitario-do-porto-reabre-com-nova-temporada-de-eventos-gratuitos/

[63] Esquisso do alçado

Fernando Távora. Lisboa: Blau, [cop.1993]. Bilingue, p.165.

[64] Plantas da casa existente (1650) respetivamente piso térreo e superior, **[65]** Plantas da intervenção (1990) respetivamente piso térreo e superior

Desenho da autora com base no desenho do arquiteto Fernando Távora

[66] Vista do pátio e da casa, **[67]** Vista do alçado dos quartos, **[68]** Vista do interior do quarto

Fernando Távora. Lisboa: Blau, [cop.1993]. Bilingue, p.162-164.

[69] Planta geral de intervenção

Desenho da autora com base no desenho do arquiteto Fernando Távora

[70] Esquisso de Távora para a casa da eira **[71]** Fotografia de obra: as novas estruturas, **[72]** Casa principal após a intervenção, **[73]** Tanque mais próximo da casa

COTTER, Ana Berkeley (trad. Scott M. Cup) – Casa em Pardelhas. O desenho de Fernando Távora na Arquitectura Popular. 1ªedição. Guimarães 2012, 2014, p.122, 90, 105, 100.

[74] Planta casa principal piso térreo, **[75]** Planta casa principal piso superior, **[76]** Plantas casa da eira respetivamente piso térreo e piso superior, **[77]** Corte AA, **[78]** Corte BB, **[79]** Corte CC, **[80]** Corte DD, **[81]** Alçado Poente, **[82]** Corte EE, **[83]** Alçado Norte

Desenho da autora com base no desenho do arquiteto Fernando Távora

[84] Planta geral da intervenção

Desenho da autora com base no desenho do arquiteto Francisco Barata

[85] Axonometria de estudo do conjunto

Francisco Barata: continuar inovando. Porto: FAUP, 2020. ISBN 978-989-8527-43-1

[86] Esquisso de estudo sobre a casa principal, a de hóspedes e a eira

Desenhos cedidos pela Fundação Instituto Marques da Silva

[87] Vista para a casa principal, a casa de hóspedes e a sala de apoio, **[88]** Casa principal, **[89]** Pátio da casa principal e da sala de apoio

Disponível em https://www.flickr.com/photos/franciscobarata/16557321133/in/photostream/

[90] Planta geral de intervenção

Desenho da autora com base no desenho do arquiteto Nuno Brandão Costa

[91] Esquisso de estudo sobre as plantas e solar

Desenho da autora

[92] Axonometria dos quartos enterrado, **[93]** Maquete final dos quartos enterrados

Disponível em https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/

[94] Vista geral das novas construções e a capela

Disponível em https://www.e-architect.com/portugal/quinta-de-boucos

[95] Vista sobre a fachada do solar

Disponível em https://miesarch.com/work/2129

[96] Quarto do rés-do-chão do solar

Disponível em https://www.e-architect.com/portugal/quinta-de-boucos

[97] Esquema de pensamento de uma possível metodologia de intervenção

Arquivo pessoal

[98] Análise e localização de Quintas com programa idêntico no concelho de Vila Nova de Gaia

Google Earth, Vila Nova de Gaia, 2022.

[99] Esquisso de visita à Quinta do Pinhão, **[100]** Planta inicial de organização do terreno, **[101]** Primeiros esquissos de projeto

Arquivo pessoal

[102] Esquemas de estudo do programa

Arquivo pessoal

[103] Esquemas programáticos

Arquivo pessoal

CAPÍTULO 4 – **A CONSTRUÇÃO DO LUGAR**

[104] Maquete de estudo da preexistência

Arquivo pessoal

[105] Axonometria da casa no seu estado atual, respetivamente, piso do rés-do-chão, 1º piso e cobertura

Arquivo pessoal

[106] Divisão dos núcleos de intervenção

Arquivo pessoal

[107] Plano de intervenção no terreno

Arquivo pessoal

[108] Fotografias que refletem as patologias

Arquivo pessoal

[109] Esquissos do posicionamento da escada

Arquivo pessoal

[110] Esquissos de uso da sala multiusos

Arquivo pessoal

[111] Plantas da proposta do edifício

Arquivo pessoal

[112] Planta e cortes de implantação da proposta

Arquivo pessoal

[113] Esquema em planta dos percursos

Arquivo pessoal

[114] Esquisso do posicionamento da piscina

Arquivo pessoal

[115] Axonometria da proposta do edifício

Arquivo pessoal

[116] Esquemas em corte dos volumes

Arquivo pessoal

[117] Interior do Solar da Quinta dos Bouçós

Disponível em https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/

[118] Esquema em corte da relação do bar e da sala multiusos com o pátio

Arquivo pessoal

[119] Corte pelos volumes da Quinta Everest, **[120]** Vista sobre o pátio da Quinta Everest

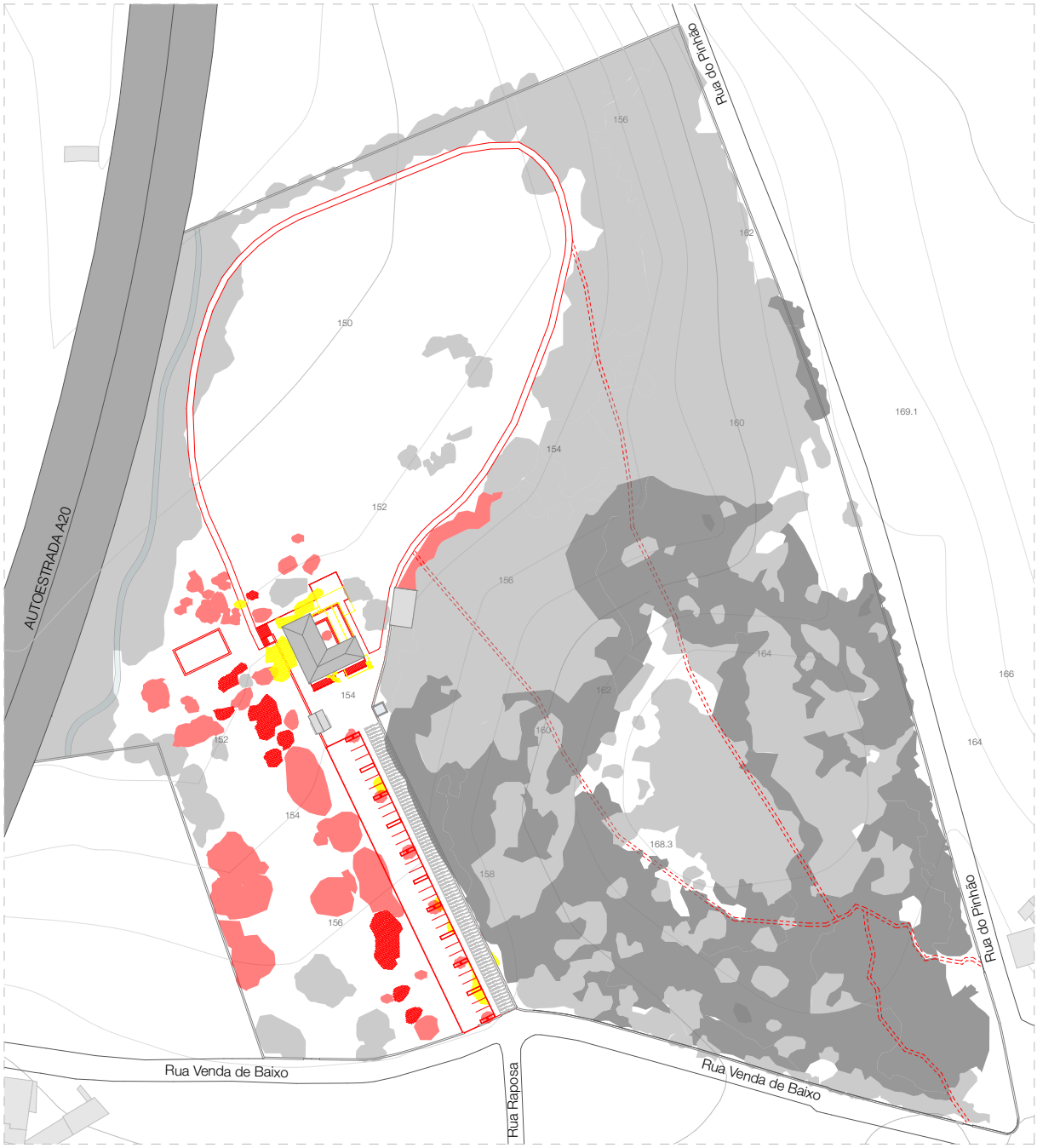
Disponível em https://www.archdaily.com.br/br/932773/quinta-everest-deruiz-arquitectos/5e30ac0a3312fd188a00006a-quinta-everest-deruiz-arquitectos-photo

ANEXOS

ANEXO I: DESENHOS DE PROJETO
ANEXO II: FOTOGRAFIAS DAS MAQUETE
ANEXO III: REGISTO FOTOGRÁFICO
ANEXO IV: CASOS DE ESTUDOS POSTERIORES
ANEXO V: ELEMENTOS PROCESSUAIS

ANEXO I

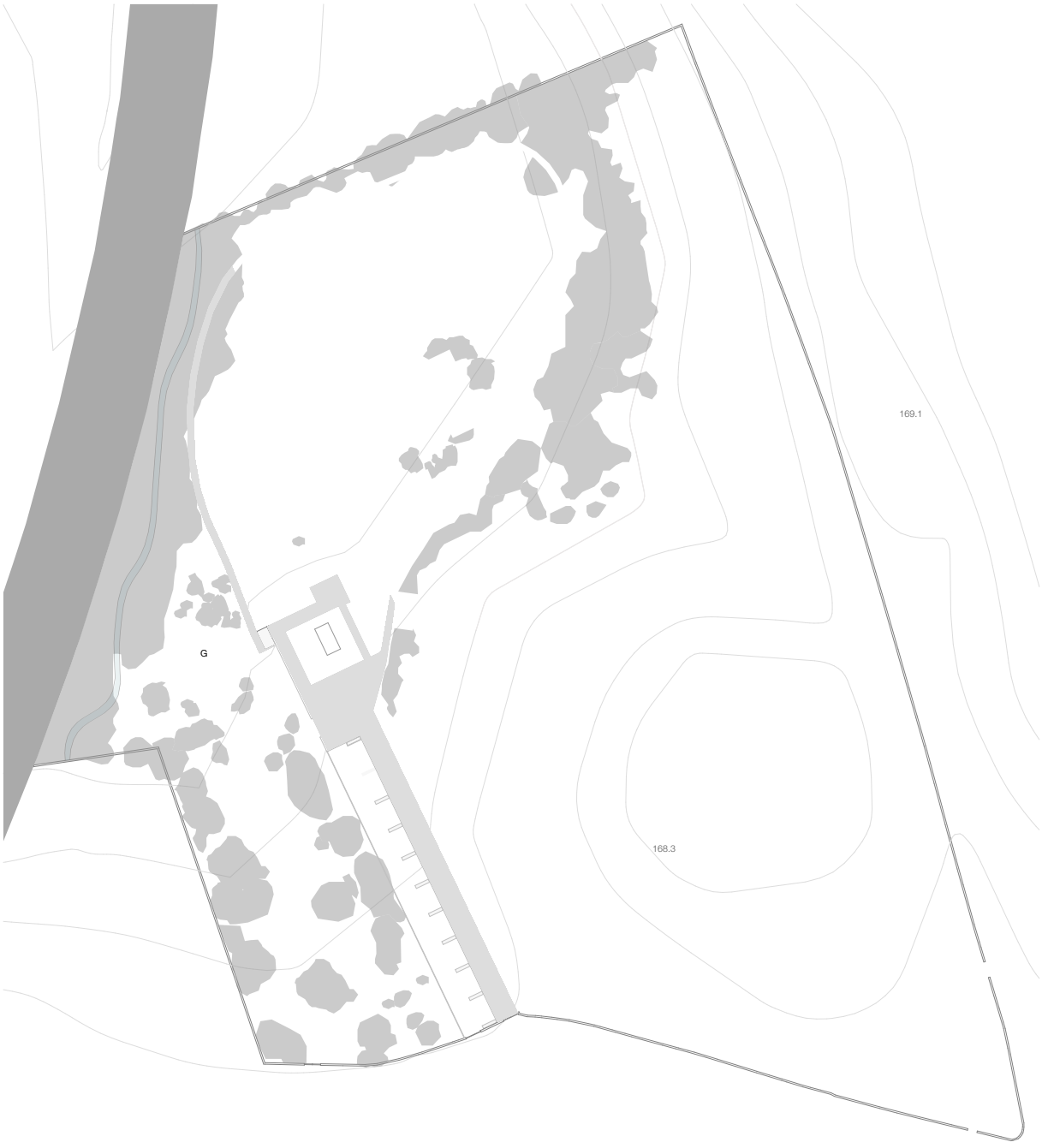
DESENHOS DE PROJETO



Edificado:
- A construir
- A demolir
- A manter

Árvores:
- Existentes a recolocar
- Recolocadas
- Novas
- A manter

Planta de vermelhos e amarelos da implantação | Escala 1:2000


169.1
G
168.3

Edificado:

A construir

A demolir

A manter

Árvores:

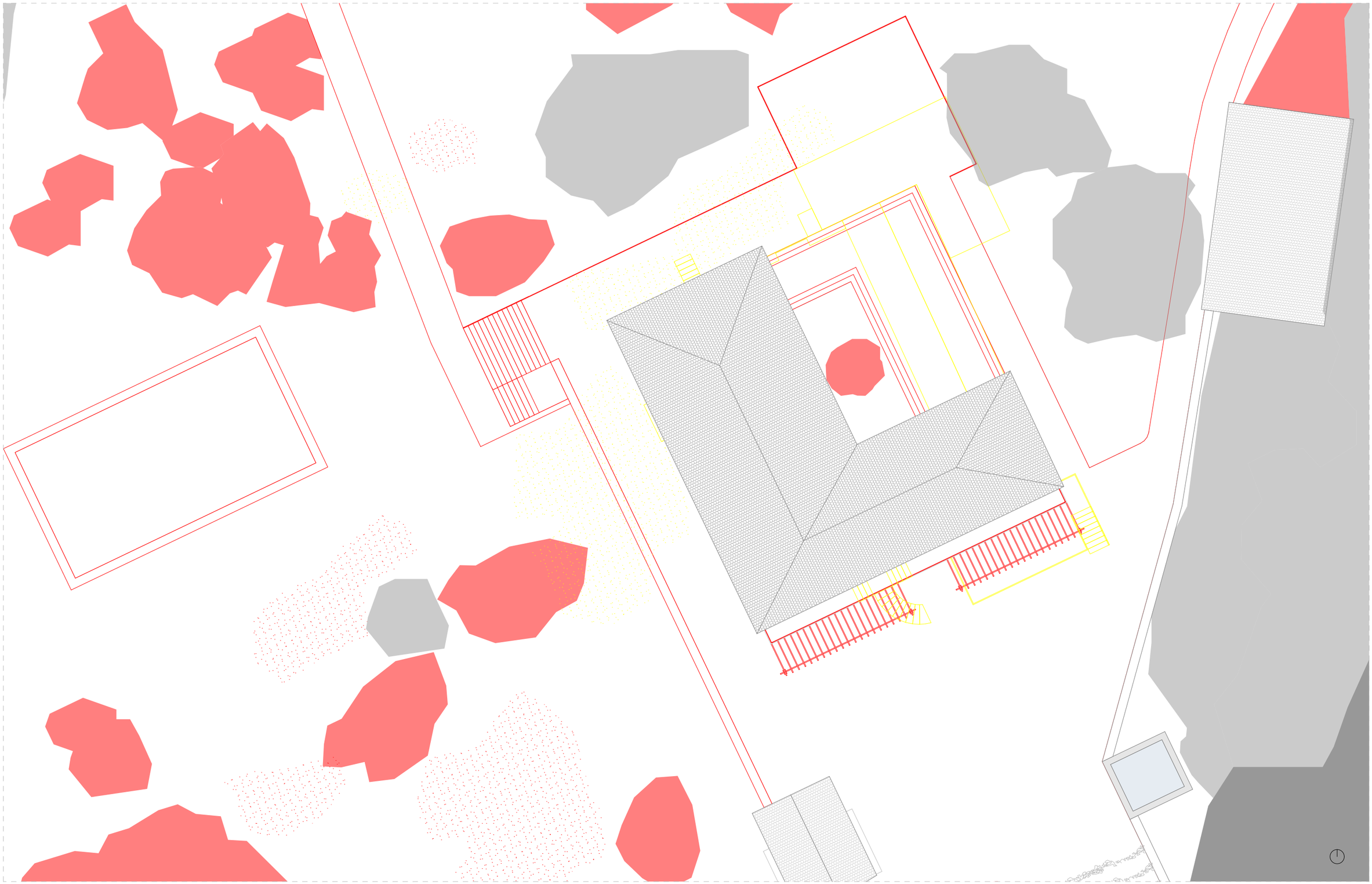
Existentes a recolocar

Recolocadas

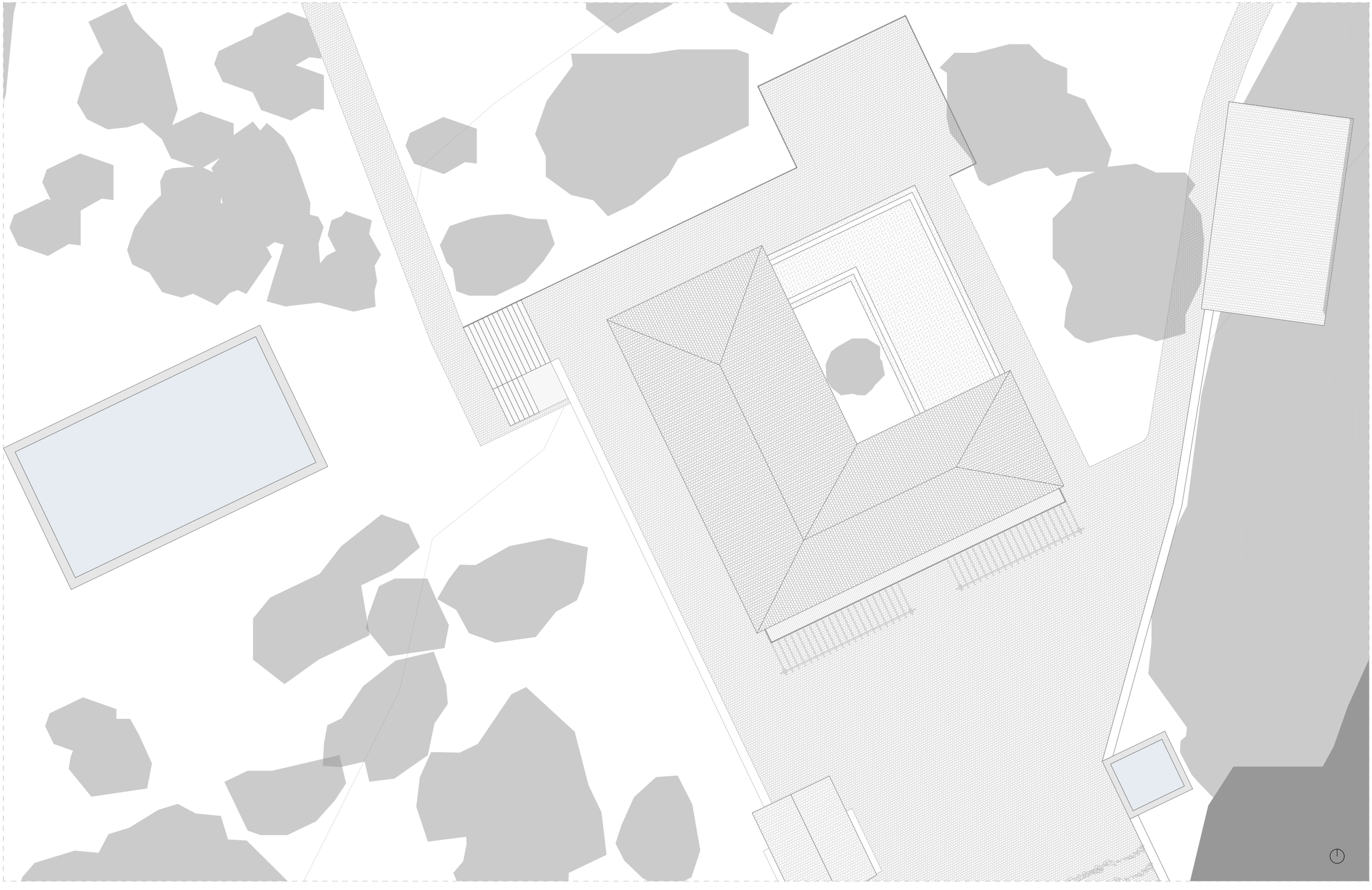
Novas

A manter

Planta de vermelhos e amarelos da cobertura | Escala 1:200



Planta de cobertura | Escala 1:200



Edificado:

A construir

A demolir

A manter

Árvores:

Existentes a recolocar

Recolocadas

Novas

A manter

Planta de vermelhos e amarelos do piso 1 | Escala 1:200



Áreas Privadas

1.Suites

1.1_ 31,10m^2

1.2_ 22,21m^2

1.3_ 21,80m^2

1.4_ 33,36m^2

2. Sala de Estar_ 25,85m^2

3.Arrumos_4,27m^2

Planta do piso 1 | Escala 1:200


1.4
1.3
1.2
1.1
3
2

Edificado:

A construir

A demolir

A manter

Árvores:

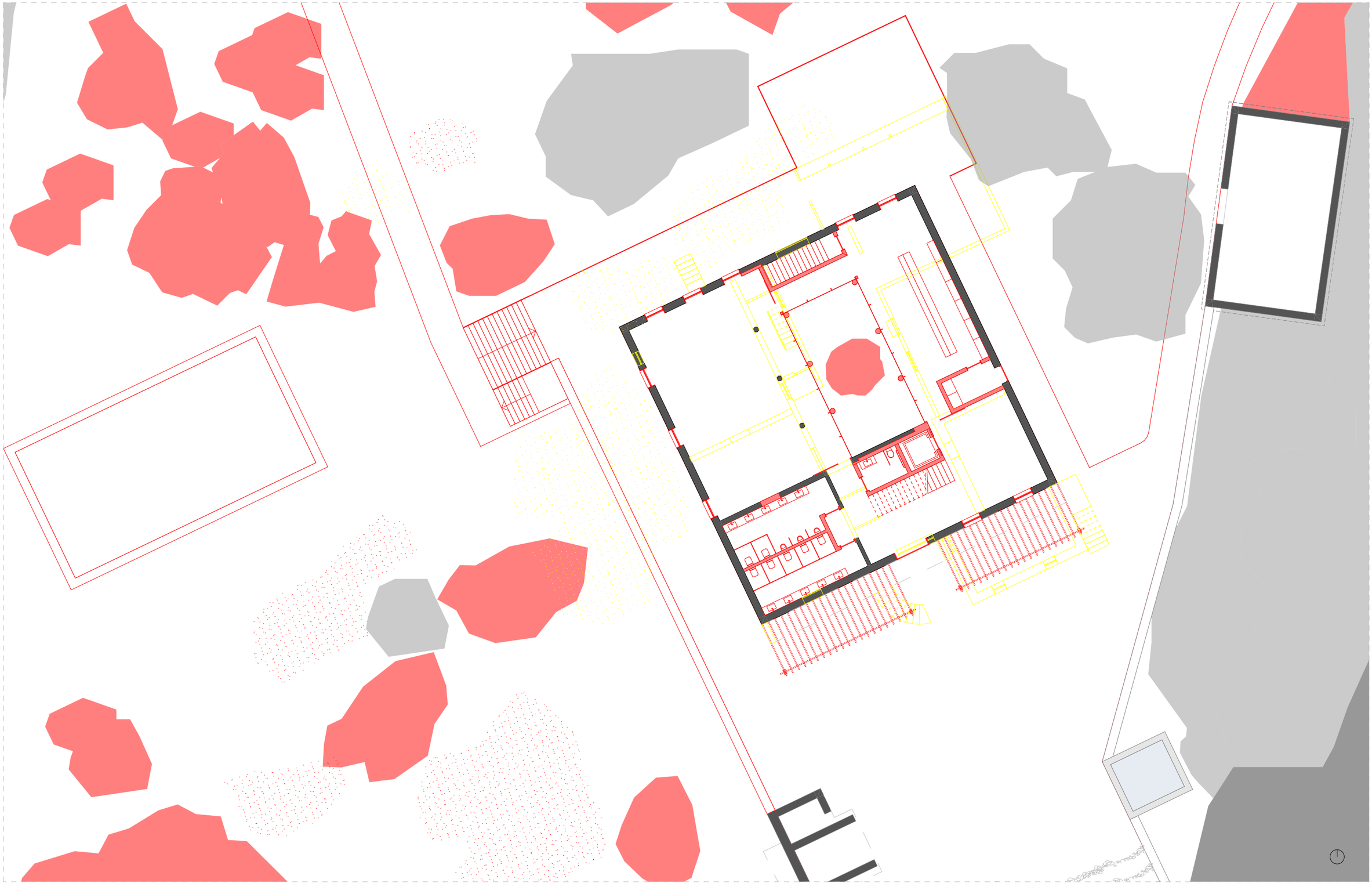
Existentes a recolocar

Recolocadas

Novas

A manter

Planta de vermelhos e amarelos do piso 0 | Escala 1:200



Áreas Coletivas

4.Átrio_ 37,55m^2
5. Sala Multiusos_ 96,34m^2
6. Bar_ 47,43m^2
    6.1. Arrumos Bar_4,95m^2
7. Esplanada_ 81,02m^2
8. Pátio_ 40,80m^2
9. Instalações Sanitárias
    9.1. Feminina_15,87m^2
    9.2. Masculina_16,30m^2
    9.3. Mobilidade Reduzida_ 4,27m^2

Planta do piso 0 | Escala 1:200


7
6
8
6.1
5
4
9.3
9.2
9.1

Edificado:

A construir

A demolir

A manter

Árvores:

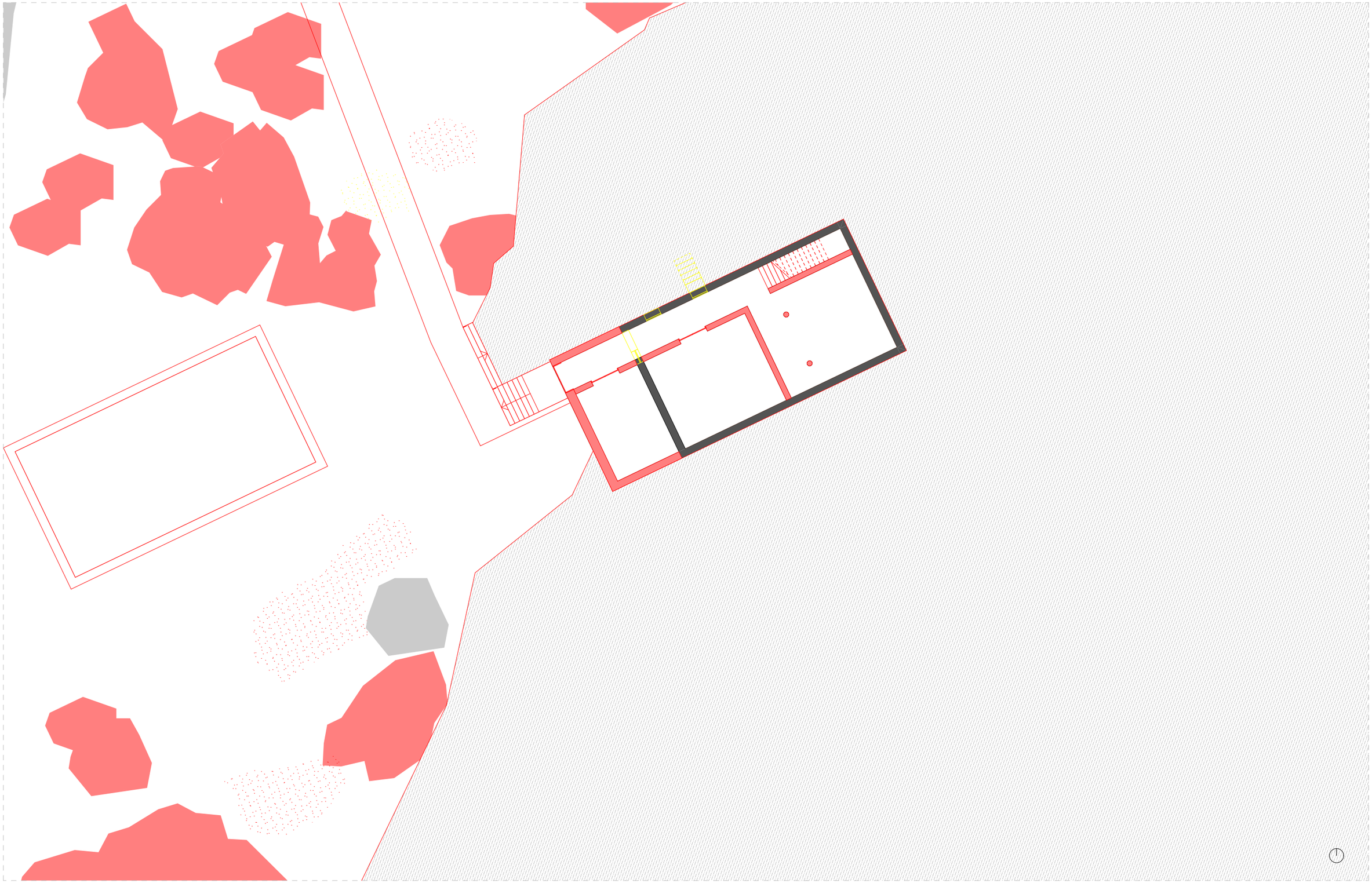
Existentes a recolocar

Recolocadas

Novas

A manter

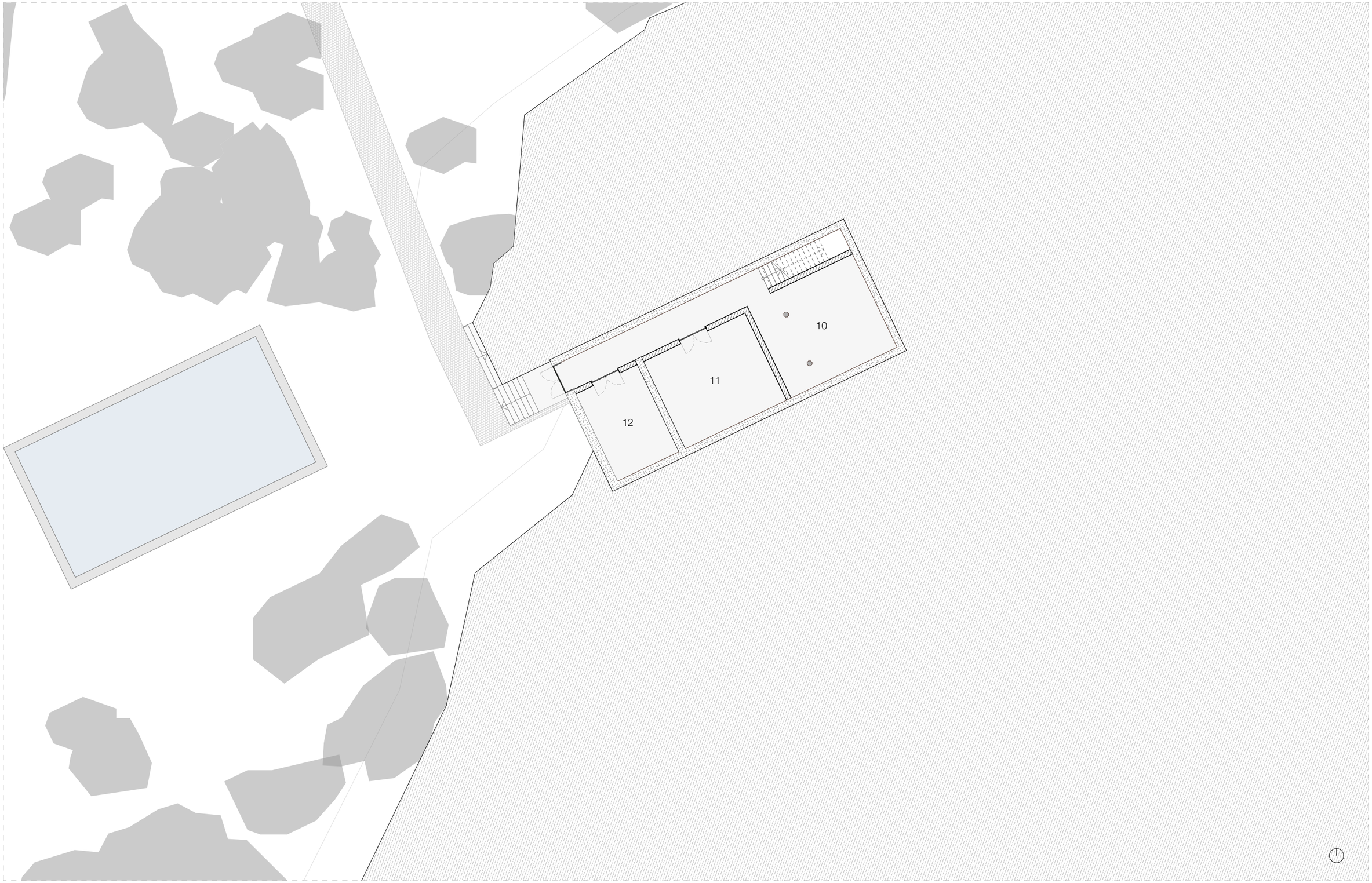
Planta de vermelhos e amarelos do piso -1 | Escala 1:200

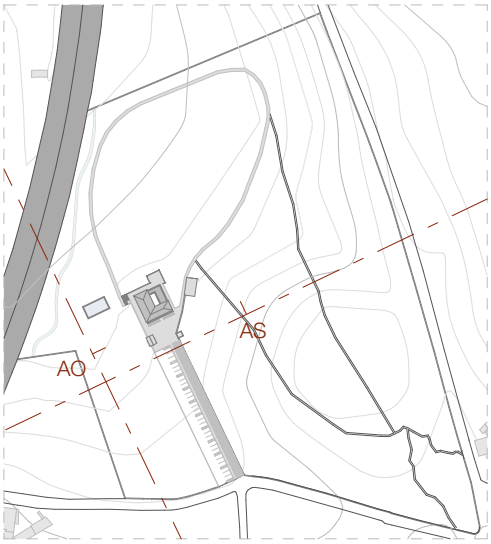


Áreas de Serviço

10. Sala de Funcionários_ 37,74m^2
11. Sala das Máquinas_ 34,24m^2
12. Arrumos_ 20,77m^2

Planta do piso -1 | Escala 1:200


10
11
12


AS
AO



Alçado Sul | Escala 1:200



Alçado Oeste | Escala 1:200

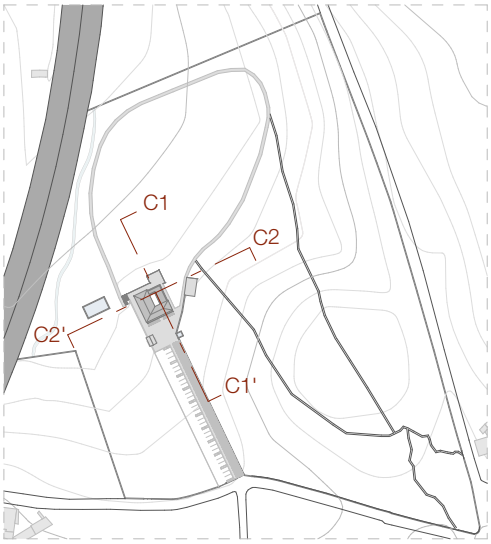

AN
AE

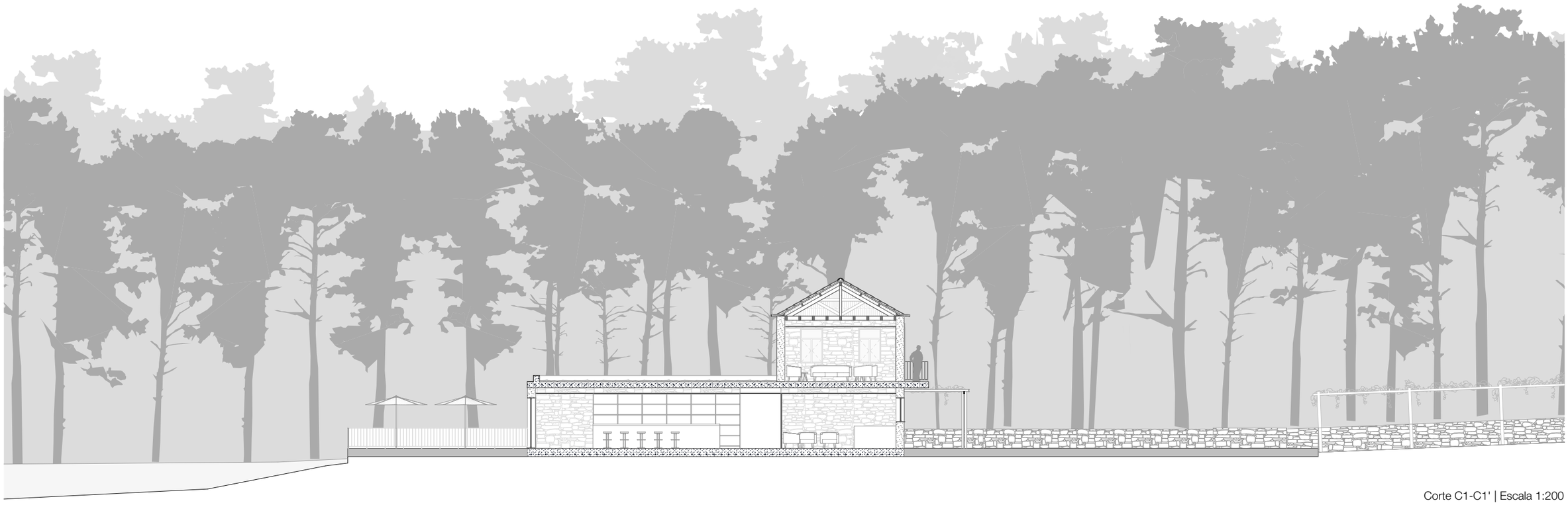


Alçado Este | Escala 1:200

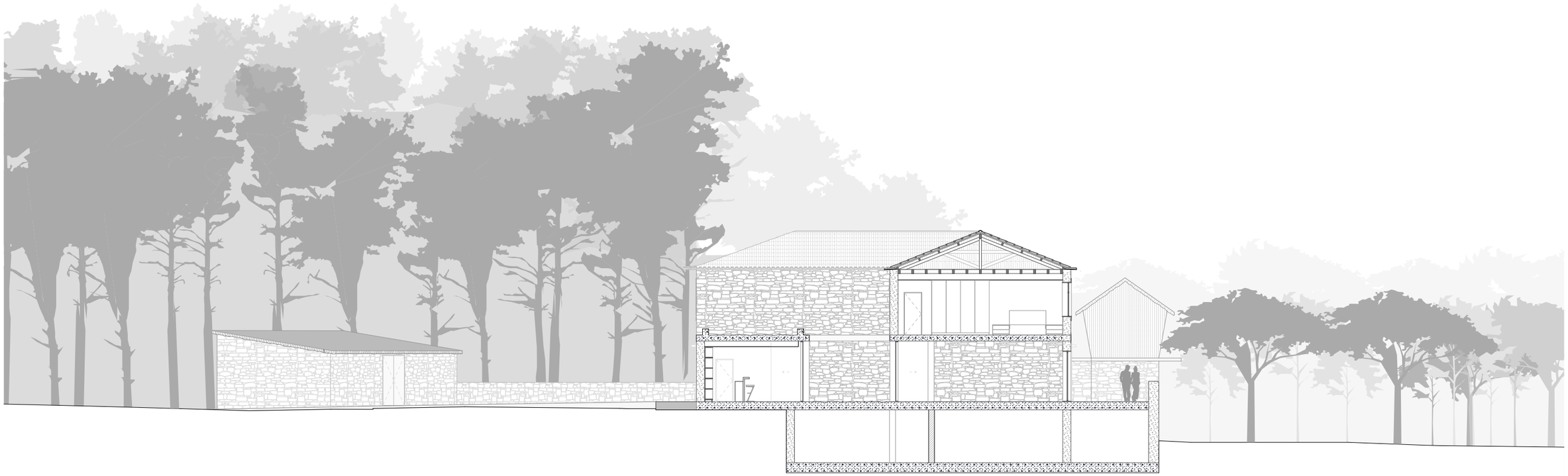


Alçado Norte | Escala 1:200

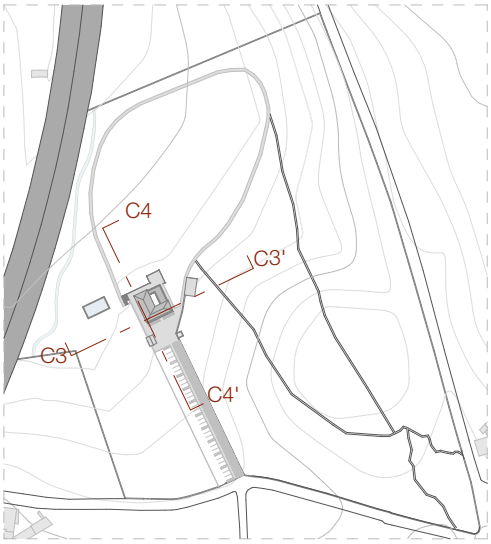

C1
C2
C2'
C1'

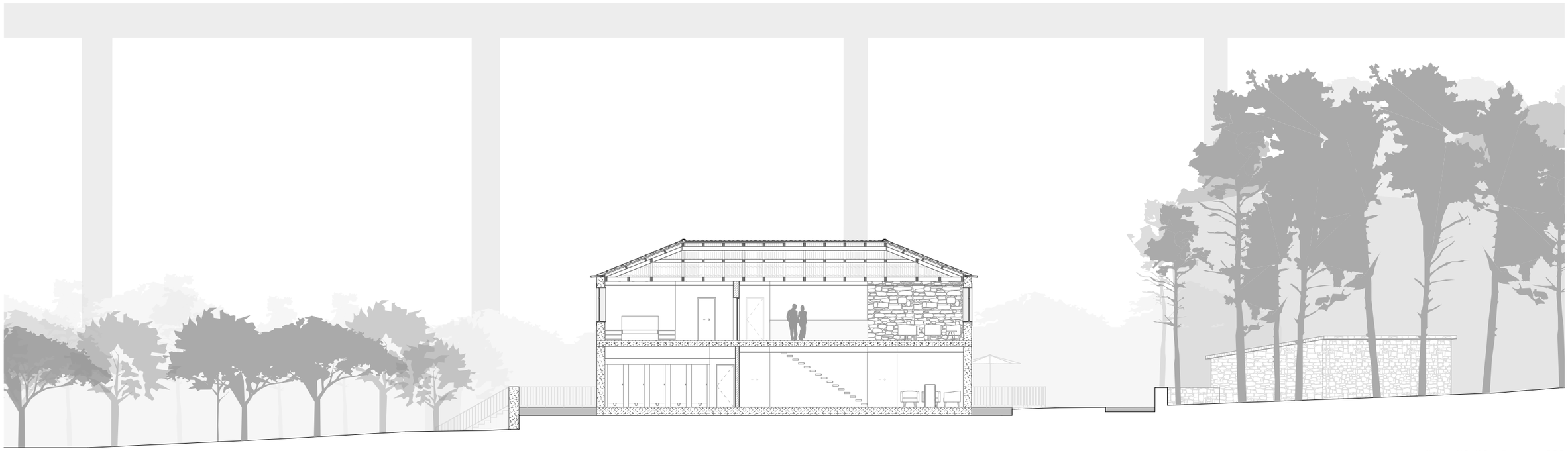


Corte C1-C1' | Escala 1:200

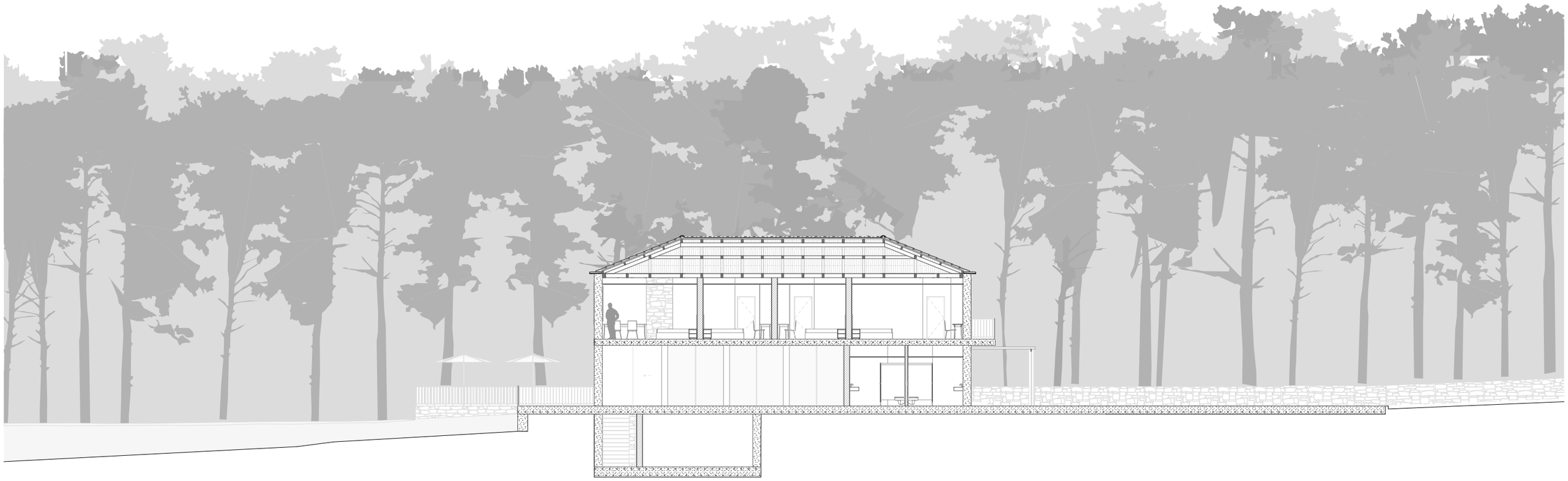


Corte C2-C2' | Escala 1:200


C4
C3'
C3
C4'



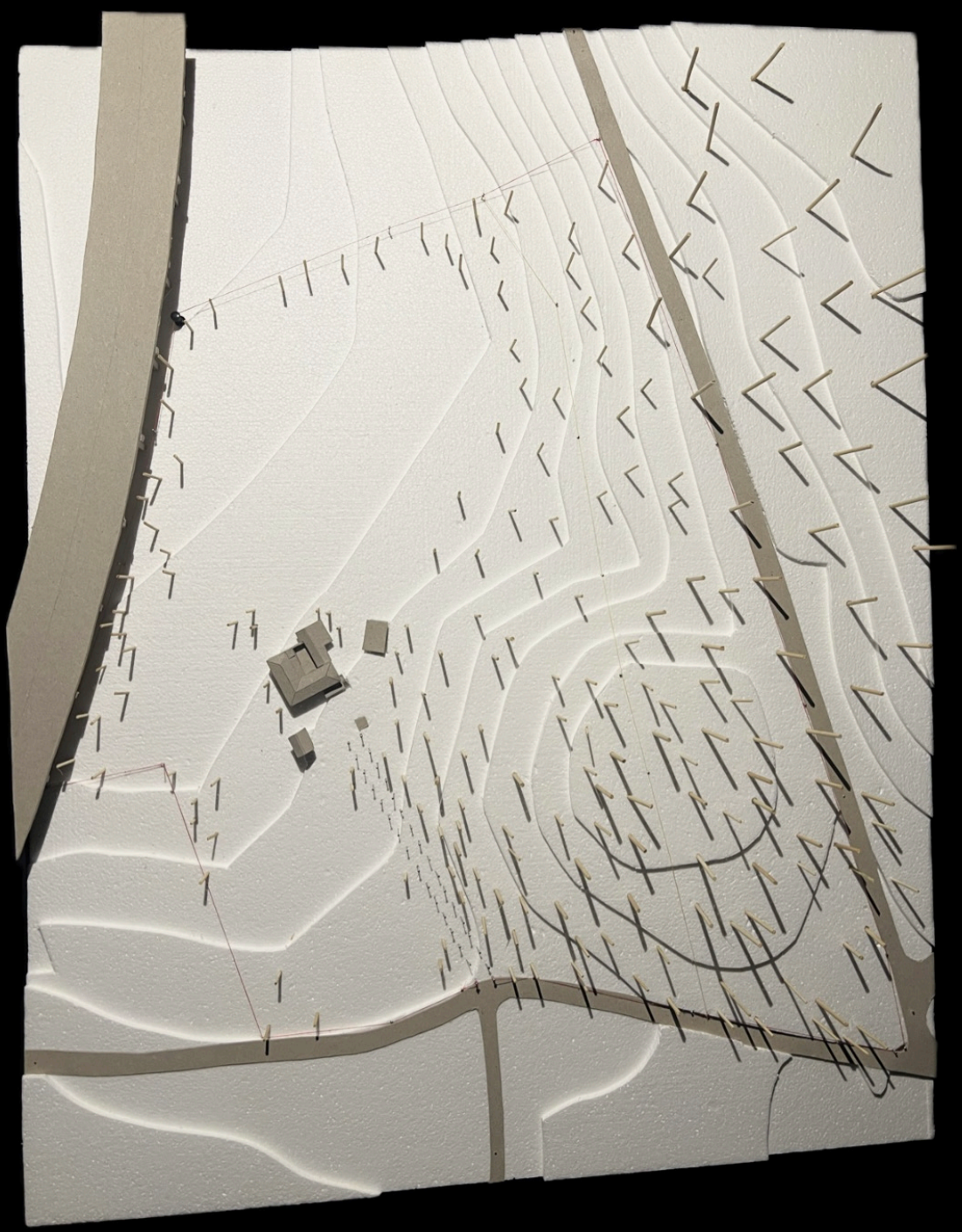
Corte C3-C3' | Escala 1:200



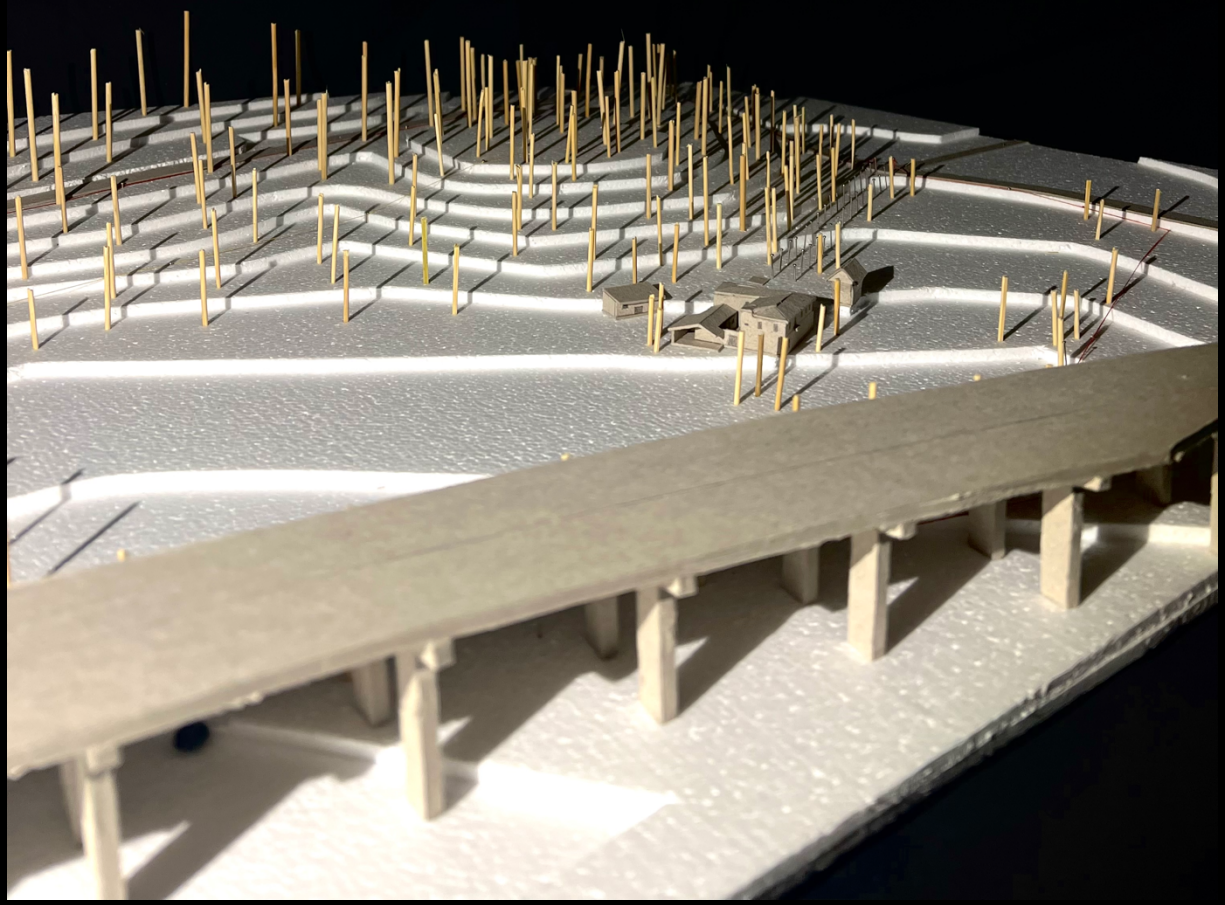
Corte C4-C4' | Escala 1:200

ANEXO II

FOTOGRAFIAS DA MAQUETE



Maquete do existente:
Vista geral do terreno da Quinta do Pinhão



Maquete do existente:

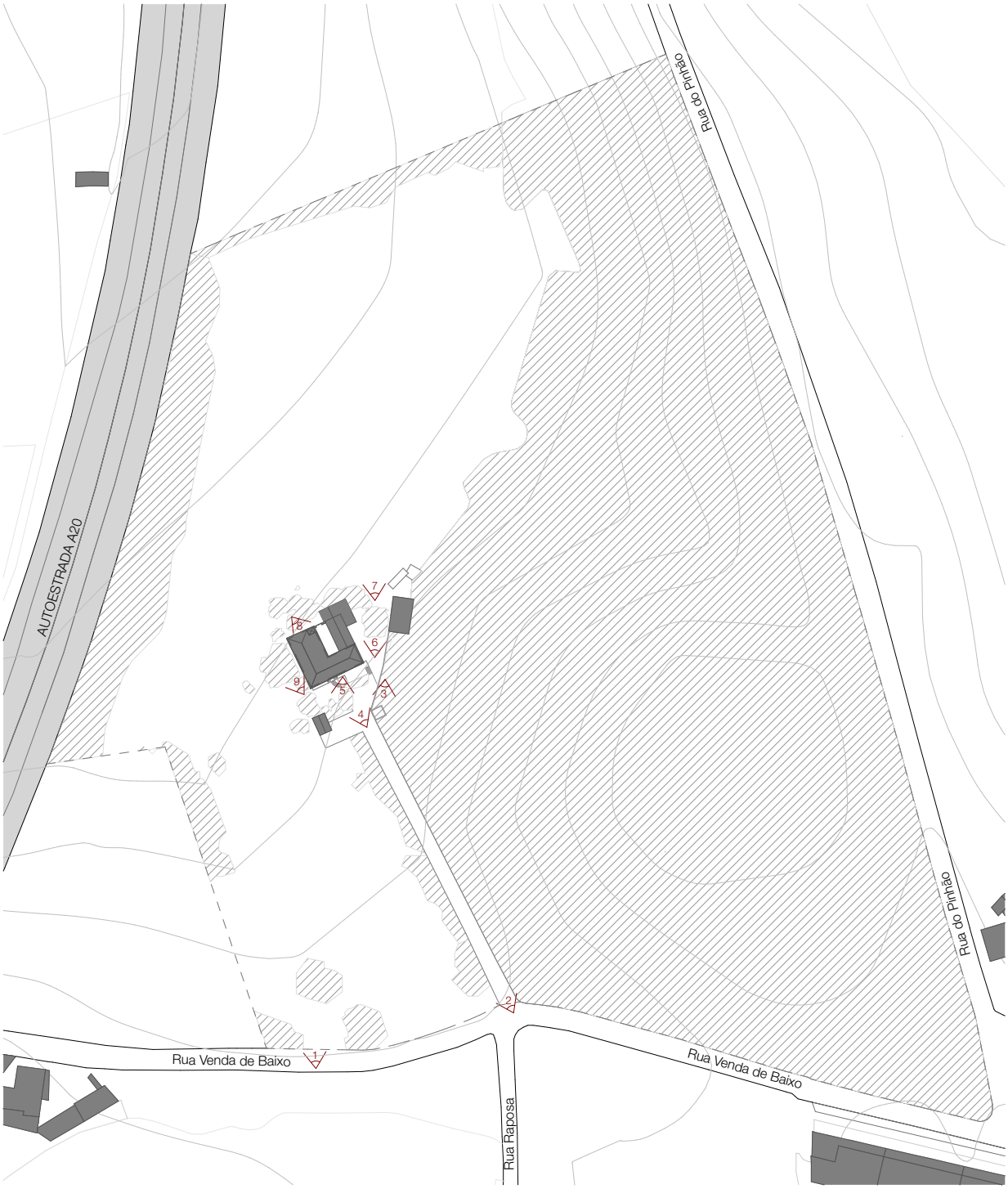
Vista da autoestrada A20



Maquete do existente:
Vista da Rua Venda de Baixo

ANEXO III

REGISTO FOTOGRÁFICO: EXTERIOR



ESCALA 1:2000

Planta geral do existente



[1] Vista da Quinta através da rua Venda de Baixo



[2] Entrada na Quinta através da ramada



[3] Vestígios do tanque coberto pela vegetação ao longo dos anos



[4] Estado atual da Fachada principal das casa e eira



[5] Estado atual das escadas exteriores da casa principal e do canastro



[6] Entrada no anexo, lado este do terreno



[7] Vista do lado poente do terreno



[8] Estado atual da entrada para o lagar, através da fachada tardoz, coberta pela vegetação



[9] Fachada oeste da casa

REGISTO FOTOGRÁFICO: CASA - PISO 0



ESCALA 1:200

Planta piso 0



[1] Casa do caseiro



[2] Garagem



[3] Vista do pátio através da garagem



[4] Cozinha



[5] Lavandaria



[6] Adega



[7] Entrada na adega através do pátio



[8] Hall de acesso ao piso superior através do pátio



[9] Alambique

REGISTO FOTOGRÁFICO: CASA - PISO 1



ESCALA 1:200

Planta piso 1



[1] Corredor de distribuição



[2] Casa de banho



[3] Quarto



[4] Casa de banho



[5] Quarto



[6] Sala de estar



[7] Escritório



[8] Casa de Banho



[9] Cozinha

ANEXO IV

CASOS DE ESTUDO POSTERIORES

QUINTA DA GRUTA

Arquiteto: João Álvaro Rocha
Localização: Castêlo, Maia, Portugal
Data:1998-2001

A Quinta da Gruta encontra-se num terreno de dois hectares e a sua construção remota ao início do século XX. A intervenção do arquiteto Álvaro Rocha serviu de reconversão do existente e de integração de novos elementos. Desenvolveu-se assim um exercício de projeto a várias escalas, que vai desde o edifício até ao desenho de pormenor do mobiliário e dos pavimentos.

O projeto desenvolve-se em três fases, inicialmente com o projeto de reabilitação e reforma da casa da Quinta, seguidamente o parque-jardim e mais tarde, a escola de educação ambiental.

Simultaneamente, como acontece nas obras de Fernando Távora aqui também é necessário trabalhar uma pré-existência, no entanto, as interpretações são distintas. O arquiteto na velha casa da Quinta, introduz uma nova arquitetura na já existente, através da conceção do interior. O objetivo passa por não alterar a estrutura das paredes e divisões dos espaços, mas sim introduzir um novo elemento, o móvel. Esta peça permite criar a sensação de "novo" espaço sem alterar a sua memória e concebe um certo dinamismo espacial ao edifício. Nestes mesmos espaços continua a assumir-se como agente fundamental a relação com o exterior, tornando-se evidente na utilização de vidro nas caixas projetadas para ambos os pisos, com a visão permanente para o parque.

Numa procura de se relacionar com o lugar, o parque aparece como a solução para a transição entre a arquitetura da velha casa e a nova estrutura e geometria da escola. Para reforçar a ideia da composição do todo, o parque torna-se o espaço exterior habitável com objetos dispersos, jogos de pavimentos e plataformas que proporcionam uma ordem e um equilíbrio entre os espaços arquitetónicos e os elementos paisagísticos.

Quanto à escola de educação ambiental é onde o arquiteto expressa melhor o seu estilo através dos jogos de planos e texturas presentes em todos os espaços. A estratégia passou por colocar o corredor extenso, que faz a distribuição para as diversas salas, no sentido norte sul e no sentido oposto desenvolve- se o programa. Apresentando-se assim na orientação este ou oeste, os espaços acabam por demonstrar uma certa independência, por serem delimitados por dois muros paralelos, delimitando o campo de visão sobre o terreno. A variedade de escalas, materiais, alinhamentos e espaços tornaram possível a reformulação da Quinta da Gruta num lugar público, de lazer e aprendizagem, respondendo assim às exigências do programa, bem como, consegue estabelecer a transição entre o antigo e o novo.

CASA DO RIBEIRINHO E O PAVILHÃO MULTIUSOS

Arquiteto: Pedro Alarcão
Localização: Matosinhos, Portugal
Data: 2001

A casa do ribeirinho foi construída, reabilitada e sofreu várias intervenções ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, devido às exigências funcionais. O edifício desenvolve-se numa planta retangular incorporando no seu interior uma capela, três salas, um salão, um quarto e o espaço de hall de entrada, no entanto só mais tarde surge o pavilhão no jardim projetado pelo arquiteto Pedro Alarcão.

Devido à sua nova condição, a casa do ribeirinho procura funcionar como espaço para inúmeros eventos e como tal surge o novo pavilhão, como suporte a esta exigência. A implantação deste novo espaço teve como objetivo a articulação com a casa, já existente, e os espaços exteriores dos jardins. A casa que se apresenta com as suas características arquitetónicas oitocentistas funde-se com a nova estrutura metálica através de uma escadaria preexistente de acesso ao jardim. Assim sendo localizado no jardim, o pavilhão reveste-se em madeira de modo a integrar-se e a camuflar-se no espaço exterior. Sendo que a maior sala da casa só albergava 60 pessoas, o pavilhão apresenta-se com dimensões maiores para assim acomodar aproximadamente 220 pessoas. O espaço interior reflete a clareza e o conforto na escolha dos materiais como o aço, a madeira e o vidro, nas aberturas das portas, permitindo manter a relação com o exterior.

Ao estudar esta obra, facilmente se percebe a oferta de espaços para a realização de diversos eventos e a procura por introduzir novos conceitos e sensações. Esta nova arquitetura reflete, assim, a simplicidade na sua forma arquitetónica de se integrar na envolvente e na casa.

CONJUNTO TURÍSTICO DE SÃO LOURENÇO DO BARROCAL

Arquiteto: Eduardo Souto Moura
Localização: Monsaraz, Portugal
Data: 2002-2016

Da autoria do arquiteto Eduardo Souto Moura, analisa-se o conjunto turístico de São Lourenço do Barrocal, localizado em Monsaraz. Sendo este um projeto que trabalha com o lugar e uma preexistência, o arquiteto teve em consideração o lago de Alqueva e as vistas para a aldeia de Monsaraz.

A complexidade do programa que incluía pensar numa variedade de espaços com diferentes dimensões e escalas resultou na recuperação do monte de Monsaraz. O desafio passou por trabalhar um novo programa, criando espaços que acompanhem o carácter do lugar e protejam, de certo modo, os elementos do passado, como a rua central, os claustros ou até mesmo as telhas.

Deste modo, o programa define-se entre um hotel e um centro turístico, dando resposta às novas exigências do pedido e adaptando-se às construções existentes. A solução passou por se dividir ao longo de uma rua central, já existente, um conjunto de sete edifícios. Na procura do projeto se relacionar com o lugar e as preexistências, esta rua desenvolve-se em duas partes. A primeira composta por dois edifícios, mais a norte, que incorporam o antigo edifício industrial e um armazém para as ferramentas agrícolas. Do lado oposto, com uma área mais abrangente, a zona sul apresenta cinco edifícios, onde se encontram a casa principal, os pavilhões agrícolas, o pombal, o canil e a pocilga. Nesta área desenvolve-se ainda a zona dos campos agrícolas, a casa do jardineiro e a piscina exterior.

Este projeto demonstra uma completa e complexa oferta programática, no que diz respeito à ligação entre as unidades de alojamento e as zonas comuns. Deste modo, a organização e a distribuição funcional passou por se distinguir em 22 quartos, duas suites e 16 casas. Os espaços comuns de lazer e convívio são compostos pelo spa, pelo ginásio, a adega com uma sala para diversos eventos, um restaurante, um bar, uma loja, a zona dos estábulos com uma pista de equitação e a zona da piscina exterior.

O recurso a esta obra serviu como reflexão por tratar uma arquitetura que se adapta a uma nova realidade, focada na reconstrução, consolidação e recuperação dos valores existentes do lugar e, através disso dando resposta às novas funções do programa.

POUSADA DE SANTA MARINHA DA COSTA

Arquiteto: Fernando Távora
Localização: Guimarães, Portugal
Data: 1972-1985

É certo que um arquiteto pode mudar o destino de um edifício ou cidade antiga. De facto, o objetivo não passa por mudar, mas sim melhorar o seu estado de degradação ou habitabilidade, tornando-os úteis à sociedade atual. Reconhecendo que o património é um elemento fundamental na sustentabilidade e identificação do território, a questão que se coloca é como o valorizar? Sem uma resposta precisa e correta, pode apenas afirmar-se que trabalhar no património é ter a consciência do seu valor, como fator de desenvolvimento do território.

Como meio de formar uma abordagem crítica e consciente sobre uma obra de valor patrimonial e arquitetónico, é necessário estudar casos do século XIX e XX, séculos que refletem confrontos de interpretações sobre os valores do património, no sentido de perceber quais os critérios a adotar na sua intervenção de salvaguarda. Recorri, por isso, para esta análise a um edifício, selecionado em território nacional, que reflete uma intervenção complexa no património.

A intervenção é referente ao restauro e adaptação do Convento de Santa Marinha da Costa a pousada, em Guimarães, do arquiteto Fernando Távora. Sabe-se que o convento foi fundado no século XII e pertenceu à ordem de Sto. Agostinho, seguida da ordem de S. Jerónimo, em 1528, e após a extinção das mesmas, em 1934, o edifício passou a ser propriedade do Estado. Em 1952 grande parte do convento é destruído por um incêndio, que levou ao seu abandono. A intervenção de Távora, surge em 1972, a mando da DGEMN[59], sendo classificado pelo mesmo como interesse público e recuperado no âmbito das Pousadas.

A proposta surge com a necessidade de se adaptar a uma nova função, a princípios contemporâneos inerentes a um novo programa com regras rígidas de organização. Távora apoiava, de certa forma, alguns valores de Ruskin, reconhecendo que o abandono e a falta de salvaguarda na arquitetura não são aceitáveis. No entanto, não sendo tão radical e entendendo a necessidade de intervir sobre a ruína, não deixa de assumir a preocupação pelos valores da continuidade da história, afirmando *"em verdade há que defender, teimosamente, a todo o custo, os valores do passado mas há que defendê-los com uma atitude construtiva, quer reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua actualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas."*[60].

[59] **Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais** era o serviço central do Ministério do Equipamento, do planeamento e da Administração do Território do governo de Portugal, com as atribuições de salvaguarda e valorização do património arquitetónico e de instalação de serviços públicos.

[60] **TÁVORA**, Fernando – Da organização do Espaço. Porto: Edições Curso de Arquitetura da ESBAP, 1982, p.70; in MANUEL, Mendes – Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora: minha casa. Porto: FIAJMS, 2015, p. 310;

O projeto desenvolve-se e orienta-se, segundo o método que o arquiteto se apoia para intervir no património, com base no conhecimento e estudo rigoroso dos valores arquitetónicos, das condições físicas do lugar e da informação histórica e arqueológica adquirida. Assim, o arquiteto mantém a estrutura monástica preexistente, não entrando em rutura com o passado, adaptando e organizando os espaços com o objetivo de os preservar. Todos estes cuidados com a preservação não deixaram de dar origem a um novo edifício, que apesar de se assumir diferente não entra em conflito com a antiga edificação.

A intervenção passou por dois momentos distintos que se complementam, a reabilitação da preexistência e a construção de um novo volume, que remetem para aquele que será o grande desafio desta arquitetura. Quanto à reabilitação do antigo edifício, o trabalho centrou-se em torno do claustro e na ala dos dormitórios. Nas várias divisões destes volumes é possível ver-se a presença de elementos do passado como o púlpito na entrada principal, onde se faziam as leituras nas horas de refeição, os azulejos do século XVIII, presentes nos acessos ao salão nobre e à sala do capítulo, uma fonte setecentista e a varanda de São Jerónimo voltada para o jardim. Os espaços em torno do claustro deixam de estar ligados ao culto divino e dão lugar a espaços, sociais de lazer e estar. A ala dos dormitórios no rés-do-chão transforma-se em salas ligadas à restauração e o piso superior passa a albergar a zona dos quartos dos hóspedes.

O edifício novo é composto por um corpo principal com dois pisos, delimita-se na ala poente do claustro, surge no desnível natural do terreno, num gesto linear e continuo através da entrada, resultante num espaço que antecede os quartos, criando uma certa privacidade necessária. A maior dificuldade em construir este novo volume, reside na ligação das fachadas com o edifício já existente. O arquiteto resolve com o desenho das aberturas, apenas a sul e a poente, através de um envidraçado contínuo. Este novo volume assume a sua contemporaneidade junto de espaços de tempos passados, na extrema simplicidade da solução, ao nível dos espaços, desenho de acabamentos e posicionamento de mobiliário.

É uma obra que reflete uma intervenção no património carregado de história, nos espaços e objetos ainda existentes, bem como, nos que se encontravam em ruína. No sentido de melhorar a situação preexistente, a proposta mantém na sua essência o passado junto de uma nova organização e linguagem. Távora projeta com base na visão da bagagem cultural do passado como forma de definir uma postura de atuação sobre o tempo presente. Assim, na obra de Távora, recuperação e criação complementam-se, na medida em que tudo é considerado património, e nesta condição tudo será objeto de mudança e continuidade.

ANEXO V

ELEMENTOS PROCESSUAIS

12 / 10 / 2021

Introdução
objeto → o que fazer
objetivo → porque
motivação → onde quero chegar
Bibliografia
↳ Acrescento "metodologia" - método de trabalho
palavras - chave

→ PLANO

Arquitetura, paisagem, natureza, memória, projeto, reabilitação

É uma pergunta no fundo.

HOMEM 1. → NATUREZA 2. → PROJETO 3.

- Ideia do homem enquanto arq.
- conexão entre o indivíduo e a "obra de corte"
- relação homem/natureza

Próxima

- como é que o observador se comporta com o projeto em função do espaço?

- Relação int - ext
- inclusão no terreno
- lugar de contemplação / observação

- proposta
- objeto arquitetónico

DESAFIO / RESPOSTA de projeto

Relação entre o homem e o habitar a natureza

A Quinta do Pinhão: Mimetismo entre a arq. e a natureza.
projeto.

adaptação
semelhanças

PROPOSTA:
estratégia de reabilitar a quinta e acrescento de um modelo habitacional.

Projeto prático - teórico como solução de um problema real.

SENHORA DO MONTE → Toponímia

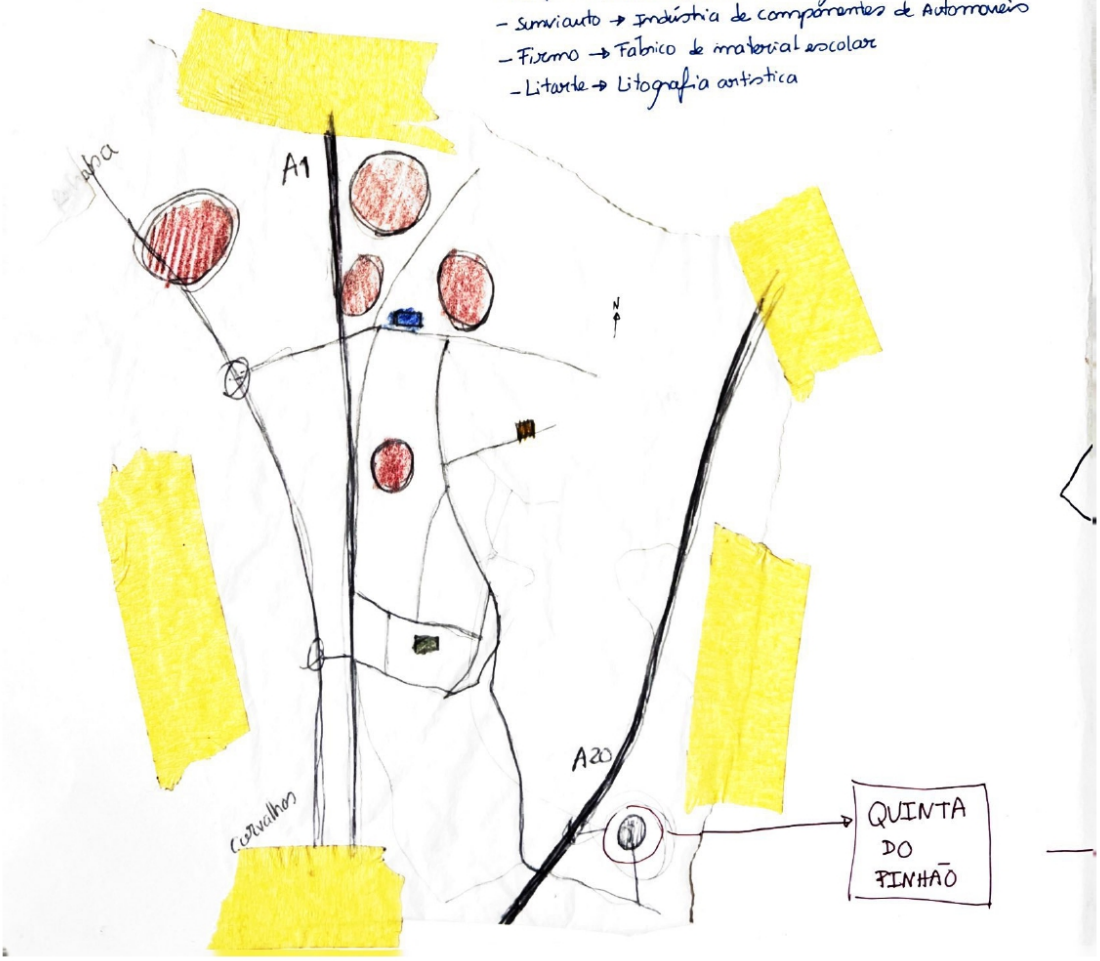
topónimo, frequente, sobretudo no Norte e Galiza.

Festa → volta de Abril

Do s.m. monte. Entra em muitos topónimos, compostos, alguns dos quais aparecem mencionados mais adiante, na sua ordem alfabética. Surge em forma composta como senhora do monte, Monte Murado, monte casco com clara ligação a aspetos arqueológicos.

EDIFÍCIOS DE INTERESSE

- ~~Capela de Senhora do Monte~~
  - Referenciada por D. Rodrigo da cunha, no catálogo dos bispos em 162
  - Está situada no lugar do Senhora do monte como pertencente ao colégio das Artes.
  - Capela construída na 2ª metade do séc 20, sobre uma pré-existe que datavia do séc 16/17.
- Escola básica do 1º ciclo com jardim de Infância
- Sede do Rancho Folclórico e cultural de Nossa Senhora do Monte
- Zona Industrial:
  - Caipol → Fabrico e comércio de cortiças de decoração
  - Serviauto → Indústria de componentes de Automóveis
  - Fixmo → Fabrico de material escolar
  - Litarte → Litografia artística



Esquema:

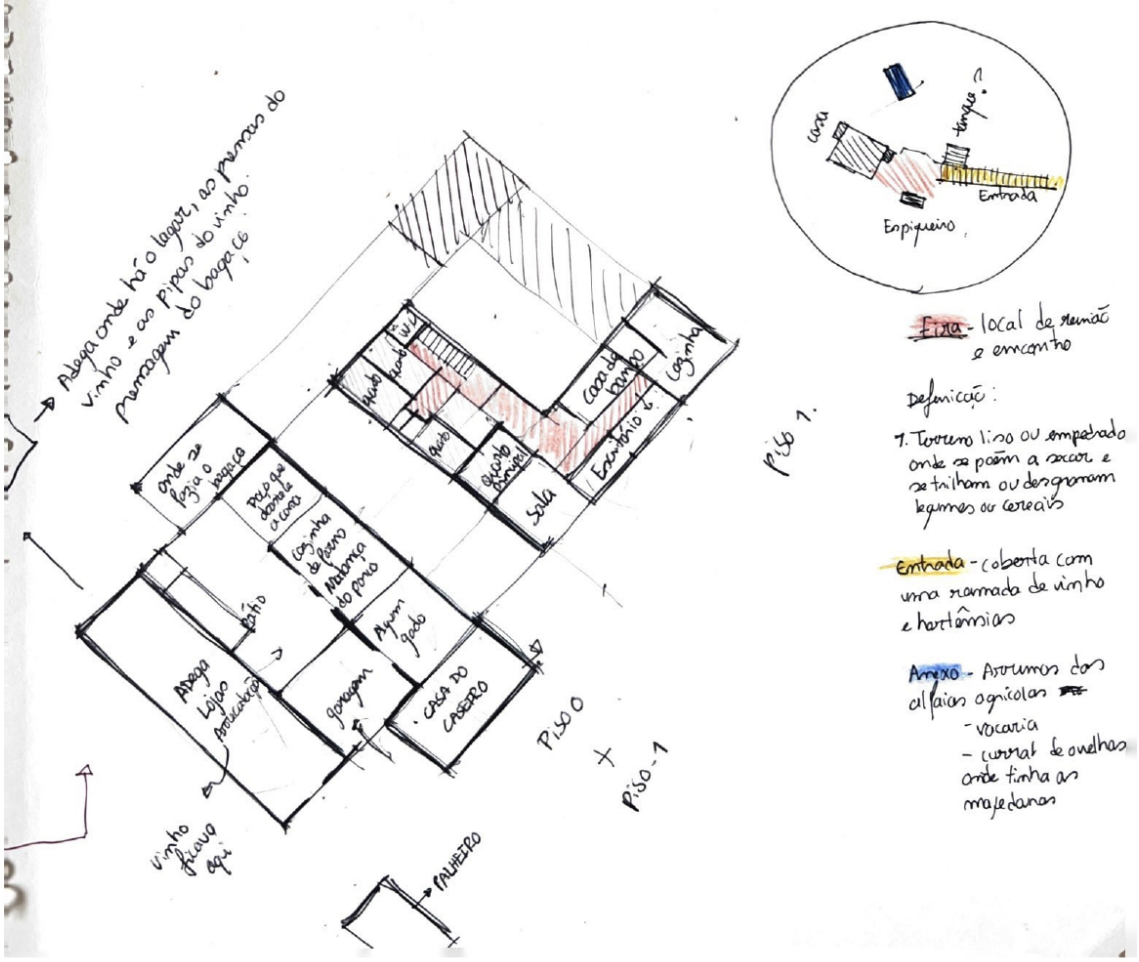
Estudo do lugar

FESTIVIDADES

- **Desfolhada: o beijoqueiro Milho Rei**
  - Homens e mulheres sentados à volta da eira desfolhavam o milho
  - Dono da quinta oferecia as castanhas, vinho e a broa como forma de agradecimento
  - conforme os cestos iam enchendo, o cavouqueiro levava-os para o camarinho ou espigueiro tem de ficar 3 ou 4 meses para secar, depois será malhado para separar o carólo e limpo para se retirar a moinha. Depois vai para a moagem.
  - Milho: cereal mais tributado pelos senhorios.

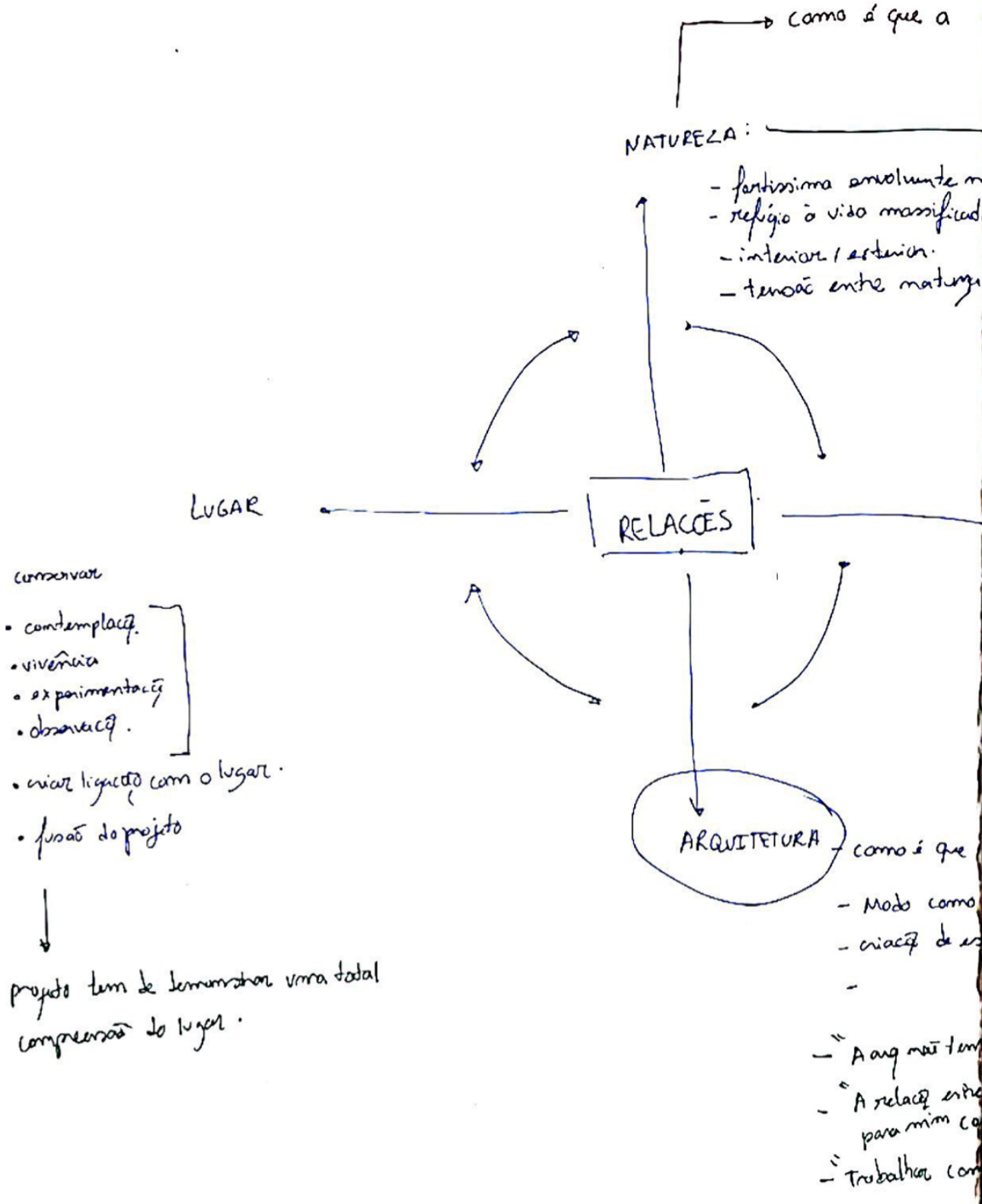
- **Dia da árvore**
  - As crianças da escola primária iam plantar 1 árvore

- **Festas do São Pedro**
  - Uma espécie de marchinha, onde as escolas eram convidadas.



Esquema:

Aproximação ao estudo da Quinta



Esquema:

Relação entre os temas

natureza serve de argumento para pensar o espaço.

→ fazer da arq. natureza material da arquitetura
↓
61 + exte

tural
→ necessidade.

e construído.

→ HOMEM → como é que o observador se confronta com a natureza em função do espaço?

o arquiteto deve intervir no local

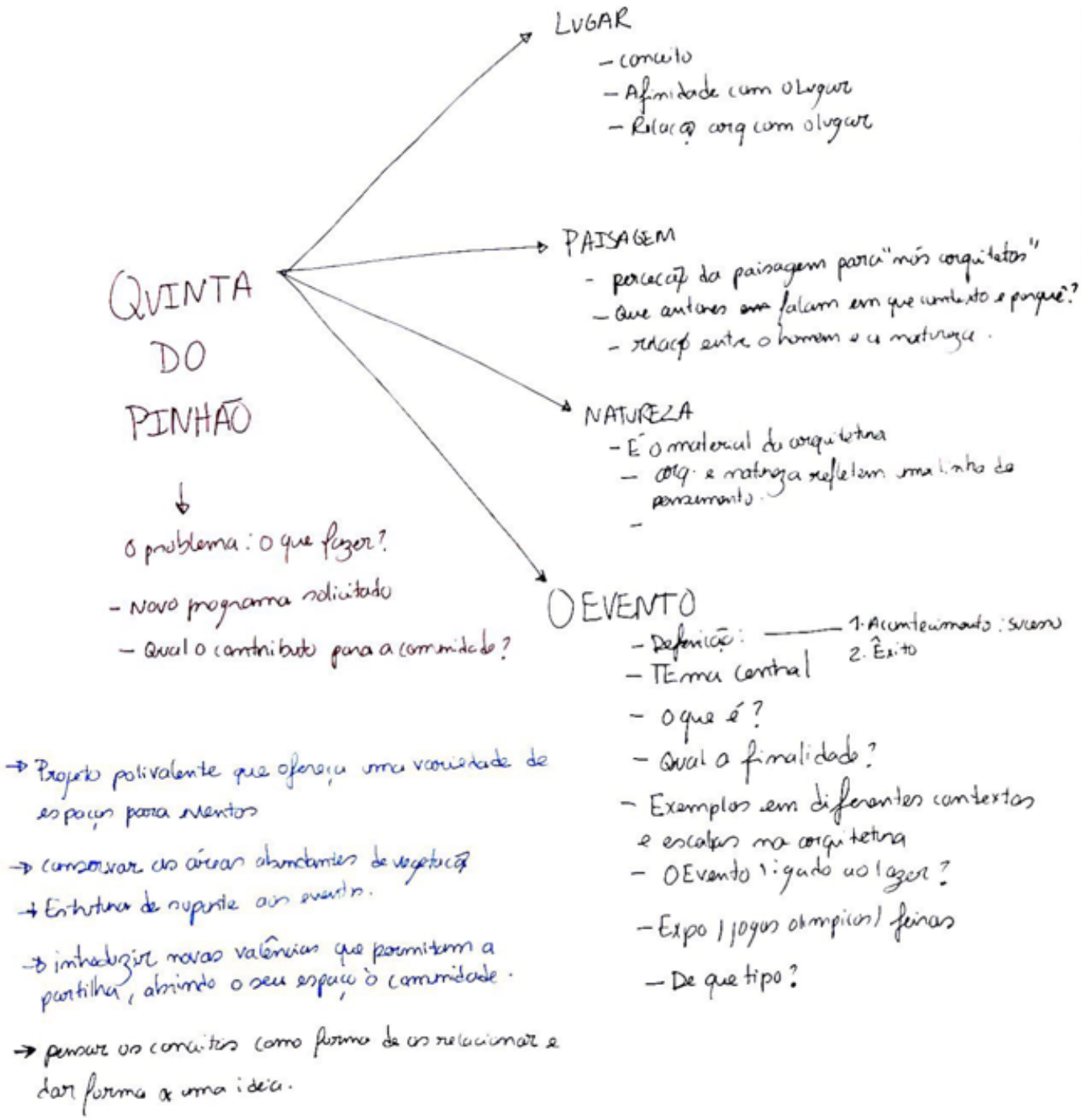
se relaciona/integra

ações que acompanham a envolvente.

sentido a não ser com a natureza" – imaginar o existencial

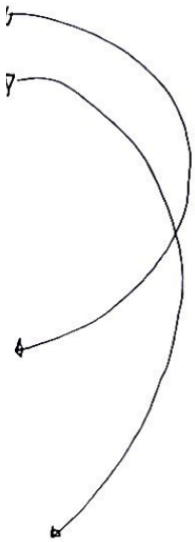
natureza e construção é decisivo na arq. Esta relação fonte permanente de qualquer projeto, representa
no que uma obra" – I a E

a natureza e as pré existências permite sentir o ambiente e a organização do espaço" – I a E.



Esquema:

Relação entre a Quinta e os temas



compreender a inserção da proposta para criar um diálogo com a memória do lugar

"A ideia de Lugar"

Casa da cultura ≠ **Quinta de eventos**

→ utilizado para atividades culturais e recreativas.

→ palco de diversas manifestações artísticas e culturais.

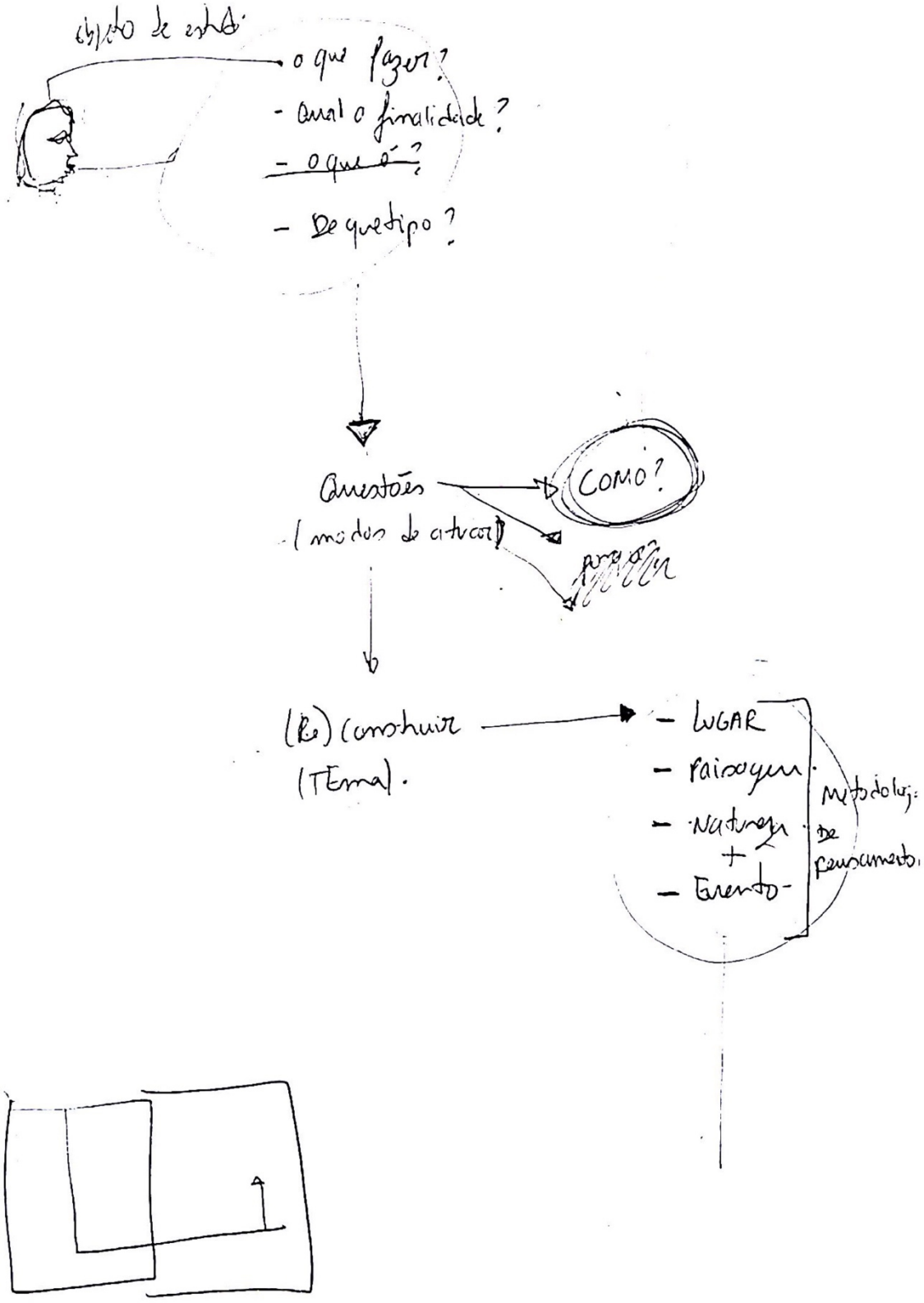
Algumas instalações:

- Biblioteca.
- Salas de exposição.
- Gabinetes.
- Bar/esplanada
- Jardins.

- eventos + particulares

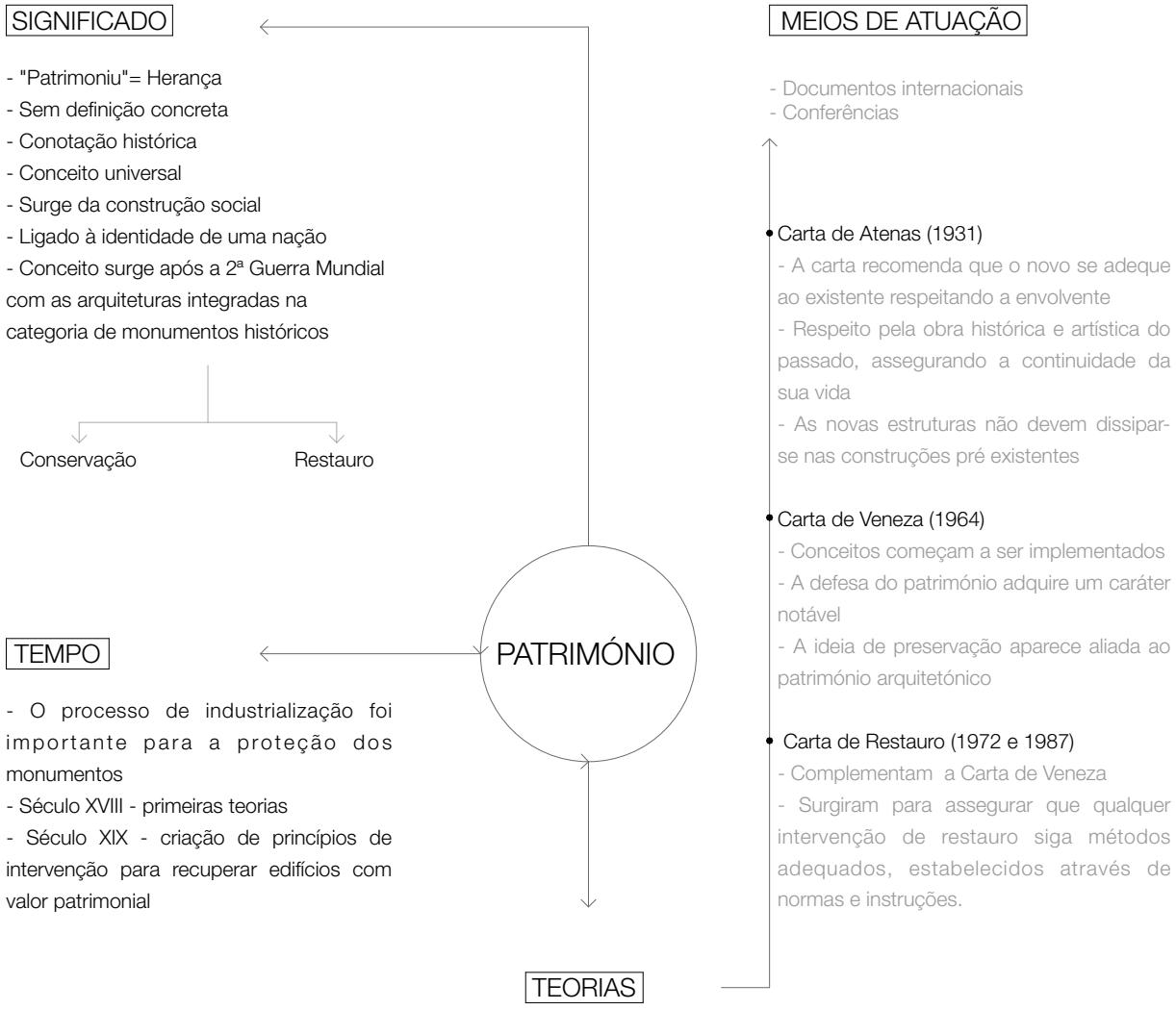
instalações

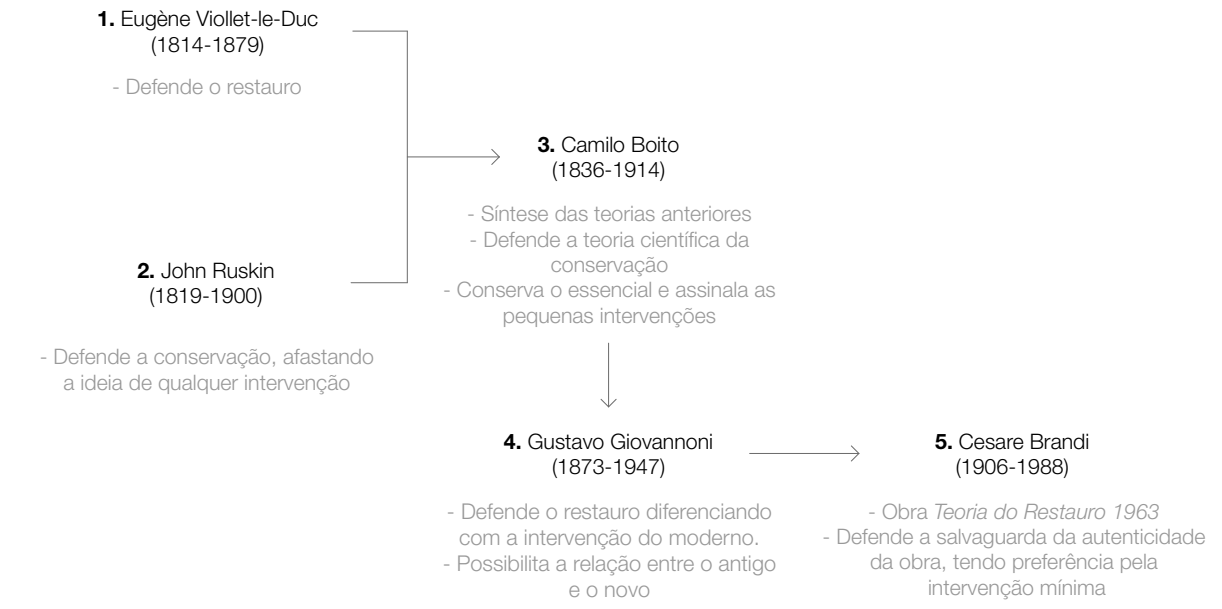
- Salões
- Zonas ajardinadas.
- Cozinha.
- espaço para cerimónia civil.



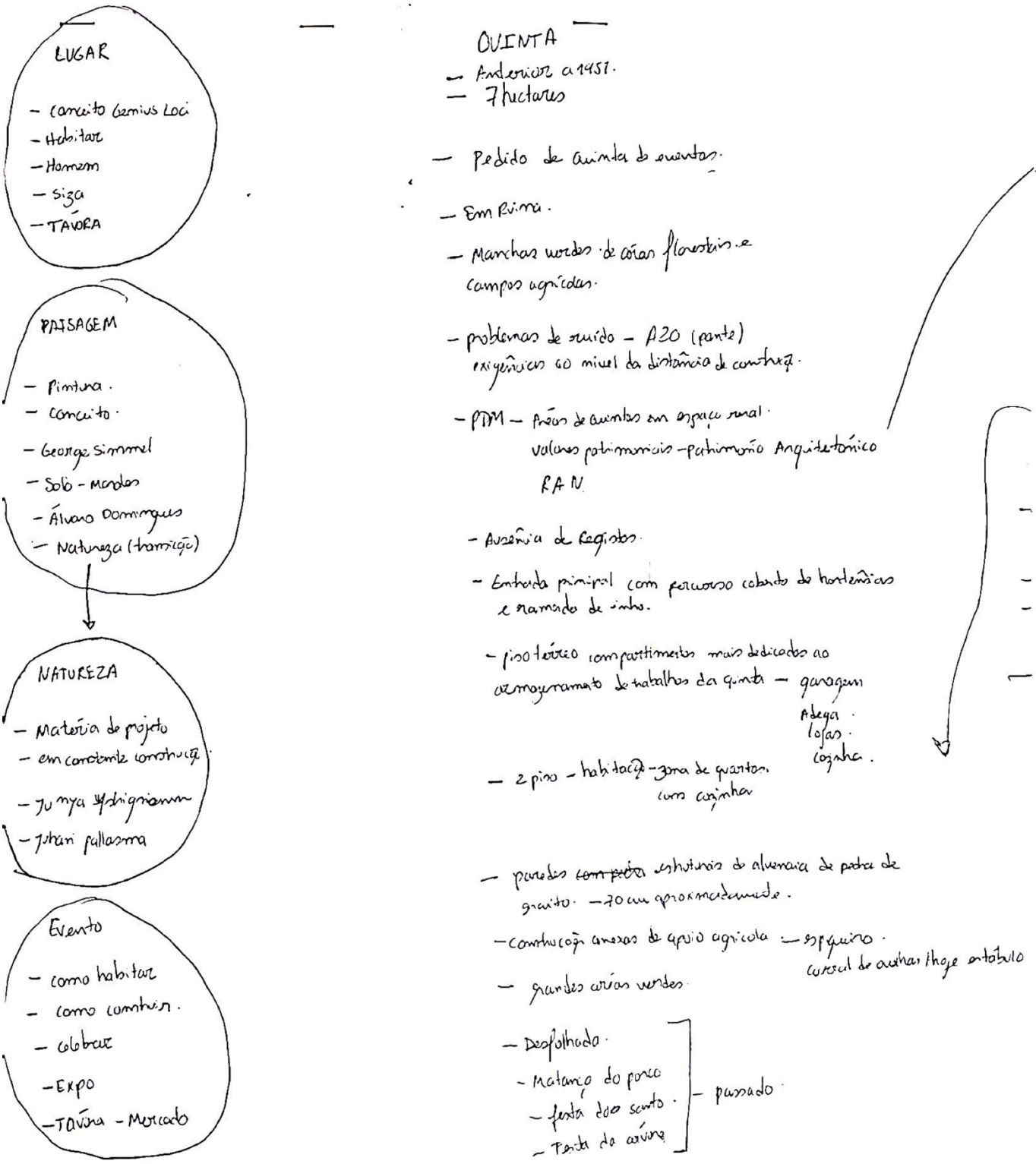
Esquema:

Relação de ideias e metodologias





Esquema:
relação de ideias sobre o Património



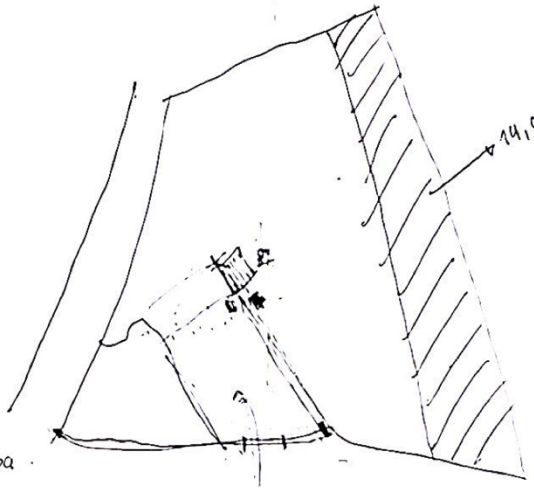
Esquema:

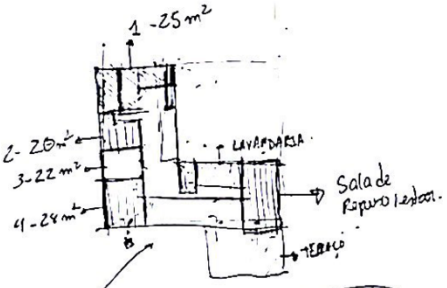
Relação entre temas, Quinta e projeto

PATRIMÓNIO

- Conceito
  - Adalberto Dias
  - Eugene violet le Duc
  - John Ruskin
  - ...
- o lugar como património

Como matéria de projeto





- como valorizar? Não há uma resposta precisa.

- TÁVORA → Recuperação existência complementar-se.
- NUNO Brandão costa.
- Francisco Barata → Quintas → quintas da carteira viçosa.

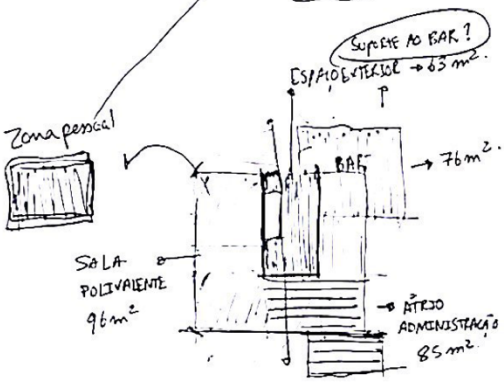
Quinta do Prado - celorico de Basto.

REFERÊNCIAS - Recorrer a um banco de imagens mentais

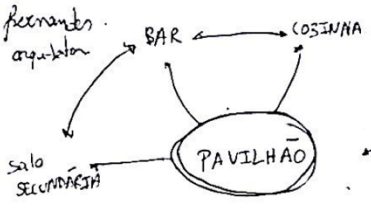
- casa e quinta da carlinha
- casa do primo Madeira e Anexos
- casa quinta da corveda.
- casa de pardelhas
- quinta da Gruta
- casa do Ribeirinho e o pavilhão Multiusos.

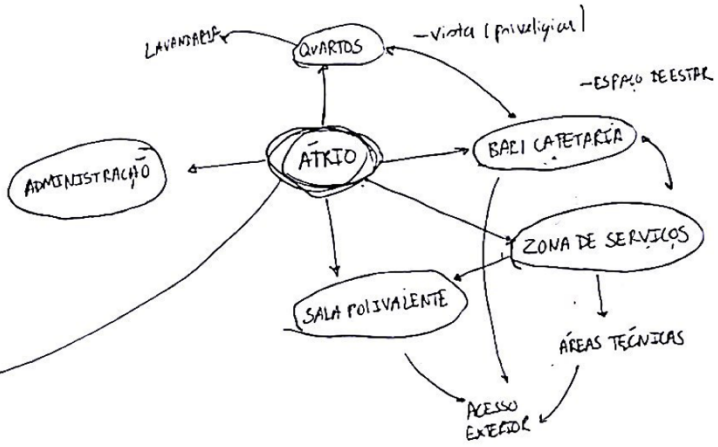
Quinta do Ribeiro, Santo Tirso.
Revista com Isla.

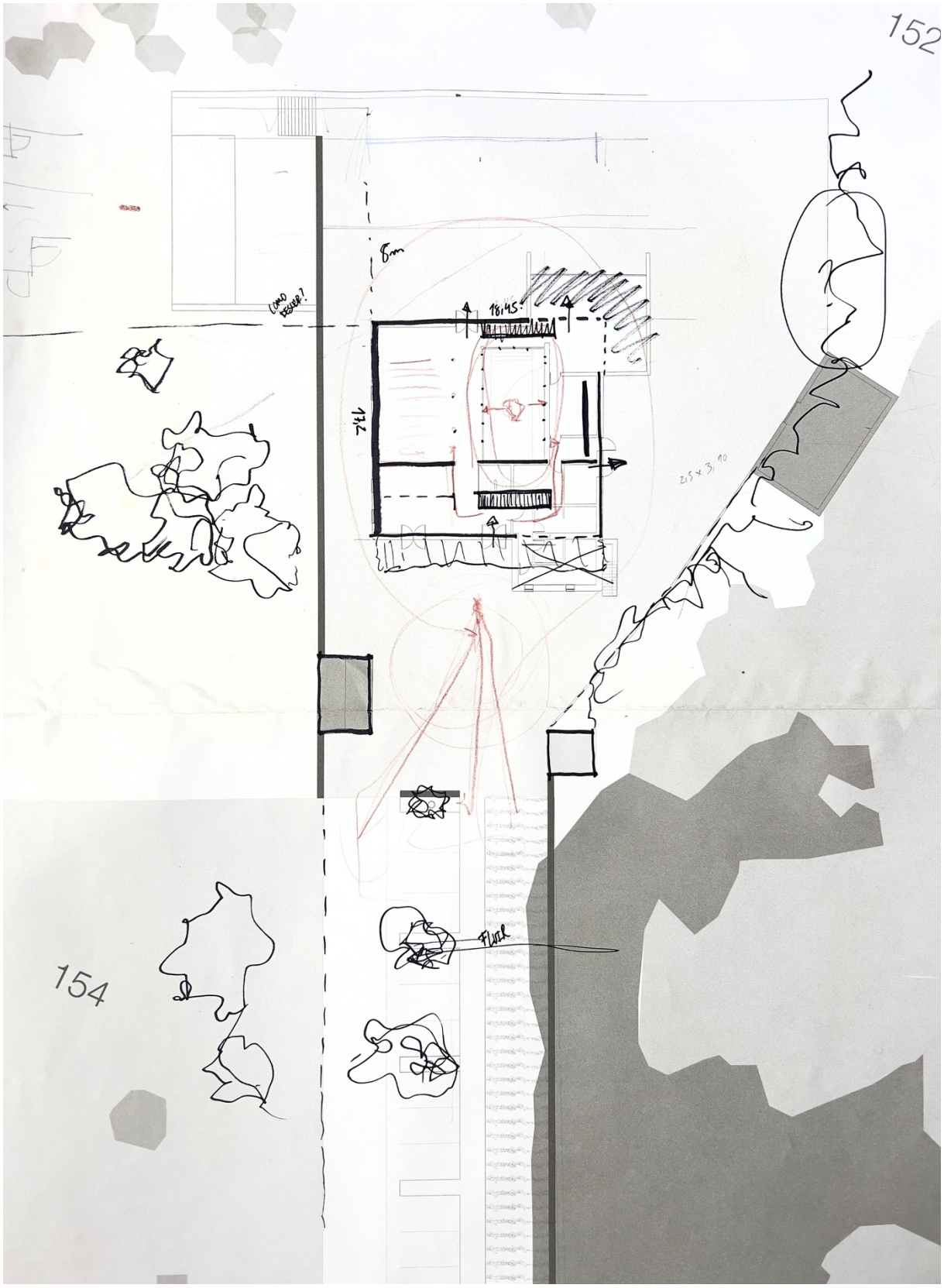
PROGRAMA:



Biblioteca.
- Barata Pereira.
- Barata arquitetos

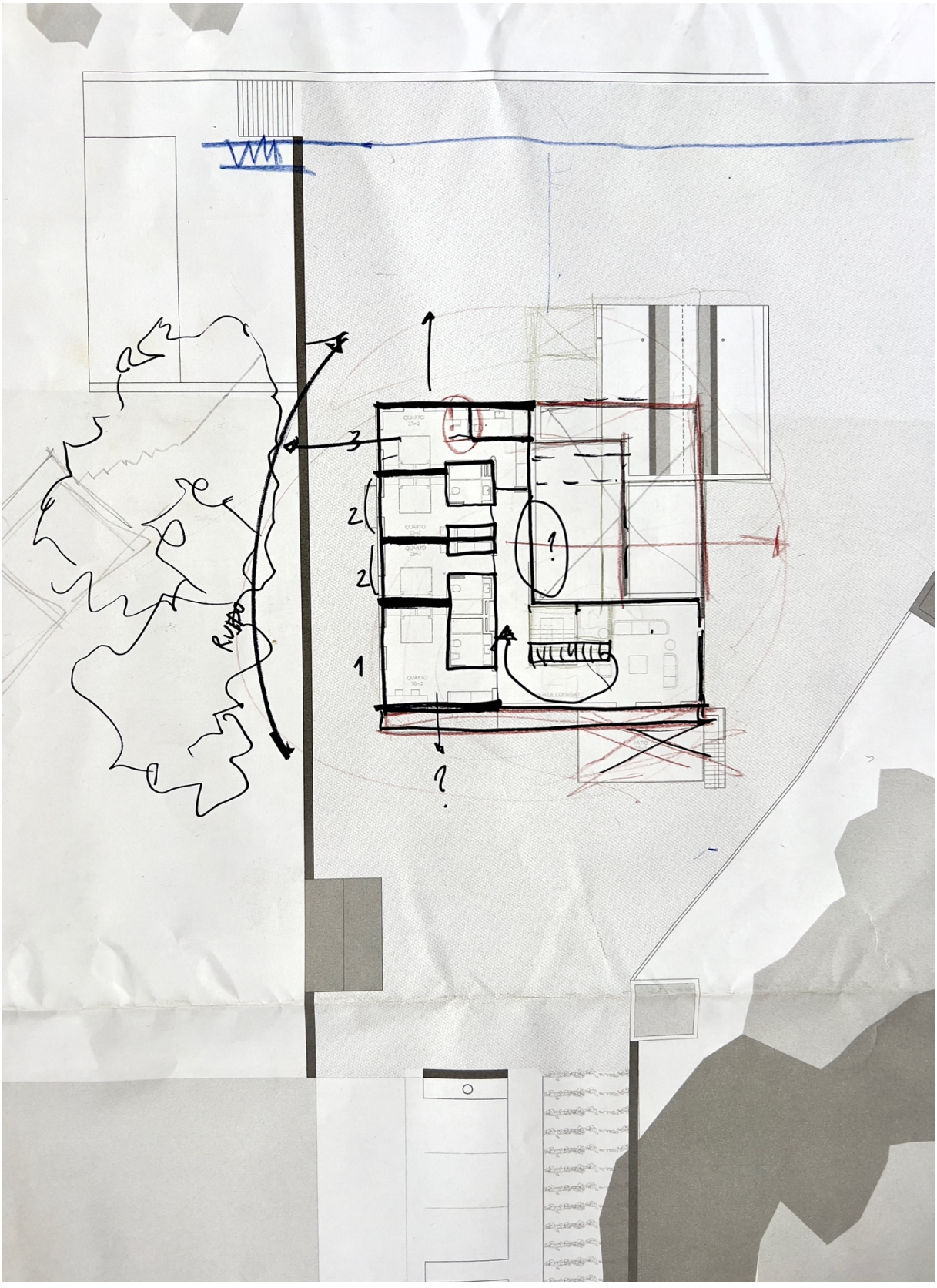




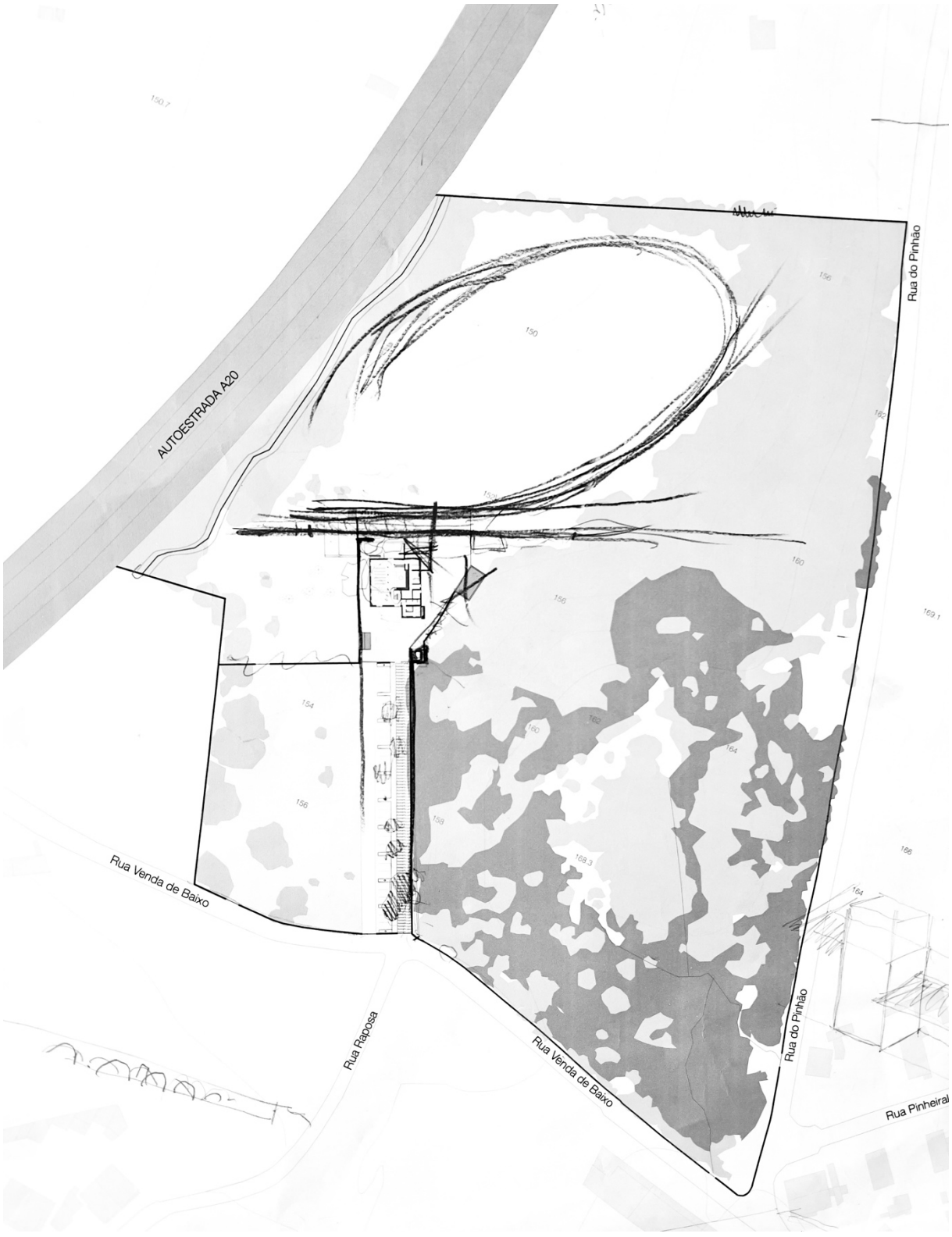


Desenho de estudo:

Relação piso do rés-do-chão com o exterior



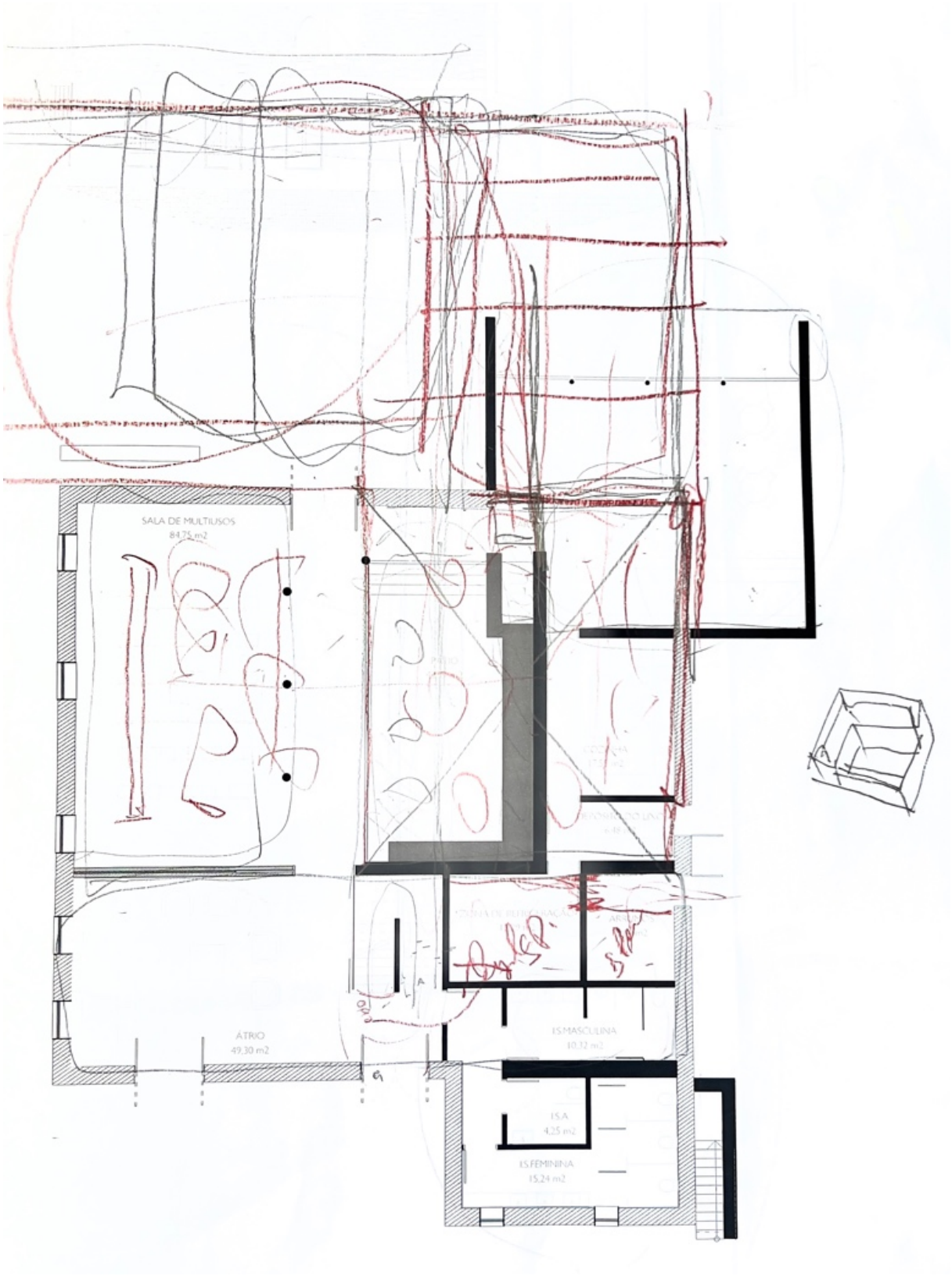
Desenho de estudo:
Relação do piso 1 com o exterior



Desenho de estudo:
Relação de percursos



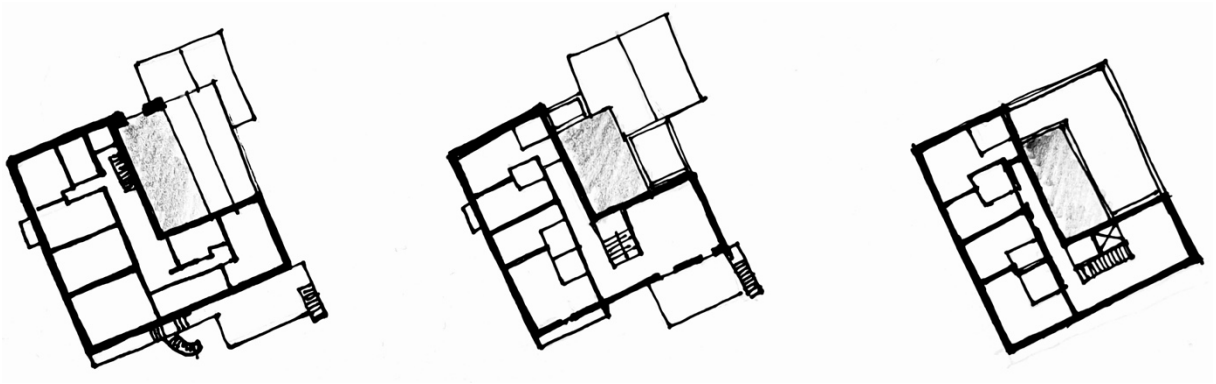
Desenho de estudo:
Relação do edifício com as áreas exteriores



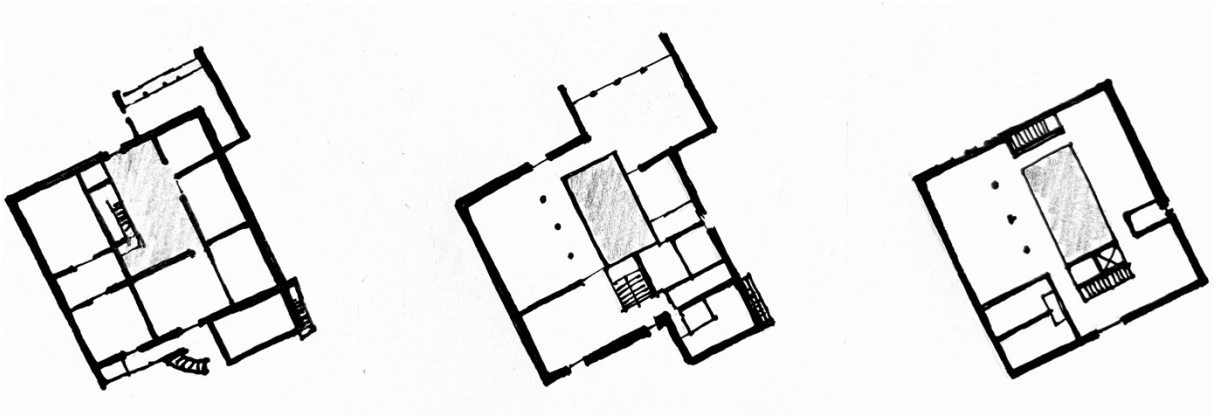
Esquisso do piso térreo de processo

Preexistência **Processo** **Proposta final**

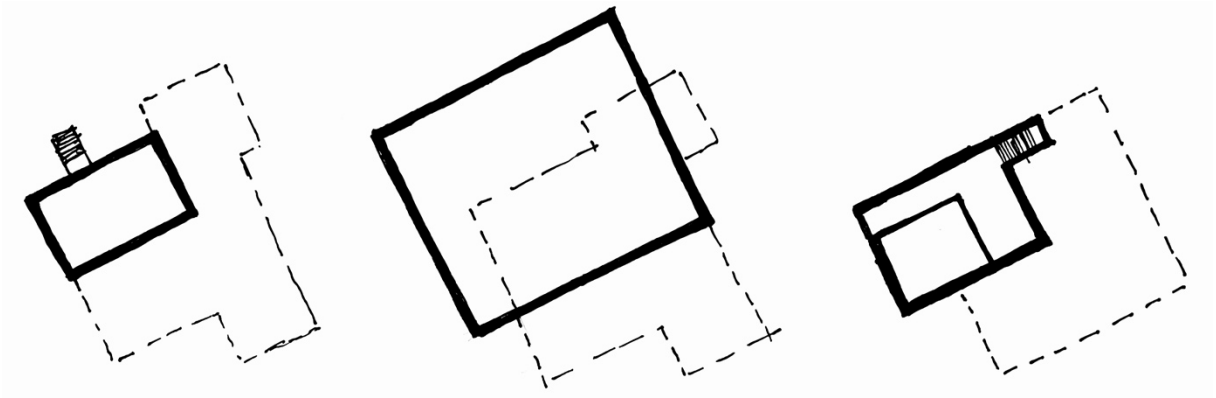
PISO 1



PISO TÉRREO



PISO -1



Desenhos de estudo:
Plantas de evolução do edifício

A Quinta do Pinhão.
A (Re)Contrução de um Lugar.

Catarina Rodrigues Soares

FACULDADE DE ARQUITETURA